



**Politécnico  
de Viseu**

Escola Superior  
de Educação  
de Viseu

PV -ESEV 2026

O Professor Contador de Histórias na Lecionação de Educação Visual e Educação Tecnológica

Maria Isabel da Costa Legoinha Camelo Lopes

## **O Professor Contador de Histórias na Lecionação de Educação Visual e Educação Tecnológica**

Maria Isabel da Costa Legoinha Camelo Lopes

2026



**Politécnico  
de Viseu**

Escola Superior  
de Educação  
de Viseu

## **O Professor Contador de Histórias na Lecionação de Educação Visual e Educação Tecnológica**

Maria Isabel da Costa Legoinha Camelo Lopes

### **Relatório Final de Estágio**

Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação de  
Professora Doutora Ana Souto e Melo



## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE CIENTÍFICA

Maria Isabel da Costa Legoinha Camelo Lopes n.º 7049, do curso de Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básica da Escola Superior de Educação de Viseu, declara sob compromisso de honra, que o Relatório Final de Estágio é inédito e foi especialmente escrito para este efeito.

Viseu, 4 de julho de 2025

O(A) Aluno(a)

*Isabel Lopes*

---

## **Agradecimentos**

Primeiramente, o meu profundo agradecimento a Deus, pela saúde e por todas as pessoas maravilhosas que colocou no meu percurso.

De seguida, quero expressar a minha mais sincera e profunda gratidão ao meu marido e ao meu filho. Acompanharam-me nesta aventura sem nunca questionar a minha continuidade, mesmo nos momentos mais críticos. O vosso apoio foi, e é, inabalável.

À minha comadre, um muito obrigada por me ter ajudado a enfrentar os meus medos. Estou-lhe eternamente grata por ter acreditado em mim desde o primeiro instante.

Ao meu grande amigo Pedro Araújo, por me ter apoiado e ajudado a encontrar disponibilidade para avançar com este e outros projetos nestes dois anos.

Aos meus mais recentes, mas já para sempre amigos, Madalena Arantes e João Pinto, um obrigada sentido, por terem sido companheiros incansáveis neste percurso. Ouviram atentamente todas as minhas dúvidas e motivaram-me nos momentos certos, o que fez toda a diferença.

Por último, mas de forma alguma menos importante, uma menção especial à minha orientadora, a Professora Doutora Ana Melo. O seu apoio e orientação estiveram presentes até ao último momento, acompanhando-me com uma dedicação e sabedoria exemplares.

A todos, o meu muito obrigada!

## **Resumo**

Este Relatório Final de Estágio apresenta uma reflexão crítica sobre as Práticas de Ensino Supervisionadas nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica, integrando uma investigação sobre a abordagem do "Professor Contador de Histórias na lecionação de Educação Visual e Educação Tecnológica". Em que os objetivos consistem em perceber como a dinamização de histórias como ferramenta pedagógica pode contribuir para o envolvimento dos alunos nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica, avaliando a percepção dos alunos sobre a relevância dessa abordagem e analisando a opinião dos professores acerca da sua eficácia. A investigação identificou que a utilização de histórias, em Educação Visual e Educação Tecnológica, quando narradas de forma expressiva, aumenta o envolvimento dos alunos, promovendo a compreensão dos conhecimentos. Os professores reconheceram a eficácia desta abordagem, sublinhando a necessidade de formação em técnicas narrativas. A análise dos dados recolhidos, através de grupos focais e observações, evidenciou que as histórias melhoram a experiência educativa e são essenciais para a formação integral dos alunos, proporcionando um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e interativo. Este relatório propõe a narrativa como uma ferramenta pedagógica inovadora e eficaz.

Palavras-Chave: Educação Visual, Educação Tecnológica, Ensino/ Aprendizagem, Envolvimento, Narrativas.

## **Abstrat**

This Final Internship Report presents a critical reflection on the Supervised Teaching Practices in the subjects of Visual Education and Technological Education, integrating an investigation into the approach of the “Storytelling Teacher in teaching Visual Education and Technological Education.” The objectives are to understand how the use of storytelling as a pedagogical tool can contribute to students' engagement in Visual Education and Technological Education, assessing students' perceptions of the relevance of this approach and analyzing teachers' opinions regarding its effectiveness. The investigation identified that the use of stories, when narrated expressively, increases student engagement in Visual Education and Technological Education, promoting the understanding of knowledge. Teachers recognized the effectiveness of this approach, highlighting the need for training in narrative techniques. The analysis of data collected through focus groups and observations demonstrated that stories enhance the educational experience and are essential for the holistic development of students, providing a more dynamic and interactive learning environment. This report proposes narrative as an innovative and effective pedagogical tool.

Keywords: Visual Education, Technological Education, Teaching/Learning, Engagement, Narratives.

## Índice Geral

Índice de Figuras.....	VIII
Índice de Tabelas.....	IX
Introdução Geral.....	1
<b>Parte I – Reflexão crítica sobre as práticas em contexto .....</b>	<b>2</b>
<b>Nota Introdutória .....</b>	<b>3</b>
<b>Contextualização dos estágios desenvolvidos.....</b>	<b>4</b>
<b>1. Prática de Ensino Supervisionada I.....</b>	<b>4</b>
1.1. Contextualização da Instituição.....	4
1.2. Plano Anual de Atividades.....	5
1.3. Contextualização das turmas observadas .....	5
1.4. Sala de aula - organização espacial, material disponível e organização.....	8
1.5. Plano Anual de Atividades das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica .....	11
<b>2. Prática de Ensino Supervisionada II e III.....</b>	<b>13</b>
2.1. Regulamento Interno .....	13
2.2. Projeto Educativo.....	14
2.3. Plano Anual de Atividades.....	15
2.4. Recursos materiais, técnicos e humanos adstritos à prática profissional de lecionação das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica .....	16
2.5. Caracterização das turmas e análise dos Projetos Curriculares de Turma .....	18
2.5.1. Caraterização da Turma 5º ano.....	18
2.5.2. Caraterização da Turma 6º Ano .....	19
<b>3. Análise das práticas Observadas e concretizadas nas Práticas de Ensino Supervisionadas I, II e III .....</b>	<b>20</b>
3.1. Prática de Ensino Supervisionada I.....	20
3.2. Prática de Ensino Supervisionada II.....	21
3.3. Prática de Ensino Supervisionada III.....	23
<b>4. Apreciação crítica das competências profissionais desenvolvidas nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica .....</b>	<b>26</b>
<b>Parte II - Projeto de Investigação .....</b>	<b>30</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>31</b>
<b>1. Enquadramento Teórico .....</b>	<b>35</b>
1.1. Contextualização e pressupostos da disciplina de Educação Visual e Educação tecnológica .....	35
1.2. A intersecção da Educação Visual e Educação Tecnológica com a Narrativa ....	37
<b>2. O Lugar das Histórias na escola.....</b>	<b>38</b>
2.1. O contributo da narração de histórias para a aprendizagem.....	38

2.2. Motivação e aprendizagem: O contributo do contador de histórias .....	39
2.3. As funções das histórias na educação e no desenvolvimento humano .....	41
<b>3. O contador de histórias .....</b>	<b>42</b>
3.1. O papel do contador de histórias na transmissão de narrativas significativas .....	42
3.2. As habilidades expressivas e narrativas necessárias para um contador de histórias .....	43
<b>4. O professor contador de histórias .....</b>	<b>45</b>
4.1. A importância da formação dos professores na arte de contar histórias.....	45
4.2. Estratégias e abordagens do professor contador de histórias .....	46
<b>5. Metodologia .....</b>	<b>50</b>
5.1. Caracterização do tipo de investigação .....	50
5.2. Participantes .....	50
5.3. Pedidos de autorização e Procedimentos.....	53
<b>6. Instrumentos de Recolha de Dados .....</b>	<b>54</b>
6.1. Observação participante .....	54
6.2. Grupo focal .....	56
<b>7. Técnicas de Análise de Dados .....</b>	<b>57</b>
7.1. Análise de conteúdo .....	57
7.2. Transcrição.....	57
7.3. Categorias .....	58
<b>8. Mapeamento das atividades implementadas .....</b>	<b>58</b>
<b>9. Apresentação de Resultados .....</b>	<b>63</b>
<b>10. Discussão dos Resultados / Conclusões.....</b>	<b>68</b>
Referências Bibliográficas .....	71
Anexos.....	75

## Índice de Figuras

Figura 1 - Sala de aula Escola Básica Ferreira Lapa.....	9
Figura 2 - Arrecadação Escola Básica Ferreira Lapa.....	10
Figura 3 - Sala do Futuro da Escola Ferreira Lapa.....	11
Figura 4- Salas e Materiais Escola Básica Viso .....	17
Figura 5 - Agamógrafo 25 de Abril .....	21
Figura 6 - Atividade Estruturas.....	22
Figura 7 - Atividade Património em Azulejo .....	24
Figura 8 - Atividade Desenho Avariado .....	24
Figura 9 - Atividade Bingo .....	24
Figura 10 Dinamização da História A Inês e a Arte contemporânea na sala de aula adaptada .....	60
Figura 11 Dinamização da História A Inês e a Arte contemporânea .....	60
Figura 12 Dinamização da História O Movimento .....	61

## **Índice de Tabelas**

Tabela 1 Caracterização participantes - alunos .....	52
Tabela 2 Caracterização participantes - professores .....	52

## **Introdução Geral**

No âmbito da obtenção do grau de Mestre em Ensino de Educação Visual e Educação Tecnológica, apresentamos o presente Relatório Final de Estágio. Este relatório é estruturado em duas partes principais: na primeira parte, refletimos sobre as experiências e os desafios enfrentados durante as Práticas de Ensino Supervisionadas nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica, contextualizando a prática docente no ambiente escolar; na segunda parte, discutimos a investigação realizada com foco na abordagem do 'Professor Contador de Histórias' como uma ferramenta pedagógica, que pretende potenciar o envolvimento dos alunos ao longo dos anos letivos de 2023/2024 e 2024/2025, nas instituições de ensino como a Escola Básica Ferreira Lapa, em Sátão, e a Escola do 2º e 3º Ciclo do Viso, em Viseu.

Este relatório reflete sobre as metodologias e as estratégias pedagógicas utilizadas, destacando a importância da narrativa de histórias nas aulas como ferramenta para o envolvimento dos alunos. O objetivo da investigação, focou-se em como integrar estas narrativas nas aulas. Através deste projeto, pretendeu-se compreender de que forma a utilização de histórias pode contribuir para um ambiente de aprendizagem dinâmico e inclusivo.

As análises incluídas neste relatório abrangem a descrição das práticas observadas, as características das turmas, as planificações pedagógicas, o contexto institucional e a importância da colaboração entre professores e a comunidade educativa. A estrutura deste documento foi organizada de forma a facilitar a compreensão das diversas dimensões do processo educativo.

Na parte I, realizaremos uma reflexão crítica sobre as práticas em contexto das práticas de Ensino Supervisionadas I, II e III, enquanto que a parte II é dedicada ao projeto de investigação implementado, no sentido de reforçar a ligação entre a prática educativa e as narrativas, visando uma educação mais significativa e integradora.

## **Parte I – Reflexão crítica sobre as práticas em contexto**

## **Nota Introdutória**

A presente parte I do Relatório destina-se a apresentar uma reflexão crítica sobre as práticas observadas e implementadas durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES) nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. Neste contexto, analisa-se a relevância da experiência profissional docente, reconhecendo a importância da observação de professores experientes e de colegas de estágio, bem como da interação na realidade educativa no processo de formação docente.

Os estágios, realizados na Escola Básica 2, 3 de Ferreira Lapa, no Sátão, e na Escola Básica 2, 3 do Viso, em Viseu, proporcionaram uma oportunidade para aplicar os conhecimentos teóricos/práticos adquiridos durante o Mestrado e para compreender os contextos sociais e institucionais que influenciam a prática pedagógica. Este percurso formativo permitiu-nos observar as dinâmicas das aulas e a diversidade dos alunos.

Na primeira secção, contextualizaremos os estágios desenvolvidos, analisando as características das instituições de ensino, as infraestruturas disponíveis, o perfil dos alunos e os recursos humanos envolvidos. Seguidamente, exploraremos as especificidades das turmas observadas e lecionadas, evidenciando as suas dinâmicas e necessidades educativas, de forma a identificar as adaptações pedagógicas necessárias para promover uma aprendizagem efetiva e inclusiva. Através desta análise crítica, pretende-se descrever as práticas e refletir sobre as metodologias e estratégias adotadas, avaliando a sua eficácia no que respeita ao desenvolvimento das competências dos alunos nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. A intenção é fornecer uma visão abrangente e fundamentada que contribua para a melhoria contínua da prática educativa, alinhando-se com os objetivos delineados para formação docente.

Esta reflexão crítica será essencial para a construção de um discurso pedagógico que valorize a interligação entre a prática e a investigação, reforçando a necessidade de uma formação contínua e de um constante diálogo com a comunidade educativa. A Parte I do relatório assume um papel central na consolidação das aprendizagens adquiridas ao longo da prática de ensino supervisionada, promovendo uma visão integrada da formação de futuros professores.

## **Contextualização dos estágios desenvolvidos**

A formação profissional em ambiente escolar é uma componente fundamental na formação de futuros professores, permitindo a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos em contexto real de ensino. Os estágios realizados nas escolas representaram um espaço de aprendizagem e a oportunidade de compreender o contexto socioeconómico, cultural e educativo que influencia a prática docente. Neste sentido, a contextualização dos estágios desenvolvidos oferece uma visão abrangente sobre as instituições onde decorreu esta experiência.

### **1. Prática de Ensino Supervisionada I**

#### **1.1. Contextualização da Instituição**

O Agrupamento de Escolas de Sátão, localizado no concelho de Sátão, distrito de Viseu, na região centro de Portugal, possui uma população de aproximadamente 11.030 habitantes e uma estrutura constituída por nove freguesias. A região, com recursos hídricos como os rios Vouga, Côja, Paiva e Sátão, atraiu populações ao longo dos anos. Notáveis vestígios históricos, da pré-história, corroboram a relevância cultural da área. A escolarização melhorou, com mais pessoas a concluir o ensino secundário e superior, apesar de a população ativa inscrita no IEFP ser de apenas 6,2% em 2021.

O Agrupamento inclui diversas instituições de ensino, desde jardins de infância até à Escola Secundária Frei Rosa Viterbo, desde 1982. Embora tenham sido feitas melhorias, ainda existem áreas que requerem manutenção. Os recursos disponíveis, incluindo suporte técnico e pedagógico, favorecem as aprendizagens, mas há necessidade de atualização dos equipamentos informáticos. O agrupamento também dispõe de salas especializadas e um Centro de Apoio à Aprendizagem, além de bibliotecas que participam ativamente em programas de leitura.

No ano letivo de 2021/2022, o Agrupamento contava com 1.247 alunos e 179 professores, apoiados por assistentes técnicos e operacionais. A inclusão é uma prioridade, seguindo as diretrizes do Decreto-Lei nº 54/2018, permitindo que os alunos tenham acesso a diversas medidas de apoio. O ambiente escolar é diverso, refletindo a presença de alunos de diferentes origens sociais, e o Agrupamento realiza atividades solidárias para auxiliar famílias em situação de vulnerabilidade. Apesar da diminuição no número de alunos, a ênfase na educação inclusiva é visível, com medidas especializadas para ajudar na recuperação das aprendizagens.

## **1.2. Plano Anual de Atividades**

O Plano Anual de Atividades (PAA) do Agrupamento de Escolas de Sátão para o ano letivo de 2023/2024, Escolas de Sátão (2022), é um instrumento fundamental que impulsiona o desenvolvimento do currículo e promove a autonomia da escola. Este planeamento, em sintonia com o mote da escola "Um Mundo para Todos" e com a missão do agrupamento de "construir uma escola para todos, onde cada um se sinta parte integrante e importante", tem como propósitos principais motivar os alunos para as aprendizagens curriculares, aumentar o interesse dos alunos e fomentar a participação ativa na vida escolar. Pretende também estimular a criatividade e promover o envolvimento da comunidade educativa no dia a dia do agrupamento.

O PAA engloba uma diversidade de atividades pedagógicas e formativas, divididas em três áreas principais: a pedagógica, a formativa e a cultural. Na área pedagógica, são contempladas práticas como leituras dramatizadas, jogos matemáticos, experiências laboratoriais e projetos de investigação, que visam o desenvolvimento de competências académicas. Na área formativa, estão as palestras, debates, concursos e atividades de voluntariado, orientadas para o crescimento pessoal e social dos alunos. Por fim, na área cultural, estão previstas visitas a museus, teatros e concertos, assim como festivais e outras manifestações culturais que visam desenvolver a experiência dos alunos.

O PAA é monitorizado e avaliado ao longo do ano letivo por uma equipa composta por representantes dos diversos órgãos da escola. Esta avaliação considerará a eficácia das atividades, a participação dos alunos, a sua satisfação e o impacto nas aprendizagens.

A flexibilidade do PAA permite que seja adaptado às necessidades e interesses da comunidade educativa, garantindo a sua relevância.

O alinhamento com o tema da escola, a variedade de atividades propostas, a participação de diversos departamentos curriculares e o envolvimento da comunidade educativa são pontos que fortalecem a eficácia deste plano. A avaliação contínua do PAA é essencial para identificar áreas de melhoria e assegurar a eficácia das atividades propostas.

## **1.3. Contextualização das turmas observadas**

5º Ano

De acordo com o Plano Curricular de Turma, turma do 5º, tem 19 alunos com idades entre os 9 e os 10 anos. A maioria dos alunos vive com ambos os pais, sendo que dois residem com apenas um deles. No que diz respeito ao contexto socioeconómico e familiar, os pais dos alunos possuem formações académicas que variam entre o 3º ciclo do ensino

básico e o ensino superior, desempenhando atividades profissionais em setores como indústria, construção civil, comércio e serviços. Dois alunos pertencem a famílias monoparentais, e um dos irmãos de um dos alunos possui diagnóstico de Surdez Neurossensorial Profunda Bilateral.

A relação entre a escola, as famílias e a comunidade é fomentada através de reuniões periódicas, atividades conjuntas e comunicação constante, enquanto a escola colabora ativamente com a comunidade local em eventos e projetos. No que diz respeito às necessidades educativas específicas dos alunos, alguns apresentam desafios como dislexia, disortografia, Perturbação da Aprendizagem Específica com Déficit na Leitura e na Escrita, e Perturbação de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Estes alunos recebem um acompanhamento especializado de psicólogos, psicopedagogos e terapeutas da fala, sendo implementadas medidas seletivas de apoio à aprendizagem e inclusão, conforme estabelecido pelo Decreto-Lei nº 54/2018, de 6 de julho.

As respostas às necessidades educativas específicas dos alunos incluem adaptações curriculares não significativas, apoio psicopedagógico, antecipação e reforço das aprendizagens, condições especiais de avaliação, acompanhamento por especialistas, terapia da fala, entre outras medidas. O Projeto Curricular de Turma foi concebido com base nas características dos alunos, no contexto socioeconómico e familiar e nas necessidades educativas específicas, definindo objetivos de aprendizagem, conteúdos programáticos, metodologias de ensino e avaliação, bem como estratégias de apoio à aprendizagem.

A turma do 5º ano é um grupo diversificado de alunos com diferentes necessidades e potencialidades, sendo que a escola adota medidas para assegurar que todos tenham acesso a uma educação de qualidade e possam desenvolver plenamente as suas competências. A colaboração entre a escola, as famílias e a comunidade desempenha um papel importante no sucesso dos alunos.

Tendo em conta a observação considerou-se que os alunos do 5º demonstram uma relação positiva com as disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica, beneficiando de um ambiente educativo que promove a autonomia, a criatividade e a colaboração.

## 6ºAno

O Plano Curricular de Turma, refere que a turma do 6º é constituída por 19 alunos, sendo 13 do sexo feminino e 6 do sexo masculino, sem nenhuma retenção no ano anterior. A diversidade é observada na nacionalidade da turma, com a presença de um aluno holandês. Quanto ao contexto socioeconómico, sete alunos beneficiam de Apoio Social de

Inserção, indicando possíveis dificuldades financeiras em algumas famílias, e um aluno tem Necessidades Educativas Específicas, e tem um acompanhamento especializado.

Relativamente à formação dos pais, verifica-se que a maioria possui habilitações ao nível do 3º ciclo do ensino básico e do ensino superior, com uma média de idade de 32 anos. No que diz respeito ao emprego, a maioria dos encarregados de educação trabalha por conta de outrem, contando-se também com casos de desemprego e trabalhadores por conta própria.

A relação escola-família-comunidade é valorizada pela escola, com incentivo à participação dos pais na vida escolar dos seus filhos e colaboração ativa com a comunidade local. Quanto às necessidades educativas específicas, um aluno apresenta Perturbação Articulatória e Fonológica, com medidas personalizadas para o seu acompanhamento e sucesso escolar.

No âmbito das respostas às necessidades educativas específicas, são implementadas adaptações curriculares, consultas especializadas, medicação e apoio em Psicomotricidade e Terapia da Fala. A diferenciação pedagógica e inclusão são promovidas para todos os alunos, visando a equidade educativa.

O PCT define os Domínios de Autonomia Curricular e Cidadania e Desenvolvimento, com destaque para o tema unificador "Um Mundo para Todos". Projeto de Educação Sexual aborda questões fundamentais como identidade de género, relações afetivas, e responsabilidade, com o intuito de preparar os alunos de forma abrangente e responsável para uma vida sexual saudável e segura.

Os alunos do 6º- demonstram um envolvimento significativo nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica, destacando-se a partir das experiências vivenciadas durante as aulas. O papel ativo do professor foi essencial para orientar os alunos na pesquisa, escolha de opções, resolução de conflitos e para fomentar a resiliência e o diálogo no ambiente de aprendizagem.

#### 6º Ano

A turma é constituída por 25 alunos, sendo 13 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, com idades entre os 11 e os 12 anos. Quanto ao contexto socioeconómico, a maioria dos alunos pertence a famílias de classe média, embora alguns enfrentem dificuldades socioeconómicas. A maioria vive com ambos os pais, ainda que existam casos de pais com habilitações diversas, desde o ensino básico completo ao secundário.

A relação escola-família-comunidade passa por reuniões periódicas, atividades envolventes e participação ativa das famílias. As necessidades educativas específicas incluem dislexia, discalculia, TDAH e dificuldades de aprendizagem, para as quais são

adotadas medidas como apoio individualizado, adaptação curricular e formação dos professores.

O Projeto Curricular da turma está alinhado com as Orientações Curriculares Nacionais, abrangendo áreas como Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, Ciências Sociais e Humanísticas, Educação Física, Artes Visuais, Música, Formação Cívica e Ética, e Tecnologia da Informação e Comunicação. Projetos transversais como Educação para a Saúde, Ambiente, Rodoviária e Sexual também são integrados.

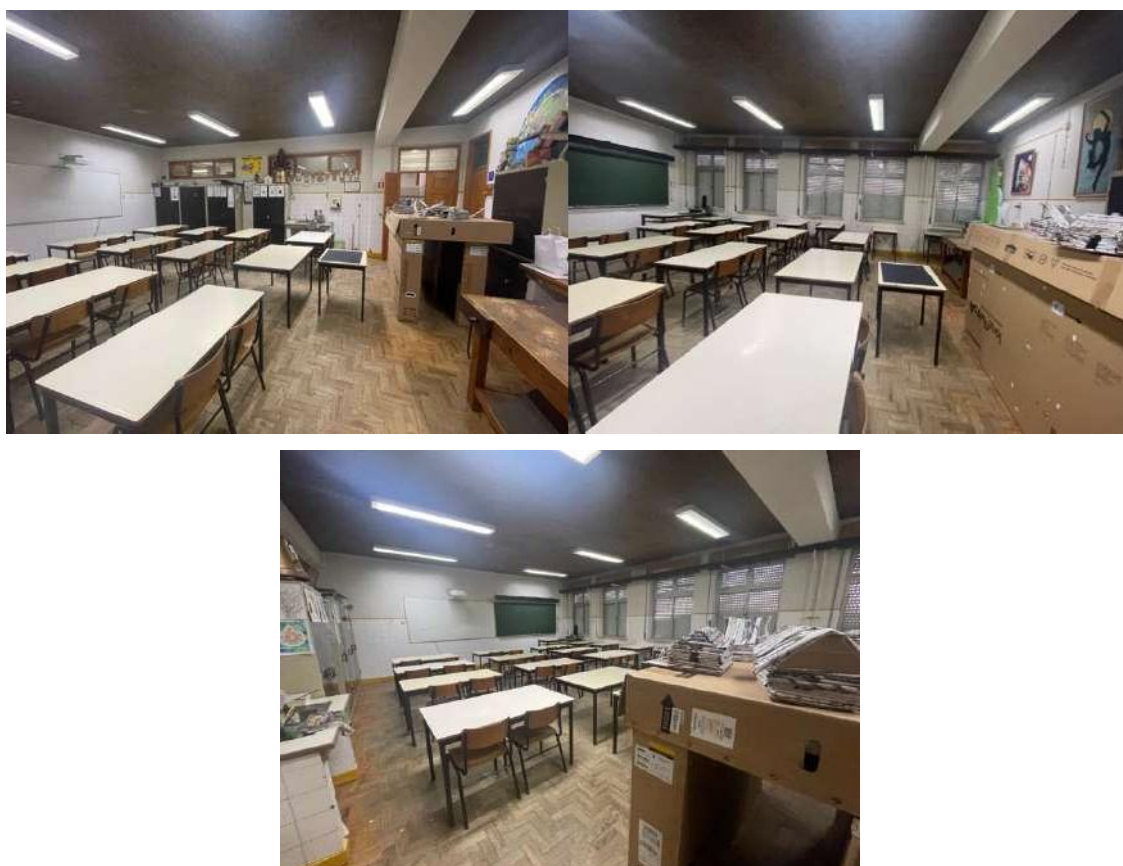
A turma do 6.º é heterogênea, refletindo diversidade em origem, capacidades e interesses. A escola tem adotado medidas diversas para responder às necessidades dos alunos e promover o sucesso escolar, com um projeto curricular flexível que se adapta às necessidades individuais dos alunos.

Tendo em conta o que foi observado, considera-se que os alunos do 6ºC apresentam uma relação enriquecedora com as disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica, refletida nas experiências vivenciadas durante as aulas. Enfrentaram desafios que exigiram habilidades técnicas específicas e uma compreensão aprofundada de alguns conceitos. A preparação e orientação oferecidas pelo professor são elementos essenciais para superar essas dificuldades, criando uma dinâmica de apoio e aprendizagem colaborativa.

#### **1.4. Sala de aula - organização espacial, material disponível e organização**

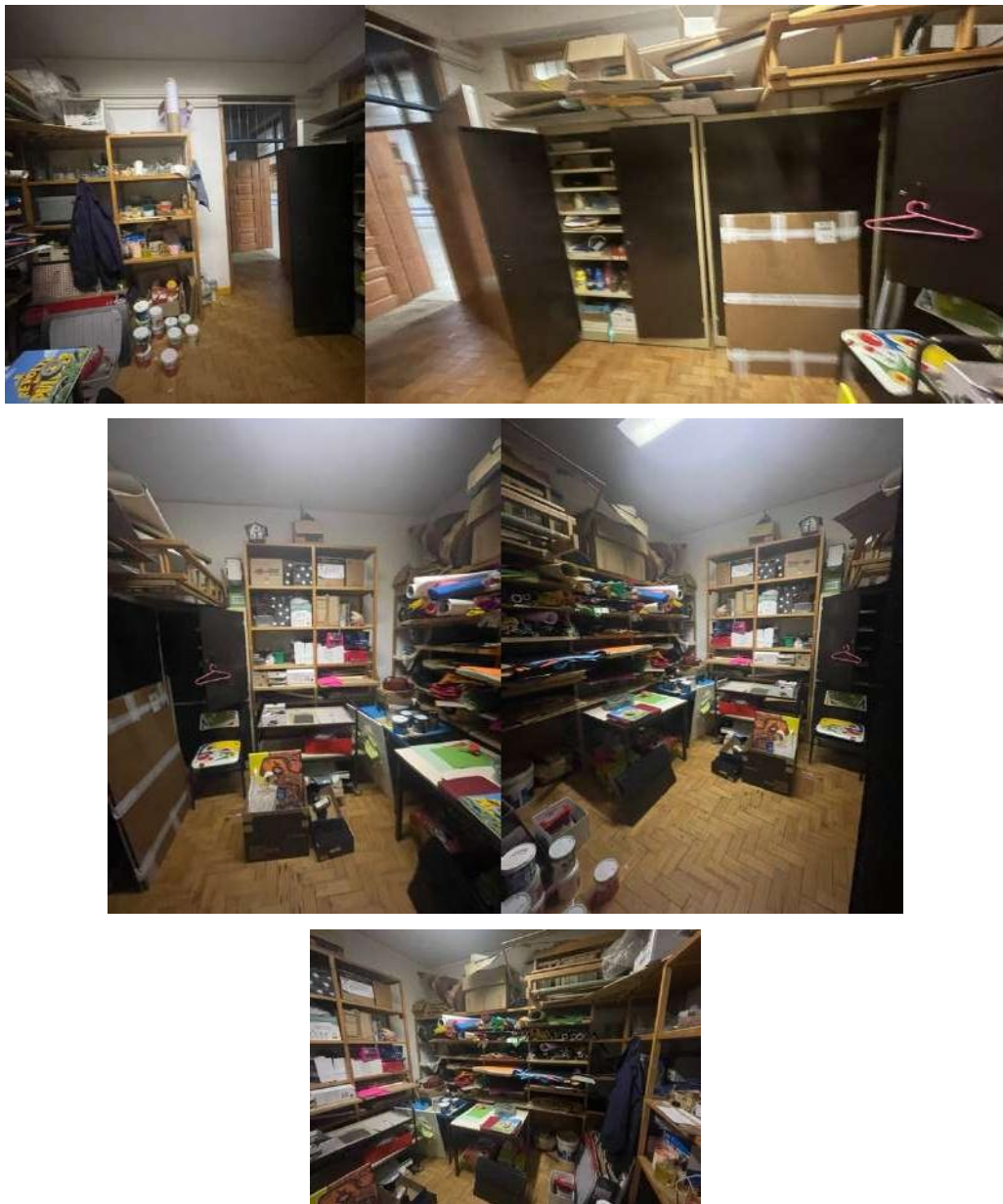
A sala de Educação Visual e Educação Tecnológica é frequentada por todas as turmas da disciplina, o que cria um ambiente de pertença à escola. (Figura1)

**Figura 1 - Sala de aula Escola Básica Ferreira Lapa**



O espaço é dinâmico, facilmente adaptável às diversas atividades que são realizadas. Existe mobília modular, que permitem que o professor reconfigure o espaço de acordo com as necessidades da aula, desde um ambiente tradicional de sala de aula ou algo mais amplo. Há zonas definidas para arrumos, armários e uma arrecadação (Figura 2).

*Figura 2 - Arrecadação Escola Básica Ferreira Lapa*



No fundo da sala e na lateral existem zonas específicas de trabalho e bancadas, e uma parede toda de janelas, que dá uma boa iluminação ao espaço. Na sala de Educação Visual e Tecnológica, existe disponível uma variedade de ferramentas e materiais para os projetos dos alunos. Estes materiais incluem itens como tintas, pincéis, madeira, metal, ferramentas manuais e eletrónicas, entre outros. A organização eficiente desses materiais é fundamental, através de prateleiras e armários para manter a sala arrumada o que facilita o acesso. Existe uma preocupação com a segurança dos materiais, alguns produtos mais perigosos estão guardados adequadamente e os alunos são devidamente instruídos sobre o uso seguro. A comunicação do professor, referente, também a este ponto, mostrou-se fundamental para estabelecer regras de segurança, e evitar acidentes. Incentivar a

responsabilidade dos alunos na organização da sala, como guardar os materiais e manter a limpeza, promove um ambiente de colaboração e comunidade. Estas práticas contribuem para um ambiente propício à aprendizagem prática e criativa, onde os alunos se sentem motivados e seguros para explorar novas ideias e habilidades.

A sala tem algumas ferramentas e materiais para diversos tipos de projetos, incluindo:

- Materiais de arte: tintas, pincéis, lápis, canetas, etc.
- Materiais de construção: madeira, plástico, cartão, etc.
- Ferramentas manuais: serras, martelos, lixas, alicates, etc.
- Equipamentos eletrônicos: computador e projetor.

A escola tem ainda uma sala do futuro, com mais material disponível. (ver figura 3)

*Figura 3 - Sala do Futuro da Escola Ferreira Lapa*



### **1.5. Plano Anual de Atividades das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica**

No plano anual de atividades, Escolas de Sátão (2022), para os professores e alunos de Educação Tecnológica e Educação Visual do 2º ciclo, estão previstas várias atividades. Uma delas é a comemoração do Natal, que inclui a decoração de espaços escolares e a divulgação de uma tradição relacionada com "Cuidar da Casa Comum". Esta atividade envolve diversos alunos e requer materiais como papéis, material de pintura, neve artificial, arame, fios, cola e tesouras, com um orçamento de 100 €.

Outra atividade planeada é a realização de exposições temporárias comemorativas de datas festivas, onde os alunos terão a oportunidade de expor e divulgar os trabalhos desenvolvidos nas aulas de Educação Tecnológica e Educação Visual. Essas exposições ocorrerão nas Escolas Ferreira Lapa e Ferreira de Aves e exigem materiais como papéis, material de pintura, arame, fios, cola e tesouras, com um orçamento de 160 €. Estas atividades visam promover a criatividade dos alunos, valorizar tradições e fomentar a

interação com a comunidade educativa, proporcionando experiências enriquecedoras no âmbito da Educação Visual e Tecnológica.

## **2. Prática de Ensino Supervisionada II e III**

### **2.1. Regulamento Interno**

No Regulamento Interno, o Agrupamento de Escolas do Viso (2024), informa de que forma a gestão do Agrupamento de Escolas de Viso está dividida em diversos órgãos, que funcionam de forma interligada, cada um com competências específicas. O Conselho Geral, é o órgão que define as linhas orientadoras da atividade do agrupamento, composto por representantes do corpo docente, não docente, pais, encarregados de educação e município. Este conselho é responsável pela aprovação do projeto educativo e do regulamento interno, e também define as diretrizes para o orçamento e as atividades do agrupamento.

O Diretor é o principal responsável pela gestão pedagógica e administrativa do agrupamento, apoiado por um subdiretor e adjuntos, que supervisionam a implementação do projeto educativo e a execução dos planos de atividades. Existe o Conselho Pedagógico, que coordena e supervisiona a prática pedagógica, sendo responsável pela elaboração de propostas para o projeto educativo, regulamento interno e formação de docentes. O Conselho Administrativo, encarrega-se da parte financeira e administrativa, aprovando o orçamento e zelando pela legalidade da gestão financeira. Dentro da coordenação pedagógica, que é essencial para o funcionamento eficaz do agrupamento, as estruturas incluem, os Departamentos Curriculares, que asseguram a gestão curricular, organizam o trabalho pedagógico em áreas específicas. Cada departamento é composto por professores da mesma área disciplinar. Os Grupos das disciplinas, que facilitam a articulação e implementação dos planos curriculares em cada disciplina. Os Conselhos de Turma, responsáveis pela gestão curricular específica de cada turma, incluindo a avaliação dos alunos e a articulação entre professores e pais. O Observatório da Qualidade, que monitoriza os resultados de aprendizagem e a autoavaliação do agrupamento, visando a melhoria contínua.

O Regulamento realça a importância da inclusão, evidenciada pela criação de Departamentos de Educação Especial e Equipas Multidisciplinares que pretendem promover a integração de alunos com necessidades educativas específicas, assegurando que todos os alunos participem ativamente na vida escolar. O Regulamento Interno define os direitos e deveres de todos os membros da comunidade educativa. Os alunos têm direitos assegurados, como o direito a uma educação de qualidade e a um ambiente seguro, enquanto os deveres incluem a assiduidade e o respeito pelo ambiente escolar.

A avaliação é uma componente fundamental da estrutura da organização, que inclui a avaliação de alunos, do pessoal docente e não docente. O agrupamento implementa

avaliações regulares e sistemáticas, com feedbacks sobre o desempenho de todos os intervenientes no processo educativo.

O regulamento estabelece mecanismos para garantir que informações relevantes sejam comunicadas a todos os membros da comunidade, assegurando que os direitos e deveres sejam cumpridos e que haja um espaço para sugestões e críticas construtivas.

## **2.2. Projeto Educativo**

O Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas do Viso (2024), ao ser analisado, percebe-se que este orienta-se por princípios que promovem a reflexão, a responsabilidade e a cidadania ativa. A visão é de uma escola inclusiva, plural e democrática. Os valores de solidariedade, tolerância e excelência são centrais, sublinhando a importância de um ambiente onde todos os alunos, independentemente da sua origem, possam prosperar.

O corpo docente é uma das maiores forças do agrupamento, composto na sua maioria por professores do Quadro do Agrupamento, o que garante uma maior estabilidade. O agrupamento trabalha com uma diversidade de recursos humanos, incluindo pessoal não docente e técnicos especializados que contribuem para um ambiente educativo positivo e eficaz.

O Agrupamento de Escolas de Viso tem demonstrado um compromisso com a inclusão educativa, desenvolvendo práticas específicas para alunos com Necessidades Educativas Específicas e promovendo a igualdade de oportunidades. Há uma preocupação em minimizar as barreiras à aprendizagem, oferecendo suporte diferenciado e personalizações curriculares.

A avaliação é uma componente crítica, abrangendo a avaliação interna e externa do desempenho dos alunos, assim como a avaliação do pessoal docente. Os resultados escolares são utilizados para delinear estratégias de melhoria, e um Observatório da Qualidade monitoriza de maneira sistemática a eficácia docente e os resultados de aprendizagem. O envolvimento dos pais e encarregados de educação é considerado essencial no sucesso educativo, e o agrupamento adota estratégias para aumentar esta participação, através das associações de pais e eventos que promovam a interação entre a escola e a comunidade. A escola dispõe ainda de três pavilhões de salas de aula, um pavilhão de educação física, um refeitório, uma biblioteca, uma papelaria, um gabinete de psicologia, um bar, uma sala de música, uma sala de convívio, um auditório, uma sala de professores, uma secretaria, um gabinete dos membros da direção, uma sala de ensino especial e salas específicas de Físico-Química.

O espaço exterior é igualmente bem equipado, com áreas verdes, mesas e bancos, mesas de pingue-pongue e um campo de futebol, que proporcionam aos alunos um ambiente saudável, tanto para a prática de atividades académicas como para o lazer e o

convívio social. O agrupamento é ativo em criar parcerias com instituições locais e regionais, estabelecendo colaborações que ampliam as oportunidades de aprendizagem e promovem a formação integral dos alunos. Esta abordagem também visa integrar a escola na realidade socioeconómica da região.

O Agrupamento apresente vários pontos positivos, no entanto, é importante reconhecer os desafios, como o aumento do número de alunos com dificuldades de aprendizagem e a necessidade de uma melhor articulação curricular entre os ciclos de ensino. O projeto educativo propõe intervenções estratégicas para abordar estas questões, estimulando um ambiente de constante inovação pedagógica.

A estrutura orgânica do Agrupamento de Escolas de Viso, conforme exposta no Projeto Educativo, evidencia um compromisso com a qualidade educativa, inclusão, e a participação da comunidade. A abordagem holística deste agrupamento, ao integrar diversos agentes e promover um ambiente colaborativo, apresenta uma sólida fundação para o sucesso educativo dos alunos, tornando-se uma referência no contexto escolar da região. A prática de ensino supervisionada que ocorre nesta instituição beneficia-se dessa estrutura, propiciando um espaço educativo diversificado.

### **2.3. Plano Anual de Atividades**

A escola não disponibiliza do Plano Anual de Atividades, no entanto, houve a oportunidade de observar e participar em diversas atividades que fazem parte do Plano Anual de Atividades da escola, evidenciando a dinâmica envolvente do ambiente educativo. Estas atividades são apenas algumas das muitas iniciativas realizadas, que promovem o conhecimento e a formação integral dos alunos, refletindo a missão da escola de proporcionar experiências significativas.

Um dos momentos em destaque foi o Projeto Erasmus+, que trouxe alunos estrangeiros à escola. A receção destes alunos realçou-se por apresentações que visavam facilitar a sua integração, proporcionando um intercâmbio cultural. Esta iniciativa ampliou a visão dos alunos da nossa escola em relação a diferentes realidades culturais e fomentou a empatia e o respeito pela diversidade.

Outra atividade foi o Centenário de Camões, onde alunos prepararam poemas que foram recitados, cantados e musicados. Durante esta celebração, a participação dos professores nas apresentações reforçou a noção de comunidade dentro da escola e evidenciou a importância da valorização da cultura e da língua portuguesa, permitindo aos alunos vivenciar a literatura nacional de forma prática e expressiva.

As celebrações do 25 de Abril também foram uma parte significativa do programa. Os alunos realizaram cravos, símbolo da liberdade, e embelezaram a escola, promovendo a reflexão sobre a importância do respeito pela democracia e pela liberdade.

Durante a Semana da Leitura, a nossa turma do 5º ano foi incentivada a iniciar as aulas com a leitura em voz alta de um livro selecionado. O entusiasmo demonstrado durante estas leituras evidenciou a importância de desenvolver o gosto pela leitura desde tenra idade.

O Dia do Agrupamento também se destaca, com a participação dos alunos dos 5º e 6º anos em atividades de interturmas no Futsal. As atividades ao ar livre proporcionaram um espaço onde puderam interagir e apresentar as suas habilidades, contribuindo para um ambiente escolar mais coeso e divertido.

Estas são apenas algumas das atividades que fazem parte do Plano Anual de Atividades da escola, todas elas contribuindo para um ambiente de aprendizagem diversificado. A articulação entre estes eventos e a colaboração entre docentes e discentes exemplificam uma abordagem holística da educação, onde o saber ultrapassa os limites da sala de aula e se traduz numa formação completa dos alunos.

#### **2.4. Recursos materiais, técnicos e humanos adstritos à prática profissional de lecionação das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica**

A escola conta, atualmente, com quatro professores na lecionação de Educação Visual e Educação Tecnológica do 2º ciclo. A presença de diferentes professores permite uma diversidade de abordagens pedagógicas, o que favorece o processo educativo e proporciona um ambiente colaborativo que promove a troca de ideias e metodologias.

As aulas de Educação Visual e Educação Tecnológica (Figura 4) decorrem em duas salas especificamente equipadas, que oferecem um espaço adequado para a exploração criativa e tecnológica. Cada uma das salas está equipada com materiais diversos que apoiam a prática de ensino e a execução de projetos pelos alunos. Estes materiais incluem:

- Materiais Riscadores, de corte e ferramentas: A escola disponibiliza uma variedade de materiais, como lápis, marcadores, tintas, grafites, tesouras, régua.

- Materiais de Suporte: A oferta de papéis variados, suportes para desenho e superfícies para construção permite que os alunos experimentem diferentes técnicas.

Existe ainda um armário com todas as ferramentas manuais e elétricas, que são essenciais para as atividades. Uma das salas dispõe ainda de uma mufla. Ambas as salas têm um projetor, computador e internet.

A escola possui uma arrecadação que guarda todos os materiais necessários às disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. Este espaço é de livre acesso para os professores do Grupo de Artes Visuais, o que facilita o trabalho conforme as

necessidades do projeto curricular. A gestão e organização dos materiais nesta arrecadação são fundamentais para garantir que os professores tenham sempre à disposição os recursos adequados para as suas aulas.

Um outro aspeto importante é a existência de um espaço reservado para guardar as capas, materiais e trabalhos dos alunos. Este espaço promove a valorização do trabalho dos alunos e contribui para a organização e o acompanhamento do progresso de cada aluno nas disciplinas.

Figura 4- Salas e Materiais Escola Básica Viso



## **2.5. Caracterização das turmas e análise dos Projetos Curriculares de Turma**

### **2.5.1. Caracterização da Turma 5º ano**

A Turma D do 5.º ano da Escola Básica de Viso, que integra o Agrupamento de Escolas de Viso, em Viseu, é composta por um total de 21 alunos, sendo 14 do sexo masculino e 7 do sexo feminino. Esta turma demonstra uma dinâmica de grupo interessante e diversificada, refletindo a realidade da sociedade contemporânea.

Em termos de nacionalidade, a maioria dos alunos é portuguesa, com 20 alunos provenientes de Portugal e apenas 1 aluno de nacionalidade brasileira. A faixa etária dos alunos varia predominantemente entre os 10 e os 12 anos, sendo que a média de idade é de 10,14 anos. Esta diversidade etária e cultural pode ser um ponto positivo, pois melhora a convivência e a partilha de experiências entre os alunos.

Importa referir que a turma não apresenta casos de retenção, uma vez que todos os alunos estão a progredir de forma eficaz no seu percurso escolar. De acordo com os dados, nenhum dos alunos registou negatividades no ano letivo anterior, o que sugere um bom desempenho académico global.

Na turma, são observados 6 alunos com Apoio de Suporte Educativo, dos quais 1 é do escalão C (necessidades mais elevadas), 3 do escalão B (necessidades moderadas) e 2 do escalão A (necessidades ligeiras). Este apoio é importante para garantir que todos os alunos conseguem acompanhar o ritmo da turma e superar eventuais dificuldades.

Todos os alunos da turma estudam a língua inglesa como língua estrangeira, revelando assim um bom nível de familiaridade com idiomas, o que é positivo para o desenvolvimento das competências linguísticas no contexto escolar. Os alunos expressam-se sobre as suas preferências académicas, sendo a matemática a disciplina mais apreciada, seguida de português e educação física.

Em relação, aos hábitos de sono, verificou-se que a maioria dos alunos dorme entre 7 e 8 horas por noite, sendo este um fator importante para o bem-estar e rendimento escolar. A maioria dos alunos afirma que estuda em casa e tem acesso a computador e internet, o que facilita a pesquisa e o aprofundamento dos conhecimentos abordados nas aulas.

Em termos de estrutura familiar, a maioria dos alunos vive com os pais, sendo que alguns residem com irmãos. Este ambiente familiar é importante para o apoio ao estudo e à realização das atividades escolares. A formação académica dos encarregados de educação revela uma diversidade significativa, com 7 casos de licenciatura, 9 de ensino secundário e um número considerável de pais a trabalhar por conta de outrem.

## 2.5.2. Caracterização da Turma 6º Ano

A Turma F do 6.º ano da Escola Básica de Viso, pertencente ao Agrupamento de Escolas de Viso, Viseu, apresenta uma configuração diversa, refletindo uma pluralidade de contextos sociais, culturais e académicos. Com um total de 29 alunos, sendo 15 do sexo masculino e 14 do sexo feminino, esta turma demonstra uma equilibrada distribuição de géneros. Em termos de nacionalidade, a maioria dos alunos é portuguesa, totalizando 21 alunos. A diversidade é também visível, com 4 alunos oriundos do Brasil, 1 do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, 1 de Angola, 1 da Ucrânia e 1 da Venezuela.

Essa variedade de origens melhora a experiência de aprendizagem, promovendo um ambiente multicultural que pode favorecer o desenvolvimento da empatia e da compreensão intercultural. A idade média dos alunos é de 11,03 anos, com a maioria a apresentar idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos. Esta faixa etária sugere que os alunos estão na fase de desenvolvimento típico para a sua escolaridade, embora seja relevante notar a presença de algumas discrepâncias em termos de maturidade e desenvolvimento. A turma é notável por não apresentar retenções nos anos letivos anteriores, refletindo um desempenho académico positivo. Apenas 2 alunos tiveram negativas no último ano letivo, especificamente na disciplina de Matemática. A grande maioria dos alunos (27) considera-se um aluno “bom”, evidenciando uma perceção positiva em relação ao desempenho escolar.

As disciplinas favoritas variam, com destaque para a Matemática e as Ciências, enquanto o Português é a disciplina menos apreciada por alguns alunos. O interesse pelos Estudos e pelo Desenho também se faz notar, indicando a diversidade de áreas de gosto e potencialidades da turma. No que respeita às necessidades educativas, 9 alunos possuem algum tipo de Apoio Educativo Especial (ASE), distribuídos entre os escalões A, B e C. Esta informação é fundamental para a implementação de estratégias pedagógicas adaptadas, com o objetivo de garantir que todos os alunos, independentemente das suas necessidades, tenham iguais oportunidades de sucesso.

No contexto de aprendizagem, a maioria dos alunos afirma aprender melhor nas aulas, embora uma parte considere que o estudo individual também é eficaz. A dinâmica entre as diferentes abordagens de aprendizagem deve ser valorizada e explorada pelos docentes para promover uma experiência educativa mais inclusiva.

Em relação ao ambiente familiar, a maioria dos alunos vive com os pais e irmãos, criando um lar estável que pode influenciar positivamente o desempenho escolar e bem-estar emocional. Sobre o uso de tecnologias, 14 alunos têm computador em casa, e 17 possuem ligação à internet, o que lhes permite aceder a recursos educativos online.

Quanto aos interesses fora do ambiente escolar, muitos alunos dedicam-se a atividades lúdicas como ver televisão, ouvir música e praticar desporto. Esses momentos de lazer são fundamentais para o desenvolvimento social e emocional dos alunos, proporcionando um equilíbrio saudável entre a vida académica e as atividades recreativas.

### **3. Análise das práticas Observadas e concretizadas nas Práticas de Ensino Supervisionadas I, II e III**

#### **3.1. Prática de Ensino Supervisionada I**

A Prática de Ensino Supervisionada I representou uma etapa importante na formação, permitindo-nos explorar dinâmicas pedagógicas e iniciar uma nova construção de identidade profissional. A reflexão sobre as aulas observadas, continua a reverberar no nosso entendimento sobre uma abordagem educativa centrada no aluno, em que o professor assume o papel de facilitador da aprendizagem, promovendo a autonomia e a criatividade dos alunos. As experiências adquiridas nesse período desempenharam um papel significativo na prática pedagógica subsequente.

Recordamos a forma como o docente criou um ambiente de aprendizagem inclusiva, que valorizava a diversidade dos alunos. A expressão "Vamos Rodear", utilizada pelo professor para incentivar a comunicação efetiva, foi um exemplo da dinâmica colaborativa que facilitou a exploração de novas formas de expressão artística pelos alunos. Essa relação próxima entre o professor e os alunos evidenciou uma consciência profunda das necessidades individuais de cada aluno. Outro aspeto observado foi a gestão do tempo e a habilidade de adaptar as atividades ao ritmo de aprendizagem dos alunos. O uso de feedback contínuo e avaliações formativas permitia uma monitorização do progresso e uma individualização das estratégias de ensino, respeitando as particularidades de cada aluno. Percebemos, ao analisar as práticas específicas observadas que o compromisso do professor com a inclusão traduziu-se na implementação de estratégias diferenciadas que atendiam a diversos estilos de aprendizagem. Esta flexibilidade possibilitou que cada aluno desenvolvesse capacidades de forma significativa. Por exemplo, as atividades de pesquisa e colaboração para a construção do agamógrafo sobre o 25 de abril permitiu aos alunos trabalharem em grupo, e tiveram de resolver conflitos e de expressar ideias, por ser esta uma atividade que exigia o contributo efetivo de todos os elementos ( Figura 5).

Figura 5 - Agamógrafo 25 de Abril



Nas aulas que abordaram temas como estruturas e energias, o professor fez uso de recursos visuais e experiências práticas, permitindo que os alunos aplicassem conhecimentos matemáticos e científicos em contextos concretos. A abordagem interdisciplinar ajudou a criar ligações entre o currículo e o cotidiano dos alunos, despertando interesse. As discussões orais incentivaram a participação ativa, o que contribuiu para o desenvolvimento de competências de comunicação e pensamento crítico. Relembramos também momentos em que surgiram desafios, incluindo comportamentos de alguns alunos. A capacidade do professor de se adaptar a situações imprevistas demonstrou capacidade de liderança e reflexão profissional. O ambiente de respeito e empatia, com o apoio individualizado, foram fundamentais para garantir que cada aluno se sentisse valorizado e respeitado. As reuniões finais dos períodos, nas quais se discutiram as necessidades dos alunos, evidenciaram a importância do trabalho colaborativo entre professores, técnicos e direção de turma na criação de estratégias para apoiar cada aluno. O diálogo aberto sobre as dificuldades e progressos individuais refletiu um compromisso conjunto com o desenvolvimento integral dos alunos.

As práticas observadas demonstraram um compromisso com a promoção da autonomia, criatividade e inclusão. A diversidade das estratégias pedagógicas utilizadas, a preocupação com o bem-estar emocional dos alunos e a ênfase na aprendizagem significativa foram elementos que moldaram este percurso.

### 3.2. Prática de Ensino Supervisionada II

A Prática de Ensino Supervisionada II nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica na Escola Básica do Viso proporcionou uma diversificada experiência de aprendizagem, tanto para os alunos quanto para as estagiárias. Iniciamos a Prática de Ensino Supervisionada II com a premissa de que um ambiente seguro e acolhedor é fundamental para que os alunos se sintam motivados a participar. Momentos como a partilha de experiências pessoais contribuíram para estabelecer ligações afetivas, permitindo que os alunos se sentissem valorizados e ouvidos.

A implementação de atividades práticas, como a construção de estruturas com materiais do cotidiano (Figura 6), fomentou a criatividade, e estimulou o trabalho de grupo.

*Figura 6 - Atividade Estruturas*



A tendência para um trabalho mais isolado no processo criativo foi combatida pelo incentivo à colaboração, uma estratégia que se provou eficaz ao permitir que os alunos se ajudassem mutuamente. No entanto, a gestão das dinâmicas de grupo e a definição de responsabilidades são aspectos que necessitam de contínua revisão para garantir a equidade na participação de todos os alunos.

As atividades que promovem reflexão, como a autoavaliação, foram uma parte importante do processo de aprendizagem. Permitiram que os alunos analisassem os resultados dos trabalhos e o processo que conduziu a esses resultados. Contudo, é necessário estruturar essas reflexões para que todos os alunos se sintam capazes de

contribuir, evitando que aqueles que são menos assertivos fiquem à margem das discussões.

A gestão do tempo emergiu como um desafio constante. Em diversas aulas, a pressão para cumprir a planificação conduziu a atividades apressadas que prejudicaram a profundidade da aprendizagem. Por isso, a necessidade de planificar com uma visão flexível é realçada, permitindo adaptar os tempos de acordo com as dinâmicas da turma e o progresso dos alunos.

O alinhamento entre as aprendizagens essenciais e as atividades desenvolvidas foi um ponto forte, as disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica demonstraram, no decurso da prática, que é possível criar uma interligação entre conceitos artísticos e técnicos, promovendo uma aprendizagem interdisciplinar. No entanto, algumas atividades careceram de conexão mais explícita entre conhecimento teórico e prático, o que poderia ter sido ajustado através de exemplos e demonstrações visuais.

As reflexões sobre a prática docente contribuem para a evolução pedagógica. A autoavaliação permitiu identificar os pontos fortes e as áreas a melhorar.

### **3.3. Prática de Ensino Supervisionada III**

A Prática de Ensino Supervisionada III nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica na Escola Básica do Viso revelou-se uma experiência intensa. Foi um semestre de aprendizagens significativas, tanto para os alunos como para as professoras estagiárias. Durante este período, observamos e participamos ativamente em diversas atividades que proporcionaram a aprendizagem técnica e artística e permitiram um ambiente de respeito, colaboração e reflexão crítica.

O primeiro ponto a realçar é a importância de um ambiente de aprendizagem seguro e acolhedor. Desde o início, fomos incentivadas a criar um espaço onde os alunos pudessem expressar as suas ideias e emoções sem medo de julgamento. Assim como nas aulas anteriores, as atividades propostas incentivaram a partilha de experiências, estabelecendo conexões entre os alunos. Foi possível garantir que todos se sentissem valorizados e incluídos no processo, uma vez que promovemos o diálogo e a escuta ativa.

A articulação entre os conhecimentos de Educação Visual e Educação Tecnológica foi evidente nas unidades de trabalho, como a “Nova Linguagem da Arte Contemporânea” e “Património em Azulejo” ( Figura 7).

Figura 7 - Atividade Patrimônio em Azulejo



Estas atividades permitiram que os alunos desenvolvessem competências técnicas e promovem a criatividade e a expressão pessoal. A utilização de diferentes recursos e técnicas artísticas, despertou o interesse dos alunos, reforçando a relevância da aprendizagem prática.

O recurso a jogos lúdicos, como o “Desenho Avariado” (Figura 8) e o “Bingo” (Figura 9), foi particularmente eficaz.

Figura 8 - Atividade Desenho Avariado



Figura 9 - Atividade Bingo



Essas atividades ajudaram a introduzir conceitos teóricos de forma envolvente, demonstrando que a aprendizagem pode ser divertida e significativa. O entusiasmo observado durante estas dinâmicas demonstra como a metodologia ativa pode trazer resultados positivos no envolvimento dos alunos.

Apesar das experiências positivas, alguns desafios emergiram. A gestão do tempo e as dinâmicas de sala de aula foram pontos que exigiram atenção contínua. Em várias ocasiões, houve agitação entre os alunos, que muitas vezes influenciou a concentração e o foco nas atividades. A abordagem reativa das professoras ajudou a gerir esses momentos, mas a implementação de normas e estratégias preventivas pode ser um passo importante para criar um ambiente ainda mais propício à aprendizagem.

A adaptação às necessidades individuais dos alunos também se mostrou importante. Observar que alguns alunos tinham dificuldades em seguir as instruções ou em concluir atividades revela uma oportunidade para melhorar a prática pedagógica. A necessidade de uma instrução e o reforço na diferenciação do ensino, pode contribuir para que todos os alunos consigam acompanhar o ritmo da turma.

As práticas de autoavaliação foram um fator significativo do processo de aprendizagem. Permitir que os alunos refletissem sobre os seus trabalhos e recebessem feedback dos colegas promoveu a consciência crítica e ajudou a desenvolver habilidades essenciais. A preocupação em criar um espaço onde os alunos se sintam à vontade para discutir as suas experiências e resultados é um aspeto a ser mantido e fortalecido nas futuras práticas.

A Prática de Ensino Supervisionada III proporcionou um espaço para o desenvolvimento profissional e a reflexão crítica sobre a prática pedagógica. A integração das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica, juntamente com a promoção de um ambiente de aprendizagem seguro e colaborativo, foram fundamentais para a realização das atividades. As aprendizagens adquiridas neste semestre reforçam a importância de uma prática reflexiva e adaptativa. O compromisso com o desenvolvimento integral dos alunos e a criação de um ambiente inclusivo continuarão a ser as nossas prioridades na educação.

#### **4. Apreciação crítica das competências profissionais desenvolvidas nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica**

No âmbito da lecionação de Educação Visual e Educação Tecnológica, foram proporcionadas oportunidades significativas de crescimento pessoal e profissional. Nesta apreciação crítica procuro aprofundar os aspetos da preparação, execução e desempenho ético, e refletir sobre as aprendizagens e experiências que surgiram durante este processo.

A planificação das atividades letivas desempenhou um papel fundamental no sucesso do processo de ensino-aprendizagem. Durante o estágio, a preparação das unidades de trabalho, foram realizadas considerando as diferenças dos alunos, os objetivos curriculares e as exigências específicas de cada disciplina. Este alinhamento permitiu que as atividades fossem relevantes e significativas, promovendo uma aprendizagem para lá da mera memorização de conhecimentos. Esta abordagem é fundamental, pois, como destaca Nóvoa (2023)

A educação é muito mais do que as aprendizagens mensuráveis, pois tem dimensões incomensuráveis. É na capacidade de ensinar os alunos que não querem ou não conseguem aprender que, verdadeiramente, se define o grande desafio dos professores. (p. 54)

Desta forma, os professores devem estar preparados para enfrentar esses desafios e adaptar as práticas pedagógicas para dar resposta à diversidade de necessidades dos alunos. Foram implementados um conjunto de metodologias que promoveram a participação dos alunos e a autonomia. Entre essas metodologias, destacou-se o método de resolução de problemas, que envolveu os alunos na elaboração de soluções para os desafios apresentados. Esta abordagem incentivou a análise crítica e promoveu a colaboração e o diálogo entre os alunos, criando um ambiente de aprendizagem dinâmico. Como enfatiza Coutinho (2009): “só uma intervenção de carácter activo e personalizável integrada num processo colaborativo entre as partes envolvidas na acção, através do debate e da confrontação de registos efectuados ao longo da acção investigativa, poderá obter realmente os frutos desejados” p.367. Fica evidente que a eficácia dessas metodologias está ligada à capacidade de promover interações significativas e uma aprendizagem colaborativa entre os alunos.

A flexibilidade na planificação revelou-se uma necessidade constante. Em algumas situações, como na utilização de ferramentas específicas, houve uma subestimação da necessidade de instruções detalhadas. Por exemplo, ao trabalhar com x-ato, surgiram situações que demonstraram a importância de uma planificação mais pormenorizada em termos de instrução e supervisão. Essa experiência realçou a necessidade de um olhar

atento sobre a preparação técnica, assegurando que todos os alunos se sintam seguros e confiantes ao usarem materiais mais perigosos. Neste contexto, Perrenoud (2021) realça que é importante “reconhecer que os professores não possuem apenas saberes, mas também competências profissionais que não se reduzem ao domínio dos conteúdos a serem ensinados” p. 1. Essa compreensão reforça a importância de uma planificação cuidada, que integre o conhecimento técnico e as competências necessárias para garantir a segurança dos alunos.

A inclusão de todos os alunos foi um foco constante na preparação das atividades. Criar um ambiente onde todos se sintam valorizados e respeitados é essencial para o sucesso do processo educativo. A adaptação das atividades a diferentes estilos de aprendizagem foi uma estratégia utilizada, permitindo que desde os alunos mais visuais até aos mais auditivos encontrassem formas de se envolver. Entretanto, a singularidade de cada aluno exige um esforço contínuo para personalizar as abordagens de ensino, reconhecendo que o que funciona para um grupo pode não ser eficaz para outro. Neste sentido Eurydice (2020) observa que

A partir dos mais recentes dados de avaliações internacionais sobre o desempenho dos alunos, demonstra-se que os níveis de equidade nas escolas, seja na sua dimensão de inclusão ou de justiça, variam consideravelmente na Europa. Do mesmo modo, a segregação académica, enquanto variável interveniente entre os fatores sistémicos e a equidade, também varia consideravelmente. p.21

Essa variação ressalta a importância de adaptar constantemente as metodologias para atender às necessidades específicas de todos os alunos. A realização das atividades letivas é o momento em que a teoria da planificação se concretiza. Este espaço é importante para a implementação das competências profissionais e para a observação do efeito das abordagens escolhidas. O desempenho pedagógico nas aulas foi caracterizado pelo envolvimento dos alunos, principalmente nas atividades práticas que exigiram criatividade e pensamento crítico. A integração de atividades lúdicas, como o “Bingo” e desafios de construção, permitiu manter a motivação dos alunos. No entanto, a gestão do comportamento em grupo apresentou desafios. Em momentos de maior excitação, houve episódios de distração e incoerência, reforçando a necessidade de uma estratégia de gestão de comportamento mais estruturada. Considerando isto, a Unesco (2006) refere que

na Educação Artística existem três dimensões: o estudante adquire conhecimentos interagindo com o objecto ou a representação de arte, com o artista e com o seu (a sua) professor(a); o estudante adquire conhecimentos através da sua própria prática artística; o estudante adquire conhecimentos pela investigação e pelo estudo (de uma forma de arte, e da relação entre arte e história). p.11

Esta abordagem multidimensional na educação artística destaca a importância de experiências prática e da interação, além de reforçar a necessidade de um ambiente de aprendizagem que promova essas dimensões.

O uso de estratégias como círculos de diálogo e sessões de feedback foram importantes para garantir que todos os alunos tivessem a oportunidade de expressar as opiniões e resolver conflitos. Estes momentos ajudaram a promover empatia e respeito mútuo, relevante para uma aprendizagem colaborativa.

A avaliação contínua foi uma parte fundamental do processo de ensino. Recorreu-se a diferentes instrumentos de avaliação, como autoavaliações e trabalhos de grupo, que permitiram aos alunos refletir sobre as aprendizagens e processos. Esta abordagem promoveu a autonomia e facilitou uma compreensão mais profunda sobre os conhecimentos abordados. A reflexão não foi sempre uniforme, uma vez que as oportunidades para feedback imediato foram limitadas em algumas aulas, especialmente após atividades mais extensas. A implementação de tempos dedicados exclusivamente à reflexão e feedback poderia ter proporcionado um maior efeito na aprendizagem dos alunos, permitindo que estes assimilassem melhor as críticas construtivas e aplicassem os conselhos nas atividades seguintes. O aspeto relacional no processo educativo é imprescindível. O estabelecimento de vínculos saudáveis e pedagógicos com os alunos favoreceu um ambiente colaborativo. As interações positivas em sala de aula permitiram criar um espaço em que os alunos se sentiram seguros para expressar as suas ideias e opiniões. Existiram momentos em que as interações foram mais desafiadoras, a comunicação utilizada e o respeito pelas diferenças foram fundamentais para minimizar conflitos e promover um espírito de cooperação. Frequentemente, foram utilizadas estratégias para que cada aluno se sentisse valorizado, incluindo atividades em que pudessem partilhar as diferentes experiências e perspetivas.

O desempenho ético é essencial na prática docente, a ética na educação não se refere só à conformidade com regras ou códigos de conduta, mas estende-se à forma como lidamos com os alunos, colegas e a comunidade escolar. Tal como Pacheco (2018) afirma "Urge refundar a Escola, assumir um compromisso ético com a Educação" (p.36), reforçando a necessidade de renovação e responsabilidade no ambiente escolar. Esta

perspetiva é fundamental, porque um compromisso ético orienta as ações dos professores e molda a cultura escolar e o ambiente de aprendizagem. A prática reflexiva em relação à ética profissional foi uma constante neste estágio. Comprometemo-nos a respeitar sempre as normas éticas e as orientações educativas estabelecidas pelos Professores Cooperantes e Orientadores de Estágio. A participação nas reuniões do grupo de trabalho e no trabalho colaborativo com as colegas de estágio foram preponderantes para criar um entendimento coeso sobre as expectativas e objetivos educativos. Isso melhorou a prática e promoveu um ambiente coletivo de crescimento e aprendizagem. O empenho em desenvolver uma prática reflexiva culminou na capacidade de identificar tanto os sucessos como as áreas que necessitam de melhoria. A reflexão pós-ação, nomeadamente sobre o recurso a narrativas nas aulas, revelou-se uma ferramenta relevante na autoavaliação, permitindo ajustar a abordagem pedagógica com base na eficácia das práticas adotadas. O envolvimento em grupos de discussão sobre práticas educativas contemporâneas constituiu uma oportunidade para continuar a aprender. Essas experiências reforçaram a ideia de que a educação está em constante evolução, e que um professor deve ser flexível, perspicaz para encontrar novas abordagens que melhorem a experiência dos alunos.

A prática pedagógica nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica, reforçada pela proposta do “O Professor Contador de Histórias na leção de Educação Visual e Educação Tecnológica” proporcionou um espaço para um desenvolvimento profissional e pessoal significativo. As experiências e as reflexões derivadas dessa prática revelaram a importância da adaptação, da inclusão e da empatia no contexto educativo. Os desafios enfrentados, como a gestão de comportamento e a necessidade de um feedback mais estruturado, foram essenciais na identificação de áreas de melhoria na prática educativa. Quando refletimos sobre o futuro, consideramos fundamental o compromisso contínuo com a formação profissional e a adaptação das metodologias para oferecer uma educação de qualidade que prepare os alunos para os desafios do mundo contemporâneo.

Esta apreciação crítica é mais uma etapa de um processo contínuo de reflexão e crescimento que moldará a prática docente. O investimento numa educação que valoriza a criatividade, a diversidade e a inovação será sempre uma prioridade. A intenção de contribuir para que os alunos sejam críticos permanece como uma aspiração que orientará a nossa prática.

## **Parte II - Projeto de Investigação**

## Introdução

Este projeto de investigação, pretendeu desenvolver a narrativa de histórias-na-licenciatura das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica, através da criação de uma narrativa que pretendia unir conhecimentos, que estimulasse a curiosidade dos alunos e aprofundasse a compreensão de conceitos, contextualizando-os numa história. Com esta investigação, pretendemos explorar a narrativa como um eixo integrador nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica, e permitir que o aluno, promova uma aprendizagem mais significativa. Transformar o professor num contador de histórias, visa estimular a curiosidade dos alunos e desafiá-los a construir conhecimentos de forma ativa e contextualizada. A narrativa funciona como ponte que conecta diferentes áreas do conhecimento. O que pode permitir, absorver a atenção dos alunos, estimular a imaginação, empatia, habilidades de resolução de problemas e pensamento crítico. Envolver os alunos nas narrativas, permite ao professor criar um ambiente de sala de aula mais motivador, promovendo a participação ativa dos alunos no processo educativo. Para Santos (2008, p.45) “partindo de meios expressivos elementares, pelo ritmo, pelo som, pelo gesto, as “actividades expressivas” propõem-se um desenvolvimento biopsicossocial da criança, ao mesmo tempo que a vão sensibilizando para valores estéticos.”

Pretende-se, com este projeto, a criação e implementação de uma narrativa, e também a avaliação da percepção dos alunos e professores sobre a sua eficácia e relevância, uma vez que através da recolha de *feedback*, será possível entender melhor como é que a introdução desta narrativa pode influenciar a motivação dos alunos e o interesse pelos conhecimentos lecionados através da mesma.

A proposta de utilizar o professor contador de histórias como uma ferramenta pedagógica nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica pretende promover uma abordagem inovadora no ensino, capacitando os alunos a apropriarem-se do conhecimento, ressaltando a importância da criatividade e da conexão emocional no processo de aprendizagem. Essa abordagem, alinhada com as premissas do Plano Nacional das Artes, destaca que a escola, como comunidade de aprendizagem em que todos os membros são construtores desse aprender, deve promover o acesso à diversidade do património e a apropriação das diferentes linguagens e expressões artísticas. Como realça o Plano Nacional das Artes,

A escola, como comunidade de aprendizagem em que todos os membros são coconstrutores *[sic]* desse aprender, deve promover o acesso à diversidade do património e a apropriação das diferentes linguagens e expressões

artísticas. Há múltiplas linguagens e diversos modos de expressão pessoal e compreensão do mundo, que devemos ajudar a desenvolver. (p.17)

A partir daquele pressuposto, surgiu a seguinte questão: como é que as histórias podem contribuir para o envolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem?

Na perspectiva de Santos (2008), o jogo e a atividade lúdica são meios privilegiados de expressão para as crianças. Isso significa que, ao utilizarmos histórias, estamos a criar um ambiente que favorece essa expressão lúdica.

Tendo em conta o exposto, pretendemos através do trabalho que aqui apresentamos dar resposta à seguinte questão empírica: “De que forma o professor contador de histórias pode ser uma ferramenta pedagógica viável para o envolvimento e aprendizagem das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica?”, o enquadramento teórico desta investigação abordar pontos-chave que visam fundamentar e reforçar a importância e relevância das narrativas no ambiente educativo.

Assim sendo, os objetivos deste projeto, são:

1. Perceber se a dinamização de histórias como ferramenta pedagógica pode influenciar o envolvimento e aprendizagem dos alunos nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica;
2. Avaliar a perceção de alunos sobre a relevância da abordagem do professor contador de histórias nas práticas pedagógicas do ensino de Educação Visual e Educação Tecnológica;
3. Analisar a opinião dos professores sobre a eficácia da abordagem do contador de histórias nas suas práticas pedagógicas e como esta estratégia pode contribuir para o envolvimento dos alunos nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica.

O início desta investigação passa pela contextualização das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica de acordo com as Aprendizagens Essenciais (Ministério da Educação, 2018) e o Perfil do aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (Ministério da Educação, 2017), documentos orientadores da educação.

Importa referir os estudos análogos, que transferem algumas ideias conceptuais sobre a eventual implementação, desta ferramenta pedagógica, destacando-se o trabalho de Patinha (2018), que evidencia a importância da narração de histórias para o desenvolvimento linguístico e emocional das crianças; o de Araújo (2021) que

complementa a perspectiva do autor anterior, ressaltando a narração de histórias como uma ferramenta eficaz no ensino, que motiva os alunos; o estudo de Monteiro (2016) enfatiza ainda o papel das histórias na promoção da linguagem, criatividade e socialização; o estudo desenvolvido por Lourenço e Paiva (2010) afirma que a narração pode estimular a motivação intrínseca dos alunos, promovendo um maior envolvimento no processo educativo. Todos estes estudos propõem integrar a narrativa como uma ferramenta pedagógica, evidenciando um impacto positivo no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Uma ferramenta pedagógica pode ser definida como um recurso ou um conjunto de estratégias que visam facilitar e enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Silva et al. (2012), as ferramentas pedagógicas são concebidas para apoiar e estruturar os conhecimentos educativos, ajudar os professores a planificar as disciplinas, para além de promoverem uma interação mais significativa com os alunos. As ferramentas pedagógicas são fundamentadas em teorias pedagógicas consolidadas e têm como objetivo a transmissão de conhecimento e o fortalecimento da compreensão e a construção ativa do saber, permitindo uma aprendizagem mais integrada e contextualizada e, por essa razão, mais eficaz.

No âmbito deste projeto de investigação é apresentada uma reflexão sobre a importância das histórias, do contador de histórias e, mais especificamente, do professor contador de histórias, considerando a influência deste no processo educativo de Educação Visual e Educação Tecnológica. A principal motivação para a realização deste projeto de investigação passou pelo interesse em encontrar estratégias que tornem o processo de ensino mais envolvente e atrativo para os alunos. A narrativa emerge como um recurso capaz de transformar a dinâmica da sala de aula, estimulando a participação ativa e promovendo a construção do conhecimento de forma significativa. A inclusão de narrativas nas disciplinas de Educação Visual e de Educação Tecnológica é uma ferramenta adicional e, de alguma forma, neste contexto, inovadora que poderá contribuir para desenvolver habilidades essenciais nos alunos.

O projeto propõe que o professor assuma o papel de contador de histórias, uma figura tradicionalmente ligada ao ensino que pode revitalizar as práticas pedagógicas.

É importante investigar se a utilização de histórias resulta numa melhoria no envolvimento e motivação dos alunos, em relação a conceitos e habilidades específicas das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica.

De seguida, será apresentada uma análise da contextualização das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica, alinhando-as com as Aprendizagens Essenciais (Ministério da Educação, 2018) e o Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (Ministério da Educação, 2017). Este enquadramento incluirá uma revisão da literatura

relacionada ao uso de narrativas como ferramentas pedagógicas, permitindo compreender como é que estas abordagens podem contribuir para o desenvolvimento de competências criativas, críticas e reflexivas nos alunos. Após a fundamentação teórica, abordaremos a metodologia adotada nesta investigação, que incluirá a definição do tipo de investigação, os participantes envolvidos, os instrumentos de recolha de dados e a análise destes, terminando na discussão dos resultados obtidos e das implicações para a prática pedagógica.

## **1. Enquadramento Teórico**

### **1.1. Contextualização e pressupostos da disciplina de Educação Visual e Educação tecnológica**

Iniciar esta investigação com uma reflexão sobre os documentos orientadores referentes ao Perfil do aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (Ministério da Educação, 2017) e às Aprendizagens Essenciais (Ministério da Educação, 2018) de Educação Visual e Educação Tecnológica revela-se fundamental para adquirir uma compreensão abrangente sobre o papel essencial destas disciplinas no contexto do currículo educativo português. A análise destes documentos possibilita identificar as competências de aprendizagem, orientando a criação das práticas pedagógicas. Compreender estes documentos torna possível estabelecer conexões significativas entre a Educação Visual, a Educação Tecnológica e as histórias enquanto ferramenta pedagógica e alinhar com as competências propostas. Desta forma, o projeto desenvolvido pretende enriquecer o processo educativo e contribuir para a promoção de um ensino mais holístico e integrado. O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Ministério da Educação, 2017), é um documento que delinea as competências e habilidades que os alunos devem adquirir ao concluírem o ensino obrigatório. Este documento enfatiza a importância da diversidade, motivando os professores a reconhecer e valorizar as diferenças individuais dos alunos, promovendo assim um ambiente inclusivo. O Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) visa promover a necessidade de os alunos desenvolverem o conhecimento teórico e também a compreensão profunda dos temas abordados, a criatividade para resolver problemas de forma inovadora e o sentido crítico para questionar e avaliar informações de forma consciente. A formação de cidadãos autónomos e responsáveis é um dos principais objetivos do PASEO, preparando os alunos para enfrentar os desafios e as incertezas do mundo em constante mudança. Para isso, são apontadas áreas de competências fundamentais, como linguagens e textos, habilidades de informação e comunicação, pensamento crítico, relacionamento interpessoal e colaboração, entre outras. Os professores são orientados a adotar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento destas competências essenciais nos alunos ao longo da escolaridade, o que implica em estratégias de ensino que estimulem a participação ativa e a aprendizagem significativa, tendo em consideração as necessidades individuais de cada aluno (Ministério da Educação, 2017)

Com as Aprendizagens Essenciais de Educação Visual, pretende-se enriquecer a sensibilidade estética e artística dos alunos, promovendo o desenvolvimento global e integrado através da exploração dos processos de olhar e ver criticamente os diversos

contextos visuais. As aprendizagens essenciais para a Educação Visual estão organizadas em três domínios: Apropriação e Reflexão, Interpretação e Comunicação, e Experimentação e Criação. No primeiro domínio, os alunos aprendem os conceitos da comunicação visual e analisam narrativas visuais, promovendo a apreciação estética e artística. No segundo domínio, são desenvolvidas capacidades de interpretação e compreensão dos universos visuais, valorizando as experiências individuais. No terceiro domínio, os alunos experimentam e criam com materiais diversos, desenvolvendo um sistema próprio de trabalho e expressão. Os domínios da Educação Visual envolvem competências técnicas e estéticas, integrando saberes, materiais e suportes artísticos, e estimulam o desenvolvimento da sensibilidade estética, em articulação com contextos culturais e históricos. As aprendizagens adquiridas devem ser aplicadas em diferentes contextos, projetos e atividades práticas, individuais ou coletivas, formalmente e informalmente, físicos ou digitais. As aprendizagens essenciais por ciclo visam o desenvolvimento progressivo das competências dos alunos ao longo dos ciclos de Ensino, aumentando a complexidade e a profundidade dos conceitos trabalhados. As ações estratégicas de ensino devem promover a criatividade, o pensamento crítico e analítico, a colaboração e a expressão pessoal dos alunos, permitindo-lhes explorar e comunicar visualmente em diferentes contextos culturais (Ministério da Educação, 2018).

Na Educação Tecnológica, destaca-se a importância na formação dos alunos para a cidadania. O foco está nas competências transferíveis em diferentes contextos, abrangendo desde o utilizador individual até o cidadão participativo e crítico perante interações tecnologia/sociedade. Os três domínios das aprendizagens - Processos Tecnológicos, Recursos e Utilizações Tecnológicas, e Tecnologia e Sociedade – são fundamentais para o desenvolvimento das competências dos alunos. Eles envolvem a compreensão dos processos tecnológicos, a experimentação e criação com materiais e equipamentos, e a reflexão sobre os impactos sociais e ambientais das tecnologias. Os professores são orientados a promover ações práticas e experiências que permitam aos alunos desenvolver estas competências de forma progressiva, adequando-se aos níveis de desenvolvimento cognitivo e afetivo de cada aluno. Destaca-se a importância de estimular a investigação, experimentação e resolução de problemas, e a sensibilização para questões éticas, sociais e ambientais relacionadas com a tecnologia. O objetivo é formar cidadãos capazes de compreender e atuar criticamente nas relações entre tecnologia, sociedade e ambiente, promovendo o desenvolvimento de competências essenciais para a participação ativa e consciente na sociedade contemporânea (Ministério da Educação, 2018).

## **1.2. A intersecção da Educação Visual e Educação Tecnológica com a Narrativa**

As Aprendizagens Essenciais de Educação Visual e Educação Tecnológica estão alinhadas com o desenvolvimento de competências fundamentais dos alunos. Na Educação Visual, a ênfase na sensibilidade estética, na interpretação visual e na expressão criativa permite que os alunos explorem narrativas, promovam a apreciação estética e o pensamento crítico. Por outro lado, a Educação Tecnológica visa formar cidadãos capazes de compreender e atuar de forma crítica nas relações entre tecnologia, sociedade e ambiente, desenvolvendo competências para a participação consciente na sociedade contemporânea.

A intersecção entre estas duas disciplinas pode ser uma mais-valia quando consideramos a narrativa como uma ferramenta pedagógica. As histórias, contadas e interpretadas pelo professor, possuem a capacidade de ligar conceitos e habilidades das áreas da Educação Visual e da Educação Tecnológica, criando uma experiência de aprendizagem mais significativa.

Se considerarmos o papel das histórias e do professor contador de histórias como proposta pedagógica do projeto de investigação, percebemos que a inclusão destes elementos pode potencializar a abordagem das Aprendizagens Essenciais. A criação de narrativas contextualizadas podem estimular o desenvolvimento da sensibilidade estética e artística em Educação Visual, assim como promover a compreensão dos impactos sociais e ambientais das tecnologias em Educação Tecnológica. Além disso, a utilização de narrativas nas áreas de linguagem e artes possibilita uma formação integral dos alunos ao estimular a criatividade, a reflexão crítica e a construção de significado no processo de aprendizagem (Molina, 2015).

Através da implementação do professor contador de histórias, os alunos ficarão motivados a explorar conceitos de forma mais significativa e contextualizada, desenvolvendo competências técnicas, artísticas e sociais. Esta abordagem inovadora e envolvente, complementa as Aprendizagens Essenciais, e contribui para a promoção de um ensino mais holístico e integrado, ao capacitar os alunos a apropriarem-se do conhecimento de forma ativa e significativa.

A ligação entre as Aprendizagens Essenciais e o projeto de investigação ressalta a importância de introduzir metodologias pedagógicas inovadoras e criativas, que possam potenciar o desenvolvimento das competências dos alunos, preparando-os para os desafios e oportunidades presentes numa sociedade em constante evolução. Como Freire (1996, p. 86) afirma, “Educação não é um ato de preencher um vaso que se deve encher, mas uma construção ativa do saber e da autonomia”.

## **2. O Lugar das Histórias na escola**

### **2.1. O contributo da narração de histórias para a aprendizagem**

A narração de histórias é uma prática educativa, capaz de promover diversas competências nos alunos, desde linguísticas até interculturais. Fomenta a motivação dos alunos e contribui para a criação de um ambiente de aprendizagem participativo. Os professores que contam histórias devem ter habilidades específicas para escolher ou criar narrativas adequadas, planejar atividades envolventes e avaliar o progresso dos alunos.

A familiaridade com as histórias e o envolvimento dos professores na narrativa estimulam a motivação intrínseca dos alunos, despertam o interesse, fomentam a participação ativa e promovem um ambiente propício à aprendizagem.

Assim, ao combinar a prática da narração de histórias com a promoção da motivação dos alunos, os professores têm a oportunidade de enriquecer o processo educativo. As histórias estimulam a criatividade e a imaginação, e fortalecem a relação entre o aluno e a aprendizagem, incentiva o compromisso e o entusiasmo dos alunos para o conhecimento.

Desta forma, ao integrar a narração de histórias no contexto educativo, os professores podem reforçar o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos, e criar uma atmosfera que favorece a educação integral. O professor contador de histórias desempenha, assim, um papel crucial na promoção do envolvimento dos alunos, na procura do conhecimento e no enriquecimento do processo educativo. O envolvimento dos alunos é descrito como a vivência de uma ligação que os alunos estabelecem com o ambiente escolar, manifestando-se em diversas dimensões, como a cognitiva, emocional e comportamental. Estas dimensões englobam desde o compromisso e a motivação para aprender até à identificação com a escola, às interações sociais e às ações direcionadas para a aprendizagem. Este envolvimento é considerado um fato relevante para o desempenho escola e a prevenção do abandono escolar, sublinhando a importância dos professores serem formados para promover essa conexão nas suas práticas pedagógicas (Veiga et al., 2012)

De acordo com Patinha (2018), as histórias no contexto escolar são muito importantes, fundamentando a individualização da ação educativa e considerando a criança como centro da ação pedagógica. Este ressalta a relevância de atender às particularidades de cada criança, reconhecendo os seus conhecimentos, dificuldades e reações, destaca também a interligação entre o cuidar e o educar na prática da educação infantil. Reforça que o papel das famílias e das educadoras em relação à narração e audição de histórias contribui para a compreensão dos benefícios das narrativas, para o

desenvolvimento linguístico, emocional, social e cognitivo das crianças. Além disso, refere a influência do ambiente familiar no interesse das crianças pelas histórias, reforçando a importância do estímulo do contacto com livros e recursos literários desde cedo. Evidencia, assim, o potencial das histórias como ferramenta pedagógica para promover a interação, o diálogo e o desenvolvimento da linguagem das crianças.

Compreende-se que a narração de histórias é uma técnica pedagógica e um recurso fundamental que pode transformar a dinâmica da sala de aula. Através desta prática consegue-se articular o ensino com as necessidades e interesses dos alunos, reforçando a importância do envolvimento ativo na construção do saber.

Araújo (2021) identifica a narração de histórias como uma ferramenta importante para auxiliar os alunos, reconhecendo-a como uma arte com potencial educativo, capaz de resolver problemas e capaz de motivar os alunos. Refere-se à narração de histórias como sendo eficaz no desenvolvimento de diversas competências comunicativas, culturais, tecnológicas, linguísticas e de aprendizagem dos alunos, incluindo a promoção da criatividade, o desenvolvimento de competências orais e gestuais, o estímulo ao uso de tecnologia e a integração de cultura na aprendizagem. É reforçado que a forma como os professores organizam e conduzem as atividades de narração de histórias é fundamental para aproveitar ao máximo estas vantagens. Não descuidando, que a narração de histórias requer habilidades de comunicação e uma abordagem pedagógica que favoreça o envolvimento dos alunos, a compreensão da narrativa e o desenvolvimento das competências linguísticas e comunicativas.

## **2.2. Motivação e aprendizagem: O contributo do contador de histórias**

A interseção entre a narração de histórias e a motivação dos alunos é um aspeto fundamental para a eficácia do processo educativo.

De acordo com Lourenço et al. (2010), a motivação dos alunos influencia diretamente a qualidade do envolvimento com o ensino e a aprendizagem. Diversos fatores individuais e contextuais estão ligados à motivação, e as teorias cognitivas atuais enfatizam as crenças, valores e emoções do indivíduo como mediadores do comportamento e do processo motivacional. A relação entre aprendizagem e motivação é recíproca, ou seja, a motivação pode influenciar a aprendizagem e o desempenho, assim como a aprendizagem pode afetar a motivação. É importante criar um ambiente escolar estimulante e motivador, no qual os alunos se sintam integrados, incentivados e envolvidos ativamente no processo de aprendizagem. A motivação é vista como essencial para a aprendizagem eficaz, sendo necessário equilíbrio entre motivação intrínseca e extrínseca. Um aluno motivado é mais propenso a envolver-se nas atividades, resolver desafios e demonstrar entusiasmo pela

aprendizagem.

Considerando esta relação entre aprendizagem e motivação, conclui-se que o professor contador de histórias pode usar esta prática para estimular a motivação intrínseca dos alunos, despertando o interesse, incentivando a participação ativa e criando um ambiente propício para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos.

Além da motivação, as histórias têm o poder de se ligar de forma única com cada indivíduo. Cada pessoa, ao deparar-se com uma narrativa, pode interpretá-la de maneira diferente, tal como afirma Rigolet (2009) “Uma história segue o seu caminho em cada um, encontrando-o numa determinada altura da sua caminhada interior” (p. 125). Ressalta a capacidade das histórias de impactar profundamente as pessoas, de tocar aspetos sensíveis e de despertar diferentes sentimentos e pensamentos em cada indivíduo. As histórias são só um meio de diversão, e também ferramentas de conexão, expressão e transformação.

A importância das histórias está no poder transformador de nos afastar do aqui e do agora, proporcionando uma distância para explorar novas ideias, questionar conceitos estabelecidos e ampliar a visão do mundo. Através do envolvimento com as personagens e com o drama, somos conduzidos a refletir sobre o que estamos a ver, ouvir e sentir. É este “o fascínio da narração, e todos nós sabemos que a leitura de um livro é importante, estimulante e libertadora da realidade do dia a dia, tornando-o num amigo que sugere pensamentos e ideias.” (Maffei, 2018, p 21). O autor reforça a essência do fascínio que as histórias exercem sobre nós, indicando a leitura como uma atividade que extrapola os limites da realidade do quotidiano. Através da narrativa, somos transportados para mundos imaginários.

Para Bettelheim (1976), a intenção de contar uma história, passa por:

uma experiência compartilhada do prazer que a história oferece, se bem que o que proporciona este prazer seja bem diferente para a criança e para o adulto. Enquanto a criança se delicia com a fantasia, o adulto pode ir buscar o seu prazer à delícia experimentada pela criança; enquanto a criança exulta porque compreende melhor agora melhor algo de si própria, o prazer do adulto em contar histórias deriva da experiência da criança resultante do choque repentino do reconhecimento. (p.196)

Existem diferentes questões sobre a natureza da experiência de contar histórias e sobre as diferentes interpretações por parte de crianças e adultos. O prazer proporcionado por uma narrativa pode ser apreciado de maneiras distintas conforme a faixa etária e o estágio de desenvolvimento de cada um.

Para a criança, a fantasia e a imaginação desempenham um papel central ao viver

uma história. Ao mergulhar num mundo fictício cheio de aventuras, de personagens e possibilidades ilimitadas, a criança liga-se de forma lúdica, pedagógica e emocional com a narrativa, abrindo a mente e explorando novas perspectivas sobre si mesma e o mundo que a rodeia.

No adulto, o prazer de contar histórias pode residir na capacidade de se reconectar com a inocência e a curiosidade da infância, revitalizando a própria imaginação e lembrando as sensações intensas e genuínas experimentadas a quando criança. O adulto pode encontrar satisfação na observação do impacto que a história tem sobre a criança.

### **2.3. As funções das histórias na educação e no desenvolvimento humano**

A finalidade de contar histórias transcende a mera transmissão de conhecimentos ou diversão; torna-se numa experiência partilhada que desperta sentimentos, reflexões e conexões emocionais entre gerações. É através desse diálogo entre a inocência e a maturidade, entre a fantasia e as reflexões mais profundas, que as histórias se revelam ferramentas de aprendizagem e crescimento. De acordo com Monteiro (2016), o contacto com as histórias é importante para o desenvolvimento das crianças em várias áreas, desde linguagem e criatividade até socialização e desenvolvimento emocional.

As histórias têm múltiplas funções, “funções preponderantemente lúdicas, técnicas e instrutivas” (Moreno, 1987, p. 384). A natureza das histórias é tão intrínseca à nossa experiência humana que inevitavelmente exercem um papel significativo no nosso desenvolvimento, quer individual ou coletivo. As histórias têm o poder de envolver num universo de imaginação, de ensinar habilidades narrativas e estéticas.

A amplitude das funções atribuídas ao conto literário evidencia a sua riqueza e versatilidade, “é possível, teoricamente, encontrar funções genéricas no conto literário: lúdica, instrutiva, técnica e social, entre outras. (...) o que se afigura impossível é que não desempenhe, durante e após a leitura, nenhuma função.” (Moreno, 1987, p. 382).

As histórias podem proporcionar diversão e prazer (função lúdica), transmitir conhecimento e sabedoria (função pedagógica), explorar técnicas literárias e narrativas (função técnica) e refletir, questionar e transmitir valores sociais (função social). Tudo isto contribui para uma experiência enriquecedora e transformadora.

A capacidade intrínseca das crianças de conexão com o mundo do fantástico e do maravilhoso de forma genuína e natural, por estarem num estágio de desenvolvimento em que a curiosidade, a imaginação e a abertura para a novidade são predominantes, “arrebata os elementos do fantástico com estima, sofridão, integra-os no quotidiano em

paralelo com o maravilhoso, numa tendência que se afigura natural e inata.” (Moreno, 1987, p. 49).

A tendência das crianças de incorporar elementos do fantástico e do maravilhoso no cotidiano é percebida como algo inato, uma característica presente desde as fases iniciais da infância. Esta capacidade de mergulhar em mundos imaginários, de atribuir significados profundos a elementos aparentemente simples e de transitar entre a realidade e a fantasia de forma fluida e espontânea reflete a riqueza da experiência infantil.

Assim, a criança, ao permitir-se explorar o mundo do fantástico com estima e encanto, expande a criatividade e a capacidade de lidar com a complexidade do mundo, e nutre a curiosidade e a empatia.

### **3. O contador de histórias**

#### **3.1. O papel do contador de histórias na transmissão de narrativas significativas**

O contador de histórias desempenha um papel fundamental na transmissão de narrativas significativas e experiências enriquecedoras para crianças e adultos. Através de habilidades de comunicação e expressão, o contador de histórias cria um vínculo com o público, estimula a imaginação, promove a reflexão e inspira aprendizagens. Neste contexto, a arte de contar histórias ganha um significado especial.

Rigolet (2009), refere que:

Ler uma história adquire sempre – quer seja para o nosso filho, sobrinho ou educando- dimensões insuspeitadas e insuspeitáveis, que nos ultrapassam por completo. Isto significa que, assim considerado, o acto de leitura é de grande responsabilidade, tornando-se no nosso aliado educativo. (p.112)

Promover a narração de histórias, permite fomentar uma cultura de partilha, o contador de histórias torna-se um transmissor de conhecimento, e um construtor de pontes entre o saber e a vivência, entre o aluno e o mundo.

O papel do contador de histórias na transmissão de narrativas significativas transcende as fronteiras do tempo. Durante os tempos, as histórias infantis evoluíram, adaptando-se aos diferentes contextos culturais e sociais, mas mantendo a capacidade de educar, emocionar e inspirar.

No século VI A.C., Esopo, com a fábula "A Tartaruga e a Lebre", que ensina a importância da persistência em vez da pressa. No século XVII, Jean de La Fontaine e Charles Perrault aprofundam temas como trabalho e amor verdadeiro nas histórias "A Cigarra e a Formiga" e "A Bela Adormecida", respectivamente. O século XIX traz Hans Christian Andersen com "O Patinho Feio", abordando autoaceitação, e os Irmãos Grimm com "Capuchinho Vermelho", alerta sobre desobediência e desconfiança.

No século XX, autores como José Saramago em "A Maior Flor do Mundo", Astrid Lindgren em "Pippi das Meias Altas" e Roald Dahl em "Charlie e a Fábrica de Chocolate" trazem à tona valores de empatia, imaginação, humildade e honestidade, reforçando a responsabilidade social e a valorização das diferenças.

As histórias continuam a desempenhar um papel importante na formação moral e social das crianças, proporcionando reflexões que são pertinentes, se alinhadas com os conhecimentos do currículo escolar, fomentamos também o pensamento crítico.

A análise comparativa de narrativas infantis, desde as fábulas da Antiguidade até aos contos contemporâneos, revela uma dinâmica evolutiva dos temas e abordagens pedagógicas, corroborando com a teoria de Propp (2001), sobre a estrutura subjacente dos contos. A identificação de funções fixas e transformações narrativas, proposta por Propp, permite compreender como é que os contos se adaptam a diferentes contextos culturais e históricos, refletindo as mudanças do mundo e nos valores sociais. Esse percurso permite uma apreciação crítica do papel do professor contador de histórias, de mediador, facilitador e guia no processo de aprendizagem, que utiliza as histórias como ferramenta pedagógica para promover uma formação integral dos alunos.

### **3.2. As habilidades expressivas e narrativas necessárias para um contador de histórias**

Existe uma profunda responsabilidade associada ao ato de contar histórias para crianças, uma vez que a leitura de uma história vai para além do simples entretenimento, é uma oportunidade de educar, inspirar e influenciar de forma significativa. O contador de histórias exerce um papel fundamental na formação e no desenvolvimento das crianças, tem a responsabilidade de escolher narrativas que promovam valores positivos, estimulem a imaginação, despertem a curiosidade e ampliem os horizontes dos ouvintes. Esta responsabilidade, passa por selecionar boas histórias, e em transmiti-las de forma envolvente e cativante, criando um ambiente propício para a absorção e reflexão dos conhecimentos contidos nas narrativas. O contador de histórias torna-se, um aliado educativo, que contribui para a formação integral da criança ao oferecer-lhe a oportunidade

de vivenciar diferentes experiências, perspectivas e emoções através das histórias partilhadas.

Quando se reconhece a amplitude das dimensões que a leitura de uma história pode assumir, o contador de histórias deve estar ciente do impacto que as escolhas e a forma de contar podem ter no desenvolvimento cognitivo, emocional e moral das crianças.

Assim, “com as experiências simbólicas que os contos outorgam, as crianças têm a oportunidade de desenvolver algo que não se inclui na programação genética de nenhum ser humano: a imaginação.” (Castro, 2012, p. 55). Sendo a imaginação uma habilidade fundamental que permite às crianças explorar novas ideias, criar mundos imaginários, desenvolver a criatividade e exercitar a capacidade de pensar de maneira flexível e abstrata. Ao serem expostas a experiências simbólicas através dos contos, as crianças têm a oportunidade de transcender a realidade imediata.

Os contos possibilitam às crianças expandir os horizontes, estimulando-as a visualizar cenários, personagens e situações que vão além do que é tangível e concreto.

Esta capacidade de imaginar e criar mentalmente é essencial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, preparando-as para enfrentar desafios, resolver problemas de forma inovadora e expressar emoções de maneira criativa.

O contador de histórias desempenha, assim, um papel fundamental ao proporcionar às crianças um espaço seguro e estimulante para exercitar e alimentar a imaginação. Ao envolver-se nas narrativas ricas em simbolismo e fantasia, as crianças são incentivadas a explorar novas perspectivas e viver aventuras imaginárias.

Quando as crianças têm a oportunidade de participar ativamente, seja através de perguntas, comentários, contribuições ou mesmo assumindo papéis na narrativa, tornam-se protagonistas da própria experiência e constroem uma conexão mais profunda com a história contada, sendo que “o sentido de participação activa, ao contar a história, constitui um factor vital, que grandemente enriquece a experiência que a criança retira dela.” (Bettelheim, 1976, p.199)

A participação ativa das crianças durante a narração de histórias torna-as espetadoras, mas também as envolve como criadoras do processo narrativo. O que estimula a criatividade, o pensamento crítico e a expressão individual, permitindo que as crianças se envolvam de forma significativa nos temas abordados, com as personagens e com o desenrolar da história. Sentindo-se parte integrante do universo narrativo, as crianças vivenciam a história de maneira imersiva e significativa, o que contribui para uma aprendizagem mais profunda e memorável. Proporcionando um espaço de descoberta, aprendizagem e crescimento emocional e cognitivo.

Castro refere a importância da escola na leitura,

A leitura na escola está sujeita a processos de avaliação, a estratégias e actividades pautadas que promovem resultados tangíveis. Estes resultados assinalam destrezas e níveis de compreensão instantânea. Este tipo de actividades ajuda a incrementar a informação e incluem mecanismos de compreensão(...). (p.30)

No entanto, é importante ressaltar que a leitura vai além da simples compreensão imediata de um texto. A experiência de leitura também envolve aspetos subjetivos, como a identificação com as personagens, interpretar valores, a reflexão sobre o conteúdo e a conexão emocional com a narrativa. Portanto, é essencial não perder de vista a dimensão mais ampla da leitura como experiência pessoal e intelectual.

Assim, é fundamental encontrar um equilíbrio entre as actividades e a promoção da leitura que incentive a criatividade, e a reflexão crítica.

#### **4. O professor contador de histórias**

O professor contador de histórias, além de ensinar conhecimentos tem a capacidade de envolver os alunos através da arte de narrar. Este professor utiliza histórias como ferramenta pedagógica para estimular a imaginação, despertar a curiosidade e transmitir conhecimentos de forma cativante e significativa. A sua formação inclui a capacidade de escolher e contar histórias de maneira a criar um ambiente educativo inspirador, promovendo a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal e emocional dos alunos.

##### **4.1. A importância da formação dos professores na arte de contar histórias**

A importância da formação dos professores na arte de contar histórias é inquestionável, e ao refletirmos sobre "o conto é um valioso instrumento pedagógico, um precioso meio educativo, uma contribuição essencial ao desenvolvimento harmonioso de qualquer ser humano." (Rigolet, 2019, p.179), compreendemos a relevância fundamental dos contos como ferramentas educativas e formativas, sobretudo quando se refere ao professor enquanto contador de histórias.

A capacidade do professor em narrar histórias de forma cativante e envolvente desempenha um papel importante no processo educativo. O dom de contar histórias desperta a imaginação e a criatividade dos alunos, e estimula a empatia, a compreensão e a conexão com os conteúdos abordados em sala de aula. A formação dos professores nesta arte contribui para a promoção de um ambiente educativo mais inspirador e

significativo, em que o ato de contar histórias transforma-se numa ferramenta para transmitir conhecimentos, valores e reflexões aos alunos de forma mais eficaz.

Neste contexto, a capacidade do professor de utilizar narrativas de forma estratégica e pedagógica influencia diretamente o interesse e envolvimento dos alunos, podendo impactar positivamente no processo de aprendizagem e no desenvolvimento integral dos alunos. Assim, investir na adequada formação dos professores enquanto contadores de histórias é essencial para enriquecer as práticas pedagógicas e proporcionar experiências educativas mais enriquecedoras e estimulantes aos alunos das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica.

#### **4.2. Estratégias e abordagens do professor contador de histórias**

Para o professor contador de histórias, a capacidade de escolher e contar narrativas significativas pode influenciar positivamente o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e moral dos alunos. Ao trazer contos para a sala de aula, o professor proporciona que os alunos explorem diferentes perspectivas. O professor contador de histórias desempenha o papel ao selecionar os contos a serem partilhados, tendo em consideração a mensagem transmitida, e a forma como a história é contada. A abordagem, entoação, expressão facial e corporal do professor durante a narração, imprimem significado à narrativa, enriquecendo a experiência da aprendizagem dos alunos.

O professor contador de histórias como agente educativo utiliza os contos como ferramentas pedagógicas e como fontes de inspiração, aprendizagem e crescimento para os alunos. O contar de histórias pelo professor vai além da transmissão de conhecimentos, quando apresentados de maneira adequada e consciente. Castro destaca um problema relevante na formação:

os mestres, as educadoras e os docentes em geral não recebem na sua etapa de formação nem a preparação nem os conhecimentos básicos relacionados com um bom desempenho na leitura em voz alta, muito menos a narração oral. Entre eles também podemos encontrar extraordinários contadores de histórias, mas na hora de ensinar não se valem das suas habilidades ou não são conscientes das falhas que embaçam a sua expressão por não ter tido um espaço de aprendizagem e reflexão que lhes permitisse polir os seus recursos expressivos. (p.92-93)

Esta lacuna na formação dos professores pode limitar o potencial educativo e

impactante das histórias partilhadas na sala de aula. A narração é uma ferramenta para envolver os alunos, estimular a criatividade e promover a aprendizagem significativa. Sendo “A linguagem oral activa, convoca o debate, envolve o falante e o ouvinte num esforço conjunto por compreender”. (Castro, 2012, p.77)

A comunicação verbal falada é um processo de transmissão de informações, e um ato de envolvimento e interação com os participantes - falante e ouvinte – ao estarem ativamente envolvidos no processo de compreensão mútua, o que implica um diálogo aberto, colaborativo e a construção de significados partilhados.

Sem uma base sólida de conhecimentos e práticas relacionadas à narração de histórias, os professores podem não explorar todo o potencial destas narrativas como ferramentas pedagógicas.

É fundamental que os programas de formação dos professores incluam aulas, workshops ou espaços de aprendizagem dedicados ao desenvolvimento da habilidade de contar histórias de forma eficaz. Assim, os professores poderão aprimorar técnicas narrativas, aprender a escolher histórias adequadas para diferentes públicos e contextos, e compreender o impacto emocional e educativo que as narrativas podem ter, não esquecendo que “o uso pedagógico dos contos é já antigo (...) o conto foi sempre fonte de recurso para os autores de manuais escolares”. (Traça, 1992, p.117) Por isso esta formação é indispensável.

A consciencialização sobre as habilidades expressivas necessárias para uma boa narrativa é essencial para os professores reconhecerem e superarem possíveis obstáculos na transmissão de histórias aos alunos. Daí, Castro afirmar:

actores, narradores e docentes necessitam de realizar trabalhos semelhantes: estudo de texto, busca na compreensão cabal do que se quer contar, actividades de improviso e jogo dramático, exercitação da memória, trabalho vocal, aperfeiçoamento gestual, relação e compromisso com as personagens da história narrada, valorização do olhar e o contacto com o público. (p.98)

O estudo da história a ser contada é fundamental para compreender completamente a história, garantindo uma narrativa coesa e significativa. A compreensão profunda do conteúdo contribui para transmitir a mensagem de forma clara aos ouvintes.

Atividades de improviso e jogo dramático ajudam a desenvolver a criatividade e a espontaneidade na narração, tornando-a mais dinâmica e interessante.

O trabalho vocal e o aperfeiçoamento gestual são aspetos importantes para

enriquecer a expressividade e a entoação na narrativa oral, potencializando a capacidade de envolver e emocionar o público. Além disso, a relação e o compromisso com as personagens da história narrada conferem autenticidade e profundidade à narrativa.

Valorizar o olhar e o contato com o público é fundamental para estabelecer uma conexão, criando um ambiente de proximidade e interação durante a narração.

É por isso importante uma abordagem mais dinâmica e pessoal na narração de histórias, porque “Servir servilmente a história, tal como ela aparece impressa, rouba-lhe muito do seu valor. Para que contar uma história à criança seja o mais eficaz possível, tem de ser uma coisa interpessoal, modelada pelos que tomam parte nisso” (Bettelheim, 1976, p. 192).

Esta abordagem destaca a importância de trazer elementos únicos e autênticos à narrativa, adaptando-a às características e às interações do grupo envolvido. Ao personalizar a narração da história e envolver os participantes no processo narrativo, a experiência torna-se mais significativa. Traça, refere:

Para o educador- contador, é familiar o encantamento produzido pela narração de histórias, que se traduz numa descompressão da atmosfera da aula, no estabelecer duma confiança mútua, no criar de laços, no aumento progressivo do hábito de concentração e da capacidade de atenção. (p. 136)

Castro apresenta uma experiência pessoal que de forma simples, transmite o impacto que as histórias podem ter nos alunos:

A professora(...). Com frequência trazia fotos ou diapositivos de viagens e passávamos a hora da aula a ver as imagens, enquanto ela nos contava histórias e lendas relacionadas com esses lugares. Muitas vezes eram fotos pessoais das suas férias, lugares que alguns de nós conhecíamos. Dava-nos dados geográficos e históricos ou culturais e mergulhava nos temas da sua matéria. De seguida, fazíamos descrições orais do que víamos, relacionávamos imagens, comparávamos-las com outros lugares conhecidos, escrevíamos pequenas frases sobre cada uma das vistas, fazíamos associações e aproximações sobre possíveis acontecimentos, etc. Tudo isto nos ajudava a interagir com o maior compromisso com o ambiente das histórias que narrava. (p. 49)

Partilhar histórias, permitia à professora criar um ambiente mais próximo e autêntico em sala de aula, relacionando o conhecimento com vivências reais e suscitando o interesse dos alunos de maneira mais efetiva. A situação descrita mostra uma abordagem pedagógica inovadora e envolvente por parte da professora, que utilizava imagens de viagens para enriquecer as aulas e envolver os alunos de forma mais ativa na aprendizagem. O uso de fotos e diapositivos como ferramenta pedagógica possibilitava a transmissão de informações geográficas, históricas e culturais, como estimulava a imaginação, a criatividade e a interação dos alunos.

A professora, quando incentivava os alunos a participarem ativamente, através de descrições orais, comparações, associações e reflexões, promovia a construção de conhecimento de forma colaborativa e dinâmica. Uma abordagem interativa que estimulava a criatividade, a reflexão crítica e o envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem, tornando-o mais envolvente e relevante para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e comunicativas.

## **5. Metodologia**

A metodologia apresentada nesta investigação foi estruturada tendo em conta a exploração das narrativas como ferramenta pedagógica para a lecionação das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. A abordagem adotada foca-se em entender como a utilização de histórias pode aumentar o envolvimento dos alunos. A recolha de dados foi realizada de forma abrangente, integrando métodos qualitativos, como observações participantes e grupos focais, para entender as experiências e percepções dos alunos e professores. Esta metodologia fundamenta os objetivos do estudo e pretende proporcionar um espaço para a reflexão sobre a aplicação das narrativas no ensino.

### **5.1. Caracterização do tipo de investigação**

O estudo segue uma metodologia qualitativa, adequada à explorar das percepções de alunos e professores em relação à abordagem do contador de histórias. Diferente das abordagens convencionais, que priorizam a explicação e o controlo, a investigação qualitativa concentra-se na compreensão e análise do significado das experiências. Conforme Coutinho (2013) afirma, essa transição valoriza a interação humana e expande as possibilidades de compreensão dos fenómenos sociais, uma vez que, “este paradigma pretende substituir as noções científicas de explicação, previsão e controlo do paradigma positivista pelas de compreensão, significado e ação” (p. 17).

No que se refere ao tipo de estudo, trata-se de um estudo de caso pela sua capacidade de análise detalhada, permitindo compreender unidades específicas (Godoy, 1995), como as turmas de estágio onde foram implementadas histórias em Educação visual e Educação tecnológica. Como afirmam Ferreira et al. (1998), um bom estudo de caso deve ser relevante, completo e considerar perspetivas alternativas, evidenciando uma recolha de dados adequada. Neste projeto, foram aplicadas técnicas de recolha de dados qualitativas com a intenção de aprofundar a compreensão das experiências dos participantes e a dinâmica entre as histórias e o processo de aprendizagem.

### **5.2. Participantes**

Os participantes da presente investigação foram alunos das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica do 2.º ciclo do Ensino Básico, abrangendo as turmas do grupo de estágio, uma turma do 5.º ano e uma turma do 6.º ano, bem como um grupo de professores e professoras estagiárias. A seleção dos participantes foi efetuada através de uma amostragem probabilística por conveniência, conforme definido por Gil (2008). Este método foi escolhido pela sua praticidade e acessibilidade, dado o contexto escolar da investigação, permitindo a inclusão de alunos e professores diretamente envolvidos nas

turmas onde a estratégia pedagógica foi implementada. Esta abordagem facultou a constituição de dois grupos focais representativos de alunos que participaram ativamente nas atividades desenvolvidas, e de um grupo focal com docentes. É importante notar que, além dos grupos focais, a recolha de dados incluiu também a observação participante, realizada durante a implementação das histórias nas turmas completas, permitindo recolher informações sobre as reações e comportamentos dos alunos.

Considerando a natureza da investigação, que envolve crianças, foi fundamental abordar as questões éticas relacionadas com a sua participação. Para tal, a participação de todos os indivíduos foi voluntária e obteve-se o devido consentimento informado. Os Encarregados de Educação foram devidamente informados sobre os objetivos do estudo, o uso dos dados e a forma como seriam tratadas as informações. De acordo com Kramer (2002), a preservação da identidade dos participantes e o uso respeitoso das suas imagens são práticas essenciais que garantem a dignidade dos alunos, promovendo um ambiente de confiança e respeito nas interações educativas e investigativas.

A Tabela 1- Caracterização dos participantes – alunos (Tabela 1) fornece uma descrição detalhada dos discentes que integraram os grupos focais. Os participantes foram divididos em dois grupos distintos, correspondendo aos alunos do 5.º e do 6.º ano das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. Cada grupo focal foi cuidadosamente composto por igual número de alunos por género, integrando três elementos do sexo masculino e três do sexo feminino. No que respeita à faixa etária, a turma do 5.º ano, composta por 21 alunos (14 do sexo masculino e 7 do sexo feminino), tinha idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos, sendo que os participantes do grupo focal deste ano incluíram quatro alunos com 10 anos e dois com 11 anos. Por sua vez, a turma do 6.º ano, com 29 alunos (15 do sexo masculino e 14 do sexo feminino), apresentava idades entre os 10 e os 14 anos, com o grupo focal a integrar um aluno com 10 anos e cinco alunos com 11 anos. Esta composição visa representar a diversidade presente nas turmas envolvidas na investigação.

A Tabela -Caracterização dos participantes – professores (Tabela 2) oferece uma caracterização dos docentes que participaram no grupo focal. Este grupo incluiu um total de quatro professoras, todas do sexo feminino, com diferentes áreas de ensino e perfis. Destaca-se a presença da professora de Educação Visual e Educação Tecnológica, com 66 anos de idade, que atuou como professora cooperante no contexto da prática pedagógica. Integrou o grupo também a professora de Educação Moral e Religiosa Católica, com 65 anos de idade. Adicionalmente, participaram duas professoras estagiárias, ambas com 22 anos de idade e a frequentar o último ano do Mestrado em Educação. A inclusão da professora bibliotecária no grupo focal foi particularmente pertinente, uma vez que esta assistiu às sessões de narração de histórias no espaço da

biblioteca, permitindo-lhe ter uma perspetiva direta da interação e do impacto da estratégia nos alunos.

Tabela 1 Caracterização participantes – alunos

Característica	Turma 5º ano	Turma 6º ano	Grupo Focal 5º ano	Grupo Focal do 6º ano
Disciplinas	Educação Visual e Educação Tecnológica	Educação Visual e Educação Tecnológica	Educação Visual e Educação Tecnológica	Educação Visual e Educação Tecnológica
Nº Total de Alunos	21	29	6	6
Sexo Masculino Total	14	15	3	3
Sexo Feminino Total	7	14	3	3
Faixa Etária Total	10-11 anos	10-14 anos	10-11 anos	10-11 anos
Idade dos Participantes	N/A	N/A	4 alunos com 10 anos, 2 alunos com 11 anos	1 aluno com 10 anos, 5 alunos com 11 anos
Nº de Grupos Focais	N/A	N/A	1	1

Tabela 2 Caracterização participantes – professores

Característica	Professora de Educação Visual e Educação Tecnológica 2º ciclo (Grupo 240)	Professora de Educação Moral e Religiosa Católica- Professora Bibliotecária (Grupo290)	Professoras Estagiárias
Número	1	1	2
Sexo	Feminino	Feminino	Feminino
Idade	66 anos	65 anos	22 anos
Formação	Educação 1º ciclo e Educação Básica de Educação Visual e Educação Tecnológica	Educação Moral e Religiosa Católica	Último ano de Mestrado em Educação Visual e Educação Tecnológica do Ensino Básico
Tipo de Participação	Grupo Focal	Grupo Focal	Grupo Focal

Tempo de Experiência	41 anos	38 anos	N/A
----------------------	---------	---------	-----

### 5.3. Pedidos de autorização e Procedimentos

Para a realização desta investigação, foi imperativo obter a devida autorização da Escola, dirigida ao Diretor (Anexo 1) e aos Encarregados de Educação (Anexo 2). Este procedimento foi fundamental para garantir a ética e a segurança dos alunos envolvidos, em conformidade com o projeto pedagógico e o ambiente escolar. O consentimento formal das partes envolvidas salvaguardou os direitos dos alunos, a integridade do estudo e a adequação da investigação às normas estabelecidas no contexto educativo, contribuindo para o rigor da pesquisa.

Adicionalmente, o contacto com os professores foi uma etapa importante do processo, uma vez que estes assistiram à implementação das atividades de investigação e expressaram a sua disponibilidade em colaborar. Essa colaboração fortaleceu o vínculo entre a investigação e a prática pedagógica, permitindo uma melhor compreensão das dinâmicas em sala de aula. A participação ativa dos professores enriqueceu os dados obtidos e alinhou a investigação aos objetivos educativos, promovendo um ambiente de construção do conhecimento.

Durante os grupos focais com os alunos, foi conduzida uma discussão orientada que permitiu que os participantes expressassem as suas opiniões sobre as histórias promovidas nas aulas de Educação Visual e Educação Tecnológica. A abordagem incentivou a participação ativa e o diálogo aberto sobre perceções, gostos e sugestões para futuras iniciativas. Esse processo assegurou que os alunos fossem ouvidos e respeitados, enriquecendo a recolha de dados para a investigação. Os alunos e professores foram informados sobre a confidencialidade das informações recolhidas. No grupo focal com os professores, ocorreu uma discussão sobre as histórias dinamizadas nas aulas, analisando o processo de implementação e a resposta dos alunos a essas atividades. Os professores partilharam as observações e reflexões, contribuindo para uma compreensão da abordagem do contador de histórias na educação. Em termos de contexto, os grupos focais foram realizados presencialmente, numa sala previamente organizada e preparada, com uma duração aproximada de 20 minutos para cada grupo. A moderação das discussões foi realizada por Isabel Legoinha, garantindo que a conversa fluísse de forma produtiva e respeitosa.

## 6. Instrumentos de Recolha de Dados

### 6.1. Observação participante

A observação participante foi fundamental para compreender de forma holística as dinâmicas em sala de aula durante a narração de histórias, proporcionando uma imersão mais próxima e uma maior compreensão do contexto educativo. Este método permitiu registar as ações visíveis e as interações e reações dos alunos *in loco*, fornecendo informações valiosas para a investigação. A observação participante é eficaz quando se reconhece a importância dos requisitos necessários para a sua correta aplicação. Conforme referido por Moreira (2007), a observação participante

pode transformar-se numa poderosa ferramenta de investigação social e numa técnica científica de recolha de informação quando: a) é orientada e focalizada para um objetivo concreto de pesquisa, previamente formulado; b) é planificada sistematicamente em fases, aspectos, lugares e pessoas; c) é controlada e relacionada com proposições teóricas; e d) é submetida a controlos de objetividade, fiabilidade e previsão. (p. 177)

No âmbito do presente estudo, a observação foi orientada para os objetivos de investigação, considerando os diferentes momentos de interação das crianças com as histórias. Ressaltando os elementos essenciais da definição de observação participante, Moreira (2007) realça que

a) a observação deve ser realizada pelo investigador na primeira pessoa, sem que possa ser delegada noutras pessoas que recolham os dados (como sucede, por exemplo, num inquérito por amostragem); (...) c) a participação tem de ter lugar no habitat natural do grupo e nunca num ambiente artificial reconstruído para facilitar o trabalho de investigação; d) o investigador não se limita a observar “de fora” mas interacciona com as pessoas que pretende estudar e e) o objetivo último é compreender na acepção weberiana, ou seja “ver o mundo com os olhos dos sujeitos estudados. (p.179)

Estes princípios foram relevantes para a implementação da investigação, porque garantir que a observação ocorra no contexto natural da sala de aula foi fundamental para perceber a essência das interações. O registo dos dados observados, através de uma grelha especialmente criada para o efeito (Anexo 3 ) foi um passo importante, seguindo as

orientações de Moreira (2007), este processo evidenciou a importância de redigir notas detalhadas com observações e reflexões pessoais, proporcionando clareza e transparência na análise e documentação das informações relevantes. A forma como foram redigidas as notas, que incluíram tanto detalhes das observações como reflexões pessoais, permitiu um entendimento dos comportamentos e interações observadas (p. 191).

Neste projeto de investigação na área educacional, a observação participante caracterizou-se como uma técnica em que o investigador se integrou no grupo estudado para recolher dados de forma mais imersiva. Como refere Estela (1994),

a observação participada corresponde a uma observação em que o observador pode participar, de algum modo, na atividade do observado, mas sem deixar de representar o seu papel de observador e, conseqüentemente, sem perder o respetivo estatuto (p. 36).

Esta abordagem possibilitou uma compreensão da realidade investigada, permitindo desvendar aspetos que poderiam não ser compreendidos por métodos mais convencionais. O planeamento da observação, incluindo o uso de uma grelha de observação (Anexo 4), foi essencial para garantir a qualidade e a ética da pesquisa neste contexto. A grelha foi elaborada para organizar e registar as diferentes dimensões a serem analisadas durante a observação, tendo em conta os objetivos do projeto. O uso da observação participante, quando aplicado adequadamente, contribui significativamente para a compreensão dos processos educativos e das interações dos sujeitos envolvidos nesta investigação (Marques, 2016).

A grelha de observação inclui diversas categorias que permitiram analisar as reações e comportamentos dos alunos em relação à história narrada, utilizando uma escala de classificação. As principais categorias observadas foram as reações dos alunos, que incluíam as expressões faciais, onde se podia notar se os alunos demonstraram surpresa ou incompreensão. O nível de interesse foi avaliado com base nas reações a pontos de clímax, como quando os alunos riram ou se divertiram com a história. A interação dos alunos com a história e com o professor foi uma área importante de análise, sendo observado se levantavam a mão para fazer perguntas ou dar respostas durante momentos interativos. Outro aspeto considerado foram as conexões com a vida pessoal, em que se avaliou se os alunos faziam comentários relacionados às suas próprias experiências ao ouvir a história e se faziam conexões entre a narrativa e as suas vidas ou outros conhecimentos durante discussões em grupo. A escala utilizada para registar as observações variou de "Nunca" a "Sempre", passando por "Raramente", "Às vezes" e "Frequentemente". A grelha de observação facilitou o registo sistemático das interações

dos alunos e proporcionou uma análise da participação ativa e imersão nas histórias apresentadas pelo professor contador de histórias.

## **6.2. Grupo focal**

A combinação da observação participante com a recolha de dados através de grupos focais revelou-se fundamental para compreender a complexidade das experiências e percepções de alunos e professores. Este método ampliou a análise qualitativa, permitindo uma compreensão abrangente e significativa do impacto da narração de histórias no envolvimento com as disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. Como destaca Amado (2021), a interação que ocorre dentro do grupo é a principal fonte de produção de dados, diferindo de outras estratégias de investigação, como as entrevistas de grupo (p. 226). Nesse sentido, a recolha de dados através de grupos focais facilitou a troca de ideias e experiências entre os participantes, enriquecendo a compreensão coletiva sobre o impacto da narrativa.

Moreira (2007) esclarece que “o grupo focal visa explorar percepções, experiências ou significados de um grupo de pessoas que têm alguma experiência ou conhecimento em comum sobre uma dada situação ou tópico” (p. 143). Neste projeto de investigação, a aplicação desta técnica possibilitou uma análise profunda das percepções dos alunos e professores, que tinham assistido às dinâmicas de narração. Segundo Bomfim (2008), aspetos essenciais para a eficácia do grupo focal incluem a seleção adequada dos participantes, a definição clara dos objetivos da investigação, a elaboração de um roteiro de perguntas aberto e flexível, e a condução do grupo de forma neutra e imparcial. A observação atenta da interação grupal e a garantia do anonimato dos participantes também foram primordiais para a integridade do processo.

De acordo com Silva e Fortunato (2020), a realização de um grupo focal deve seguir etapas que garantam a recolha eficaz de dados qualitativos, iniciando-se com o planeamento, onde os objetivos da investigação são definidos e elaborado um roteiro. A fase de preparação deve assegurar a homogeneidade do grupo e a escolha de um local apropriado para a discussão. Durante a moderação, o investigador deve facilitar a conversa, promovendo um ambiente de partilha e respeito, que podem enriquecer a análise. O roteiro para a realização do grupo focal, desenvolvido para este projeto (Anexo 5 e 6), centrou-se nas áreas fundamentais da investigação, assegurando que as questões abordadas respondessem aos objetivos delineados. No caso dos alunos, o roteiro visou explorar a experiência com a narração de histórias nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. Questões como a experiência de ouvir histórias, momentos de envolvimento e desinteresse, e a influência das habilidades do narrador foram discutidas.

Para os professores, o roteiro concentrou-se na percepção sobre a dinamização das histórias e o seu impacto nas práticas pedagógicas.

Adicionalmente, Bardin (2016) reforça que

um grupo focal não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações (p. 37).

Esta perspetiva é relevante para esta análise, uma vez que demonstra o potencial dos grupos focais como uma ferramenta adaptável às diversas dinâmicas de comunicação existentes no contexto educativo

## **7. Técnicas de Análise de Dados**

### **7.1. Análise de conteúdo**

A análise dos dados recolhidos no projeto de investigação foi realizada de acordo com a abordagem qualitativa, utilizando a análise de conteúdo. Esta metodologia é fundamental para compreender as percepções e experiências dos participantes, permitindo uma interpretação dos dados qualitativos obtidos.

Moreira (2007) refere,

a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que permitem analisar de forma sistemática um corpo de material textual, por forma a desvendar e quantificar a ocorrência de palavras, frases e temas considerados “chave” que possibilitem uma comparação posterior (p. 217).

Este aspeto é importante, porque a identificação de elementos-chave nas conversas e interações dos grupos focais serviu como base para a análise. Para conduzir a análise de conteúdo de forma estruturada, realizaram-se os passos detalhados a seguir.

### **7.2. Transcrição**

Todo o material gravado, nos grupos focais, foi transcrito (Anexo 7), assegurando que cada detalhe das discussões foi devidamente documentado. Esse passo foi

essencial para garantir que os detalhes das opiniões dos participantes ficaram refletidas nas análises.

### **7.3. Categorias**

Após a transcrição, procedeu-se à categorização (Anexo 8) dos dados recolhidos, organizados por grupo focal de alunos, grupo focal de professores e grelhas de observação de alunos durante a implementação das histórias, um passo de relevância no processo de análise qualitativa. O objetivo nessa fase foi organizar as informações de forma a identificar temas emergentes, permitindo uma análise sistemática e aprofundada dos resultados obtidos. Esta etapa facilitou a compreensão da dinâmica das discussões e assegurou que os dados tenham sido tratados de maneira estruturada e coerente. Conforme afirmado por Gil (1999), “para que essas respostas possam ser adequadamente analisadas, torna-se necessário, portanto, organizá-las, o que é feito mediante o seu agrupamento em certo número de categorias” (p. 169). Esta organização é importante, uma vez que proporciona clareza e focos distintos para a interpretação dos dados.

Segundo Bardin (2016), as categorias utilizadas na análise devem possuir várias qualidades fundamentais, que foram seguidas nesta investigação. Em primeiro lugar, devem ser de exclusão mútua, ou seja, cada informação deve ser alocada apenas numa única categoria, evitando repetições que poderiam comprometer a análise. Para além disso, é essencial que haja homogeneidade, pois cada categoria deve ter um único princípio orientador, garantindo que o seu conteúdo seja coerente. A pertinência é outra característica fundamental, implicando que as categorias devem ser adaptadas e relevantes ao material em análise, assegurando que reflitam os tópicos discutidos.

Adicionalmente, a objetividade e a fidelidade às informações, assim como a produtividade das categorias, que se traduz na capacidade de fornecer resultados frutíferos e contextualizados, são igualmente indispensáveis. Assim, a categorização conduziu a uma análise que permitiu a interpretação das interações e reflexões expressas pelos participantes, dando espaço as conclusões fundamentadas e adequadamente contextualizadas.

### **8. Mapeamento das atividades implementadas**

O mapeamento das atividades realizadas no projeto de investigação pretende relatar o percurso e processo de implementação e utilização do contador de histórias, na utilização de narrativas como ferramentas pedagógicas nas disciplinas de Educação Visual e

Educação Tecnológica, inspirado na obra infantil “O Ponto” de Peter Reynolds, destaca a importância da expressão artística e da criatividade, refletindo que cada indivíduo pode ser artista à sua maneira, independentemente das habilidades previamente adquiridas. O projeto foi desenvolvido em duas unidades de trabalho distintas, promovendo o envolvimento e a participação ativa dos alunos.

A primeira unidade de trabalho, intitulada "A Nova Linguagem da Arte Contemporânea", com duração de 5 semanas, envolvendo as turmas 5.º e 6.º anos de Educação Visual. O objetivo principal foi explorar diferentes manifestações culturais da arte contemporânea, desenvolver a apreciação estética e promover a criatividade através da criação de obras que expressassem sentimentos e ideias. Durante esta unidade, os alunos tiveram a oportunidade conhecer obras de arte contemporâneas, debatendo as suas interpretações e significados. As atividades incluíram diálogos sobre o amor e a representação artística, investigações sobre a arte contemporânea, e a criação de esboços e trabalhos artísticos utilizando diferentes materiais. A narrativa associada a esta unidade conta a história da Inês (Anexo 9), uma aluna que, ao visitar um museu, descobre a diversidade da arte contemporânea. Intrigada pelas obras que viu, a Inês inicia um percurso de autodescoberta, explorando como a arte pode ser uma forma de expressão de emoções e experiências. Ela e os seus amigos colaboram na criação de um mural coletivo, refletindo que cada artista, mesmo sem experiência, pode contribuir (Figura 10 e 11). A professora contadora da história, montou a exposição com imagens das obras que foram surgindo no texto.

*Figura 10* Dinamização da História A Inês e a Arte contemporânea na sala de aula adaptada



*Figura 11* Dinamização da História A Inês e a Arte contemporânea



A segunda unidade, "Movimento, Jogo e Diversão de Carnaval", foi desenvolvida durante 5 semanas envolvendo as turmas 5.º e 6.º anos de Educação Tecnológica. O objetivo principal foi conceber jogos que promovessem interação e criatividade, utilizando conhecimentos sobre movimento e construção de artefactos técnicos. A atividade deste módulo incluiu o desenvolvimento de um jogo de berlindes em grupo, enfatizando a

colaboração e a aplicação de conhecimentos sobre movimento. Os alunos foram incentivados a realizar esboços que explorassem diferentes tipos de movimento, sempre considerando a utilização de materiais recicláveis e a sustentabilidade. A construção do jogo e a preparação do espaço interativo para a demonstração foram etapas essenciais, promovendo a aprendizagem prática. A história associada a esta unidade fala da Beatriz (Anexo 10), uma aluna insegura nas suas habilidades de desenho e expressão artística, que descobre como explorar diferentes tipos de movimento através dos seus desenhos, desafiando os seus medos e motivando os colegas a fazer o mesmo (Figura 12). A professora contadora da história deu vida à Beatriz e à professora, personagens da história e com o auxílio do iô-iô, explorou os movimentos que foram surgindo na história.

*Figura 12* Dinamização da História O Movimento



Após a conclusão das histórias, as grelhas de observação foram preenchidas para avaliar o efeito das narrativas nas práticas pedagógicas e na experiência dos alunos. Essas ferramentas permitiram recolher informações detalhadas sobre as reações dos alunos às atividades e a eficácia das narrativas como ferramentas didáticas. Posteriormente, foram realizados grupos focais com alunos e professores para discutir as experiências vividas

durante o projeto, permitindo que todos partilhassem percepções e sugestões de melhoria e identificassem o que funcionou bem e as áreas que poderiam ser melhoradas.

A análise dos dados foi baseada numa abordagem sistemática e qualitativa, visando sintetizar as experiências e percepções dos participantes sobre as narrativas como ferramentas pedagógicas. A análise de conteúdo foi utilizada para interpretar os dados qualitativos obtidos, sendo essencial para perceber as percepções e experiências dos participantes, conforme Moreira (2007). Esta metodologia permite a análise sistemática de material textual, destacando palavras, frases e temas-chave que possibilitam comparações significativas. A recolha de dados foi realizada através de grupos focais, em que alunos e professores debateram a utilização das narrativas como ferramenta pedagógica, complementada por grelhas de observação para perceber as reações dos alunos durante as narrativas. Esta combinação de métodos favoreceu uma análise abrangente e garantiu a inclusão de diversas opiniões e perspetivas. Todo o material gravado nos grupos focais foi transcrito, assegurando que os detalhes das discussões e opiniões dos participantes fossem devidamente documentados e preservados. Na fase de categorização dos dados, as informações foram organizadas de forma a facilitar a identificação de temas emergentes para uma análise sistemática dos resultados. As categorias e subcategorias definidas foram utilizadas para apresentar as constatações referentes aos objetivos do projeto, considerando a subjetividade das experiências dos participantes e reiterando a importância de percepções.

A discussão dos resultados documenta as descobertas, utilizando dados concretos e citações relevantes para contextualizar os resultados no âmbito educativo. A interpretação pretende estabelecer conexões significativas entre os dados obtidos, facilitando reflexões e melhorias nas práticas pedagógicas. A análise de conteúdo mostrou-se eficaz para explorar as complexidades das percepções dos participantes sobre as narrativas na educação.

## 9. Apresentação de Resultados

Este capítulo apresenta a análise dos dados qualitativos recolhidos de alunos e de professores, através dos grupos focais.

Na categoria, “Razões para o Envolvimento e Motivação dos Alunos”, a análise revelou que a introdução de narrativas em sala de aula configura-se como um fator para impulsionar o envolvimento e a motivação dos alunos, traduzindo-se num significativo contributo para a sua participação ativa, como traduzem as seguintes subcategorias

Neste contexto, na subcategoria *Aumento da Curiosidade e Interesse*, sobressaiu de forma proeminente. As observações registadas nas grelhas relativas às Expressões Faciais indicaram que os alunos demonstraram surpresa pela abordagem ("Os alunos demonstraram surpresa pela abordagem, não estavam à espera que a professora contasse uma história"), acompanhada por uma incompreensão inicial sobre a sua aplicabilidade pedagógica ("Inicialmente os alunos não perceberam muito bem que a história ia abordar conhecimentos, e que servia para iniciar a Unidade de Trabalho"). Contudo, essa fase transitória foi rapidamente superada, dando lugar a reações de riso e diversão em momentos culminantes da história, conforme notado nas observações sobre as Reações a ponto de clímax ("Os alunos riram-se quando na história aparecia a professora Helena e a aluna Inês, porque associavam às professoras"; "O ambiente da sala foi animado, com os alunos a reagirem a momentos inusitados da narrativa"). A curiosidade dos alunos foi consistentemente expressa nos seus relatos, servindo como *indicadores* diretos do interesse despertado. Um aluno do 6º ano partilhou: "eu fiquei curioso, para saber o que era" (Aluno 2, 6º ano), e outro da mesma turma destacou: "Quando a professora começou eu fiquei curiosa, e pensativa, porque não estava a entender para o que era e o que significavam" (Aluno 5, 6º ano). Esta curiosidade converteu-se em atenção visível, com indicadores dos alunos do 5º ano como "as histórias ajudam os alunos a concentrarem-se mais, do que como se fosse a ensinar pelo quadro" (Aluno 6, 5º ano) e "capta mais a atenção" (Aluno 3, 6º ano). Outros indicadores dos alunos incluíram a perceção de que as histórias "captam a atenção das crianças" (Aluno 1, 6º ano), "acaba por captar melhor a atenção deles" (Aluno 3, 6º ano), e "ajuda os meninos a terem mais atenção" (Aluno 6, 6º ano). Um aluno chegou a afirmar, revelando um alto nível de atenção: "não dormi e até estava com os olhos bem abertos" (Aluno 4, 5º ano). Do lado dos professores, indicadores como a observação de que "Eles se lembravam logo, e referiam “foi como a Beatriz ou como a Inês fez”" (PE2), personagens da história, apontam para o efeito na lembrança dos conhecimentos. Os professores foram unânimes ao afirmar que "As histórias estimulam a criatividade e a curiosidade dos alunos" (PC), que "Ao ouvir uma história, os alunos desenvolvem a sua capacidade de imaginar cenários, personagens"

(P1), e que a estratégia "ajudou imenso a que eles ficassem muito mais atentos" (PE1), um indicador direto do Aumento da participação dos alunos. A inclusão foi também um aspeto salientado, com a observação de que "Houve alunos que, às vezes, não participam tanto... com esta tua estratégia, estavam mais envolvidos" (PC).

A subcategoria *Sensação de Imersão e Participação Ativa*, evidenciou um envolvimento emocional e cognitivo. Nas observações das grelhas sobre o Nível de interesse, registou-se que os alunos mostraram uma Postura de interesse ("Os alunos mostraram uma postura de interesse") e o Olhar focado na cena ("Durante a história os alunos olharam para a cena") durante a maior parte da narração. A Interação dos alunos com a história e com o professor manifestou-se, de acordo com as observações da grelha, através do frequente Levantar a mão para perguntas ou respostas ("Os alunos levantaram a mão para fazer perguntas ou para fazer comentários"), uma efetiva Participação em momentos interativos ("Os alunos responderam a perguntas quando solicitado"), e a capacidade de estabelecer Conexões com a vida pessoal e Reações de reconhecimento ("Os alunos fizeram comentários relacionados às suas próprias experiências ao ouvir a história"; "Os alunos fizeram conexões entre a narrativa e as suas vidas ou outros conhecimentos"). Os próprios alunos relataram essa imersão, com *indicadores* como "eu senti que estava lá no meio da história" (Aluno 1, 5º ano), "Eu sentia que estava no museu, a ver as artes" (Aluno 2, 5º ano), e "Na história dos movimentos, eu sentia que estava a fazer os movimentos" (Aluno 3, 5º ano). Esta sensação de envolvimento foi reiterada por afirmações como "sentia-me como um colega da Beatriz, porque enquanto a professora estava a explicar-lhe, eu sentia que estava lá dentro, na sala" (Aluno 5, 5º ano), e "senti-me muito envolvida nessa parte" (Aluno 6, 5º ano). Alunos do 6º ano também partilharam indicadores de imersão: "senti-me bastante dentro da história" (Aluno 2, 6º ano; Aluno 4, 6º ano), "permitiu-nos entrar dentro da história e passar o momento em que a Inês e a turma estavam a viver" (Aluno 3, 6º ano), e "eu senti que eu também estava lá a andar, e a ver as obras que estavam expostas" (Aluno 5, 6º ano). A sensação de estar na história foi unânime: "em cada momento da história, senti-me lá, porque dava-me a sensação que nós também estávamos a aprender com a professora" (Aluno 6, 6º ano). Indicadores de transporte para a narrativa incluíram: "pormos dentro da história" (Aluno 2, 6º ano), "transmite aos alunos estar dentro da história" (Aluno 3, 6º ano), "meteu-nos dentro da história" (Aluno 5, 6º ano), e "senti-me envolvida, quando começou a fazer os movimentos na folha, ou a meter os quadros" (Aluno 6, 6º ano). A experiência gerou emoções positivas, com alunos a expressar-se "muito contente" (Aluno 1, 5º ano), "feliz" (Aluno 2, 5º ano; Aluno 3, 5º ano; Aluno 5, 5º ano; Aluno 6, 5º ano), "alegre" (Aluno 3, 5º ano; Aluno 4, 5º ano), e até "importante" (Aluno 4, 5º ano). A surpresa com a novidade da abordagem foi também um indicador de envolvimento: "eu senti-me surpreso, porque

foi a primeira vez que eu estive a ouvir uma história na aula de educação tecnológica e educação visual" (Aluno 1, 6º ano). Os professores corroboraram este dinamismo, indicando que "Essas histórias ajudam a contextualizar as informações, tornando os conceitos mais acessíveis" (PC), que a dinâmica "promove a expressão oral e escrita" (P1), e que "Entre eles há mais dinâmica... a aula torna-se muito mais dinâmica" (PC), resultando em alunos "mais calmos e mais libertos" (PC).

Na categoria "Aspectos relativos à Relevância da Estratégia de Ensino-Aprendizagem do Professor Contador de Histórias", a estratégia de utilizar o professor como contador de histórias foi reconhecida pela relevância pedagógica, influenciando a compreensão e a inovação no ensino. No que concerne à subcategoria *Facilitação para a Compreensão e Aprendizagem*, os alunos destacaram a eficácia das histórias na assimilação de novos conhecimentos. Indicadores como "aprendi coisas novas, passei a conhecer artes novas" (Aluno 1, 5º ano), "aprendi mais sobre o movimento e a arte contemporânea" (Aluno 2, 5º ano), e "ficamos a aprender novas coisas" (Aluno 5, 5º ano) foram recorrentes. Afirmações como "alunos ficaram a saber mais sobre Arte Contemporânea e os Movimentos" (Aluno 1, 5º ano) e "aprendemos várias coisas" (Aluno 2, 5º ano) reforçam a aprendizagem efetiva. Os alunos consideraram a abordagem "um jeito mais fácil de nós aprendermos" (Aluno 2, 6º ano), que "ajuda bastante a aprender os conhecimentos que as professoras querem transmitir" (Aluno 5, 6º ano), e que "as histórias transmitem um novo conhecimento e uma forma de aprender divertida" (Aluno 6, 6º ano). Foi vista como "uma maneira de aprender mais fácil" (Aluno 1, 6º ano) e "uma forma mais divertida de aprender o que nós estávamos a dar" (Aluno 3, 6º ano). Adjetivos como "mais fixe" (Aluno 4, 6º ano) e "Uma maneira boa de aprender" (Aluno 5, 6º ano; Aluno 6, 6º ano) indicam a preferência dos alunos. A comparação com métodos tradicionais foi um indicador: "com as histórias é melhor do que explicar na sala de aula" (Aluno 3, 5º ano), "é uma maneira mais eficaz de aprender" (Aluno 4, 5º ano), "é uma maneira muito melhor do que estar a olhar para o quadro" (Aluno 5, 5º ano), e "é uma maneira mais fácil de aprender e ajudamos a entender melhor a matéria" (Aluno 6, 5º ano). Alunos do 6º ano também corroboraram: "transmitiram uma forma mais fácil de aprender" (Aluno 3, 6º ano) e "à medida que a professora foi contando, eu já comecei a entender melhor" (Aluno 5, 6º ano), sentindo-se "muito a par da matéria" (Aluno 4, 6º ano). Além disso, alguns alunos apontaram benefícios para o desenvolvimento da linguagem, com indicadores como "tu podes aprender com essa história a ler melhor, a treinares a leitura" (Aluno 1, 5º ano) e "vamos ter mais desenvolvimento na nossa linguagem, e aprendemos mais com a leitura" (Aluno 2, 5º ano).

Na subcategoria, *Impacto no envolvimento dos alunos, perante a performance do Professor na Narração*, foi igualmente significativo. Os docentes notaram que "A

dinamização destas atividades em contexto de sala de aula pode ser uma experiência bastante enriquecedora e envolvente" (P1). Foi observado que "A forma como a história foi dinamizada... captou a atenção dos alunos" (PE1) e que "Notou-se que eles ficaram muito envolvidos, que perceberam tudo" (PE2), em parte porque "A história estava acessível, estava adequada ao vocabulário deles" (PE2). A própria expressividade do professor na narração foi um indicador apontado pelos alunos para o seu maior envolvimento, como evidenciado pelo comentário do Aluno 4 (5º ano): "a professora contou de maneira expressiva, e isso cativou-me mais."

A subcategoria *Diferenciação e Inovação Pedagógica nas estratégias pedagógicas* foi consistentemente referida. Os alunos descreveram a experiência como "uma maneira de aprender que é fora do normal" (Aluno 6, 5º ano) e manifestaram que "Eu achei diferente, e gostei muito" (Aluno 4, 6º ano), e que "Foi uma experiência boa, diferente, nunca tínhamos feito isso" (Aluno 5, 6º ano). A comparação direta com o ensino tradicional ("estar na sala a aprender e estar a ler uma história são formas muito diferentes de aprendizagem" - Aluno 4, 6º ano) e a novidade da experiência ("foi a primeira vez que eu estive a ouvir uma história na aula de educação tecnológica e educação visual" - Aluno 1, 6º ano; "nunca tinha ouvido uma história nas aulas de educação visual e educação tecnológica" - Aluno 3, 6º ano; "foi a primeira vez que numa aula de Educação Visual e Educação Tecnológica nós fomos ler uma história" - Aluno 4, 6º ano) são indicadores do seu carácter inovador.

Na categoria "Importância da Formação e Capacitação de Professores", a perspetiva dos professores salientou a importância crítica da formação contínua para a implementação eficaz da narrativa pedagógica. Em relação às *Técnicas Narrativas*, os docentes manifestaram a necessidade de uma formação específica, afirmando que "seria importante ter uma formação mais direcionada para essas questões" (PE1) e que "Devia haver formação em técnicas e formação de contadores de histórias, era mesmo muito importante" (P1). No âmbito do "Desenvolvimento da Comunicação", foi referido a necessidade de "Preparar os docentes para uma linguagem clara, expressiva e adequada aos discentes" (P1), sendo a "A falta de formação nas nossas áreas é muito difícil" (PC) um indicador da barreira existente para a otimização desta ferramenta.

As *Sugestões para Melhoria* pretendem melhorar a experiência narrativa, com foco na continuidade e na intensificação dos elementos que já contribuíram para a sua imersão. Indicadores incluem a proposta de que "seria bom se você desse a mesma emoção que meteu com as luzes e com os quadros" (Aluno 2, 6º ano), e que o professor "deve voltar a meter as luzes o som, nas próximas vezes deve também meter os elementos da história" (Aluno 3, 6º ano). A importância da continuidade dos elementos foi reforçada: "gostava que mantivesse os sons, as luzes e os quadros, porque fez muito sentido dentro

da história" (Aluno 4, 6º ano), e "das próximas vezes deve continuar" (Aluno 5, 6º ano), sendo que o professor "deve usar exatamente os elementos, luzes, quadros, o tom de voz" (Aluno 6, 6º ano). Houve também um desejo por maior envolvimento humano, com sugestões de "Mais professores envolvidos a contar a história" (Aluno 6, 5º ano), "colocar outra professora a explicar as coisas, na história" (Aluno 4, 5º ano), e de "acrescentar os alunos como personagens" (Aluno 6, 5º ano). Um aluno do 6º ano resumiu o impacto dos elementos: "porque capta mais a nossa atenção, e também porque parece que estamos dentro da história" (Aluno 3, 6º ano).

## 10. Discussão dos Resultados / Conclusões

A integração da narrativa e o professor contador de histórias como ferramenta pedagógica para a leção das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica revelou-se eficaz para promover o envolvimento e a motivação dos alunos, como comprovam os resultados do nosso estudo.

Partindo da questão empírica: “De que forma o professor contador de histórias pode ser uma ferramenta pedagógica viável para o envolvimento e aprendizagem das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica?”, delineámos determinados objetivos em que através da análise dos resultados obtidos, a seguir refletimos e discutimos, estabelecendo a respetiva relação com autores.

O primeiro objetivo consistiu em perceber se a dinamização de histórias como ferramenta pedagógica pode influenciar o envolvimento e a aprendizagem dos alunos nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica- a importância das histórias na educação é corroborada por Araújo (2012), que destaca a narrativa como uma arte no contexto educativo, capaz de motivar os alunos e estimular a reflexão sobre desafios de aprendizagem. As observações em sala de aula demonstraram que a utilização de narrativas levou a momentos de surpresa e diversão, correspondendo à afirmação de Bettelheim (1976) de que contar histórias estabelece vínculos significativos entre o professor e os alunos. Quando, os alunos vivenciam emoções como surpresa e diversão, são incentivados a interagir mais com o conhecimento, criando uma relação mais próxima com o professor e consolidando um ambiente de aprendizagem mais colaborativo. A categoria Razões para o Envolvimento e Motivação dos Alunos, desdobrada em subcategorias como Aumento da Curiosidade, Interesse e Participação, e Sensação de Imersão e Participação Ativa, revelou-se central. Os indicadores recolhidos, desde expressões de curiosidade inicial, "eu fiquei curioso, para saber o que era" (aluno 2, 6º ano) até à atenção observada em sala, demonstram que a narrativa envolve os alunos. A transição da incompreensão inicial para o riso ilustra a capacidade da narrativa em criar um ambiente de aprendizagem dinâmico e emocionalmente positivo, reforçando a ideia de que a emoção e o interesse intrínseco são fundamentais para uma aprendizagem significativa. A sensação de imersão, descrita pelos alunos, revela como as narrativas podem criar um ambiente de aprendizagem dinâmico e interativo, alinhando-se ainda com a visão de Moreno (1987) sobre a versatilidade das histórias como ferramenta pedagógica. Os testemunhos dos alunos, que relataram sentir-se "dentro da história" (aluno 6, 6º ano), apoiam a ideia de que a narração pode promover a atenção, e também um envolvimento emocional, ideia que se relaciona com a visão de Lourenço et al. (2010) sobre a motivação dos alunos estar diretamente ligada à sua participação em atividades educativas. O

*feedback* positivo sobre a narrativa sugere que as histórias são uma técnica didática e um recurso que reforça o entendimento e a contextualização dos temas de forma acessível e significativa, conforme preconizado pela UNESCO (1975). Os professores participantes também corroboraram que a abordagem da narrativa torna os temas mais envolventes, ao afirmarem “Houve alunos que, às vezes, não participam tanto... com esta tua estratégia, estavam mais envolvidos” (PC), em consonância com o foco educativo proposto nas Aprendizagens Essenciais de Educação Visual e Educação tecnológica (Ministério da Educação, 2018).

Em relação ao segundo objetivo, que visou avaliar a percepção de alunos sobre a relevância da abordagem do professor contador de histórias nas práticas pedagógicas do ensino de Educação Visual e Educação Tecnológica, os comentários recolhidos indicam uma valorização da narrativa como estratégia que enriquece a experiência educativa e facilita a compreensão de conceitos complexos. A subcategoria de Facilitação para a Compreensão e Aprendizagem revelou que os alunos consideram a narrativa uma forma mais eficiente e divertida de assimilação de conhecimentos, "aprendi coisas novas" (aluno 1, 5º ano); "um jeito mais fácil de nós aprendermos" (aluno 2, 6º ano). Esta observação suscitou uma reflexão sobre os modelos de ensino tradicionais, sugerindo que a incorporação de elementos narrativos pode reduzir barreiras à compreensão e aumentar a retenção de conceitos. A utilização de histórias também facilita a construção de memórias e associações relevantes, validando as afirmações de Patinha (2018) sobre o impacto positivo das narrativas no processo de aprendizagem. Por outro lado, a análise das opiniões dos professores sobre a eficácia da narrativa revela a necessidade de formação contínua em técnicas narrativas e comunicação, como evidenciado nos resultados. Esta carência formativa pode limitar a aplicação eficaz da narrativa em sala de aula, um ponto que foi salientado pelos docentes participantes. Segundo Castro (2012), a formação em técnicas narrativas é fundamental para maximizar os benefícios desta abordagem, tornando os professores mais competentes na implementação de estratégias que utilizem histórias de forma pedagógica.

O terceiro objetivo da investigação consistiu em analisar a opinião dos professores sobre a eficácia da abordagem do contador de histórias nas suas práticas pedagógicas e como esta estratégia pode contribuir para o envolvimento dos alunos nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. Os professores participantes reconheceram a importância da narração, afirmando que a maneira como as histórias são apresentadas pode alterar significativamente a capacidade de atenção dos alunos. A percepção de Diferenciação e Inovação Pedagógica mostrou-se significativa, com alunos a classificarem a experiência como "fora do normal" (aluno6, 5º ano) ou "diferente" (aluno 5, 6º ano), revelando que foi a primeira vez que tiveram este tipo de experiência. Esta singularidade

constitui um fator de motivação intrínseco que potencia o interesse e a abertura a novas aprendizagens, refletindo os princípios do Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória (Ministério da Educação, 2017), que enfatiza a importância da diversidade e da inclusão. Além disso, a capacidade do professor de dinamizar a história com expressividade foi um indicador relevante para o envolvimento dos alunos. A subcategoria Impacto no Envolvimento dos Alunos reforça que a eficácia da narrativa não depende apenas do conteúdo, mas também da forma como a história é dinamizada, que é fundamental para captar a atenção dos alunos, como referido “A dinamização destas atividades em contexto de sala de aula pode ser uma experiência bastante enriquecedora e envolvente” (P1). A ideia de que o professor deve ser o facilitador da aprendizagem, como defende a UNESCO (1975), é evidente nesse contexto, pois as narrativas servem como forma de sincronizar o conhecimento com os interesses dos alunos. Esta mudança de paradigma enfatiza o papel do professor como contador de histórias, que transmite conhecimentos e cria um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e envolvente.

A sugestão dos alunos para a incorporação de recursos multimédia, na dinamização das histórias, como luzes e som, é uma recomendação que indica um potencial de inovação nas práticas pedagógicas. O envolvimento de elementos visuais e sonoros pode aumentar a atratividade das histórias e tornar a aprendizagem ainda mais dinâmica e interativa.

É importante notar que esta investigação apresenta algumas limitações, nomeadamente em relação ao tamanho e à diversidade da amostra, que podem restringir a generalização dos resultados. Futuras investigações poderiam explorar a aplicação da abordagem do contador de histórias em diferentes contextos, faixas etárias e disciplinas, para assim ampliar a compreensão sobre a eficácia das narrativas no ensino.

Este relatório documenta um processo de desenvolvimento profissional reflexivo e contribui com uma proposta pedagógica que valoriza a inclusão e a participação ativa. A continuação da formação profissional dos docentes, aliada à adaptação de metodologias que integrem a narrativa, promete preparar alunos para o conhecimento e para a construção de um pensamento crítico e criativo, conforme mencionado no “Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória” (Ministério da Educação, 2017). A narrativa, enquanto recurso pedagógico, transforma a sala de aula e cria um espaço em que os alunos se sentem valorizados e motivados a participar ativamente no seu processo de aprendizagem.

## Referências Bibliográficas

Agrupamento de Escolas Viso (2024). *Regulamento Interno*.  
[https://drive.google.com/file/d/1A0oRWWnwq6ncDgEMTviLFe9\\_9llzu9XJ/view](https://drive.google.com/file/d/1A0oRWWnwq6ncDgEMTviLFe9_9llzu9XJ/view)

Agrupamento de Escolas Viso (2024). *Projeto Educativo*.  
<https://drive.google.com/file/d/1LvGDO6RAN0CnIVWbcp4ctj7aj4-h-G7C/view>

Amando, J., (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação* (2ªed.).  
Universidade de Coimbra.

Araújo, M. (2012). *A contação de histórias como contributo para a aprendizagem de Português como Língua Segunda no nível A2*. [Relatório de Mestrado em Português como Língua Segunda/ Língua Estrangeira, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. <https://hdl.handle.net/10216/134319>

Bardin, L., (2016). *Análise de Conteúdo* (1ªed.). Almedina Brasil

Bettelheim, B. (1976). *Psicanálise dos contos de fadas* (9ªed.). Bertrand Editora.

Bomfim, L. A. (2008). Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisa de saúde. *Physis Revista de Saúde Coletiva*; Vol 19 (3): pp.777-796  
<https://www.scielo.br/j/physis/a/gGZ7wXtGXqDHNCHv7gm3srw/?format=pdf&lang=pt>

Castro, R. (2012). *A intuição leitura, a intenção narrativa* (1ª ed.). Editora Gatafunho.

Comissão Europeia/EACEA/Eurydice, 2020. *A Equidade na Educação Escolar na Europa: estruturas, políticas e desempenho dos alunos*. Relatório Eurydice. Luxemburgo: Serviço das Publicações da União Europeia. <https://op.europa.eu/pt/publication-detail/-/publication/517ee2ef-4404-11eb-b59f-01aa75ed71a1/language-pt>

Comissão Nacional da UNESCO. (2006). *Roteiro para a educação artística: Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI*. Touch, artes gráficas.  
<https://crispasuper.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/06/roteiro2.pdf>

- Coutinho, C. (2009). *Investigação-acção: Metodologia Preferencial nas práticas educativas* [https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investigação\\_Accã\\_o\\_Metodologias.PDF](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investigação_Accã_o_Metodologias.PDF)
- Coutinho, P., (2013). *Metodologia de Investigação em ciências Sociais e Humanas: teoria e prática*. (2ªed.). Edições Almeida.
- DGE. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa. Disponível em: [https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto\\_Autonomia\\_e\\_Flexibilidade/perfil\\_dos\\_alunos](https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos)
- DGE/MEC. (2018). *Aprendizagens Essenciais – Educação Tecnológica, 2º ciclo*. Articulação com o Perfil dos Alunos, Ministério da Educação e Ciência. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/2\\_ciclo/2c\\_educacao\\_tecnologica.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/2c_educacao_tecnologica.pdf)
- DGE/MEC. (2018). *Aprendizagens Essenciais – Educação Visual, 2º ciclo*. Articulação com o Perfil dos Alunos, Ministério da Educação e Ciência. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens\\_Essenciais/2\\_ciclo/educacao\\_visual\\_2c\\_ff.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/educacao_visual_2c_ff.pdf)
- Escola de satao. (2022). Plano Anual de Atividades. <https://drive.google.com/file/d/1sQcXnQ-1LquiDrvleRuuhKbWd5kETAiq/view>
- Escola de satao. (2022). Projeto educativo. [https://www.escolasdesatao.pt/files/20222023/ProjetoEducativo\\_final.pdf](https://www.escolasdesatao.pt/files/20222023/ProjetoEducativo_final.pdf)
- Esteves, K. C., Vieira, I. da S., Bittencourt, M. F., Nunes, C. P., Cardoso, B. L. C., & Souza, L. H. R. (2020). As técnicas de amostragem nas pesquisas em educação. In *Análise de dados quantitativos na educação* (Vol. 1, pp. 11-18).
- Estrela, A., (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma estratégia de Formação de professores* (1ªed). Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Ferreira, M. & Carmo, H., (1998). *Metodologia da Investigação. Guia para a autoaprendizagem*. Universidade Aberta.

- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Educativa* (1ªed). Paz e Terra.
- Gil, A. C., (2008). *Métodos e técnicas de Pesquisa Social* (6ªed). Editora Atlas S.a.
- Gil, A. C., (1999). *Métodos e técnicas de Pesquisa Social* (5ªed). Editora Atlas.
- Gil, A. C. (2020). *Como elaborar projetos de pesquisa* Editora Atlas.
- Godoy, A. S. Pesquisa Qualitativa, Tipos Fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, Vol35 (3): pp.20-29  
<https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf>
- Kramer, S., (2002). *Autoria e Autorização: Questões Éticas na pesquisa com crianças*. *Cadernos de Pesquisa*, 116
- Lourenço, A. A. & Paiva, M. O. A. (2010). *A motivação escolar e o processo de aprendizagem*. Em *Ciências & Cognição*; Vol 15 (2): pp.132-141  
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v15n2/v15n2a12.pdf>
- Maffei, L. (2018). *Elogio da palavra* (1ªed.). Edições 70.
- Marques, J. P. (2016). A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação. *Educação em Foco*; Vol28: pp.263-284  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3152718/mod\\_resource/content/2/Observacao%20participante.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3152718/mod_resource/content/2/Observacao%20participante.pdf)
- Monteiro, S. (2016). *A importância das histórias no desenvolvimento das crianças*. [Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Pré-Escolar e de 1º Ciclo do Ensino Básico Instituto Politécnico de Santarém].  
<https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1575/1/Relatório%20final.pdf>
- Molina, D. (2014). *A Narrativa e a Construção do Conhecimento Histórico* [Dissertação Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo].  
[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05022015-134108/publico/DANIELA\\_MOLINA.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05022015-134108/publico/DANIELA_MOLINA.pdf)
- Moreira, C., Diogo, (2007). *Teorias e Práticas de Investigação* (s.d.). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Moreno, A. (1987). *Biologia do Conto* (1ªed). Edições Almedina.

- Nóvoa, A. (2023). *Professores: libertar o futuro* (1ªed.). Diálogos Embalados. [https://futuresofeducation.ie.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2024/01/Professores\\_Libertar-o-Futuro-PDF.pdf](https://futuresofeducation.ie.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2024/01/Professores_Libertar-o-Futuro-PDF.pdf)
- Oliveira, A. C. B. de, Santos, C. A. B. dos, & Florêncio, R. R. (2019). Métodos e técnicas de pesquisa em educação. *Revista Científica da FASETE*, 1, pp.36-47. [https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2019/21/metodos\\_%20e\\_tecnicas\\_de\\_pesquisa\\_em\\_educacao.pdf](https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2019/21/metodos_%20e_tecnicas_de_pesquisa_em_educacao.pdf)
- Pacheco, J. (2018). *Um compromisso ético com a educação* (1ªed). Edições Mahatma.
- Patinha, D. F. C. (2018). *Conta-me uma história: Dinamização da Hora do Conto: Recursos Auxiliares de Histórias* [Relatório de Prática Supervisionada, ESEL-Escola Superior de Educação de Lisboa]. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/9462>
- Perrenoud, Ph. (2001). Dez Novas Competências Para uma Nova Profissão. *Pátio Revista Pedagógica* (Porto Alegre, Brasil), n.º 17, Maio-Julho, pp.08-12. Disponível online em [http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php\\_main/php\\_2001/2001\\_23.html](http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2001/2001_23.html)
- Plano Nacional das Artes. (2019). *Uma estratégia um manifesto*. República Portuguesa.
- Propp, V., (2001). *Morfologia do Conto Maravilhoso*. CopyMarket.com.
- Rigolet, S. A. (2009). *Ler livro e contar histórias com as crianças* (1ª ed.). Porto Editora.
- Santos, A. S. (2008). *Mediações Arteducacionais* (1º ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Silva, T. R., Lima, R. W., Mesquita, H. H. O., & Marques, C. K. M. (2012). O uso de ferramentas pedagógicas no desenvolvimento de objetos de aprendizagem. *Workshop de Desafios da Computação Aplicada à Educação (Desafie)*, 188-196. [https://www.researchgate.net/publication/268384072\\_O\\_uso\\_de\\_ferramentas\\_pedagogicas\\_no\\_desenvolvimento\\_de\\_Objetos\\_de\\_Aprendizagem](https://www.researchgate.net/publication/268384072_O_uso_de_ferramentas_pedagogicas_no_desenvolvimento_de_Objetos_de_Aprendizagem)
- Silva, P. C., & Fortunato, M. (2020). Modera, observa, escuta e foca-te na conversa de grupo - uma reflexão crítica. In *Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados*, pp. 38-45.
- Traça, M. E. (1992). *O Fio da Memória, do conto popular ao conto para crianças* (2ªed.). Porto Editora.
- UNESCO. (1975). *Conferência Internacional de Educação*. Genebra: UNESCO.
- Veiga, F. H., Festas, I., Taveira, C., Galvão, D., Janeiro, I., Conboy, J., Carvalho, C., Caldeira, S., Melo, M., Pereira, T., Almeida, A., Bahía, S., & Nogueira, J. (2014). Envolvimento dos Alunos na Escola: Conceito e Relação com o Desempenho Académico — Sua Importância na Formação de Professores. *Revista Portuguesa De Pedagogia*, (46-2), pp. 31-47. [https://doi.org/10.14195/1647-8614\\_46-2\\_2](https://doi.org/10.14195/1647-8614_46-2_2)

## **Anexos**

## Anexo 1- Autorização Direção do Agrupamento



Exmo. Sr. Diretor do  
Agrupamento de Escolas do Viso  
Dr.

**Assunto:** Pedido de autorização para a implementação de projeto de investigação.

Maria Isabel da Costa Legoinha Camelo Lopes, aluna do Mestrado de Ensino em Educação Visual e Educação Tecnológica do Ensino Básico da Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viseu, vem, por este meio, solicitar autorização de V. Exa. para a implementar o meu Projeto de Investigação: *“O Professor contador de histórias: uma proposta pedagógica na lecionação de Educação Visual e Educação Tecnológica.”*, com a aplicação de um grupo focal, com gravação de vídeo, dos alunos do 6º F. Estes dados serão apenas utilizados para a recolha de informações e serão destruídos após a conclusão da investigação.

Informo também que será solicitado um consentimento para a participação dos alunos aos respetivos Encarregados de Educação.

Esclareço que o projeto visa estudar a utilização da narrativa como ferramenta pedagógica, com o objetivo de avaliar o impacto da narração de histórias no envolvimento dos alunos nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. Todas as atividades serão realizadas em estrita conformidade com a legislação sobre proteção de dados e ética na investigação, assegurando a confidencialidade e o direito à privacidade dos participantes.

Agradeço, desde já, a atenção e disponibilidade dispensada.

Peço deferimento,

Exmo. Sr. Dr.

Diretor

Isabel Lopes

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, \_\_ de \_\_\_\_ de 2025

\_\_\_\_\_  
Viseu, \_\_ de \_\_\_\_ de 2025

## Anexo 2– Autorização aos Pais/Encarregados de Educação



**Pedido  
de Autorização para Pais**



**/EE**

### **"O Professor Contador de Histórias: Uma Proposta Pedagógica na Lecionação de Educação Visual e Educação Tecnológica"**

**Autora:** Isabel Lopes **Professora Cooperante:** -----

**Orientadora:** -----

**Ano Letivo:** 2024/2025

**Escola:** 2, 3 ciclo do Viso

**Turma:** 6º-

#### **Pais/Encarregados de Educação,**

No âmbito da prática de ensino supervisionada, estamos a desenvolver um projeto de investigação que pretende explorar a utilização da narrativa como ferramenta pedagógica nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. O objetivo é avaliar como a narração de histórias pode influenciar o envolvimento dos alunos nestas disciplinas. Para concretizar este projeto, a colaboração do seu educando é fundamental. Assim, solicitamos a sua autorização para que o seu educando participe nas atividades relacionadas com esta investigação, que incluirão:

A participação em discussões de grupo gravadas, onde poderão expressar as suas opiniões e experiências sobre as atividades. Estes registos, serão apenas utilizados para a recolha de informações e serão destruídos após a conclusão da investigação.

As informações recolhidas serão tratadas de forma confidencial e exclusivamente para fins de investigação. Os alunos poderão desistir da participação a qualquer momento, sem quaisquer consequências.

Agradecemos a sua colaboração e estamos à disposição para qualquer dúvida ou esclarecimento.

Atenciosamente,

**Isabel Lopes**

\*Por favor, preencha a autorização abaixo e devolva-a ao professor.

-----

#### **Autorização**

Eu, [Nome do Pai/Mãe/Encarregado de Educação] \_\_\_\_\_ autorizo a participação do meu educando [Nome do Aluno] \_\_\_\_\_, nas atividades do projeto de investigação acima mencionado.

**Assinatura do Responsável:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_\_

### Anexo 3- Grelha de Observação



Identificação da Aula:			
Data:		Turma:	
Professor:		Duração da história:	
Conhecimento a abordar na história:			

Grelha de Observação										
Tópicos	Categorias de observação	Caraterísticas de reação/comportamento	Descrição da ação	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre	Observações	
										<p>De que forma a inclusão de histórias e a sua apresentação como instrumento pedagógico pode influenciar positivamente o envolvimento dos alunos?</p>
Reações a ponto de climax	Os alunos demonstraram incompreensão.									
Nível de interesse	Postura	Os alunos riram-se ou divertiram-se com a história.								
	Olhar	Os alunos mostraram uma postura de interesse.								
Interação dos alunos com a história e com o professor	Levantar a mão para perguntas ou respostas	Durante a história os alunos olharam para a cena.								
	Participação em momentos interativos	Os alunos levantaram a mão para fazer perguntas ou para fazer comentários.								
<p>Avalia a percepção dos alunos sobre a eficácia e relevância da abordagem do professor, usando de histórias.</p>	Conexões com a vida pessoal	Reações de reconhecimento	Os alunos responderam a perguntas quando solicitado.							
		Discussão em grupo	Os alunos fizeram comentários relacionados às suas próprias experiências ao ouvir a história.							
	Opinião sobre a estratégia pedagógica	Análise	Os alunos fizeram conexões entre a narrativa e as suas vidas ou outros conhecimentos.							
<p>Investiga o desenvolvimento de competências dos alunos através da participação ativa e inserção nas narrativas apresentadas pelo professor, durante as histórias.</p>	Compreensão da história	Demonstração de entendimento	Os alunos expressaram elogios sobre a narração, dando feedback sobre o que lhes agradou ou não.							
			Os alunos conseguiram identificar personagens, ações, conhecimentos da história de uma forma global.							

## Anexo 4- Grelhas de Observação preenchidas

Identificação da Aula:			
Data:	17 fevereiro de 2025	Turma:	5ºD
Professor:	Cooperante Helena Silva Estagiária Isabel Lopes	Duração da história:	23 minutos
Título da história:	A Inês e a Arte Contemporânea		

Grelha de Observação

Tópicos	Categorias de observação	Características de reação/comportamento	Descrição da ação	Frequência					Observações
				Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre	
De que forma a inclusão de histórias e a sua apresentação como ferramenta pedagógica pode influenciar positivamente o envolvimento dos alunos?	Reações dos alunos	Expressões Faciais	Os alunos demonstraram surpresa.			xii			Os alunos demonstraram surpresa pela abordagem, não estavam à espera que a professora contasse uma história.
		Reações a ponto de clímax	Os alunos demonstraram incompreensão.		xii				Inicialmente os alunos não perceberam muito bem que a história ia abordar conhecimentos, e que servia para iniciar a Unidade de Trabalho.
			Os alunos riram-se ou divertiram-se com a história.				xii		Os alunos riram-se quando na história aparecia a professora Helena e a aluna Inês, porque associavam às professoras.
	Nível de interesse	Postura	Os alunos mostraram uma postura de interesse.				xii		Os alunos adotaram diferentes posturas corporais, alguns mantiveram-se sentados, outros mais relaxados, deitados, outros encostados aos colegas.
		Olhar	Durante a história os alunos olharam para a cena.				xii		Maior parte dos alunos estiveram a olhar para a cena.
	Interação dos alunos com a	Levantar a mão para perguntas ou respostas	Os alunos levantaram a mão para fazer perguntas ou para fazer comentários.				xii		Durante a dinamização da história os alunos foram participando, em alguns momentos, por exemplo, quando no início, montei a exposição, eles opinaram onde devia colocar cada obra.

Analisar a perceção dos alunos sobre a eficácia e relevância da abordagem do professor, contador de histórias	história e com o professor	Participação em momentos interativos	Os alunos responderam perguntas quando solicitado.					xii	
	Conexões com a vida pessoal	Reações de reconhecimento	Os alunos fizeram comentários relacionados às suas próprias experiências ao ouvir a história.			xii			Os alunos foram partilhando que já tinham ido "aquele" museu, ou a outro museu.
		Discussão em grupo	Os alunos fizeram conexões entre a narrativa e as suas vidas ou outros conhecimentos.			xii			
	Opinião sobre a estratégia pedagógica	Análise	Os alunos expressaram elogios sobre a narração, dando feedback sobre o que lhes agradou ou não.				xii		Os alunos expressaram elogios sobre a narração, dando feedback sobre o que lhes agradou. Os alunos elogiaram o texto.
Compreensão da história	Demonstração de entendimento	Os alunos conseguiram identificar personagens, ações, conhecimentos da história de uma forma global.				xii		Os alunos fizeram referências claras a partes da história durante as discussões.	

Identificação da Aula:			
Data:	20 fevereiro de 2025	Turma:	5ºD
Professor:	Cooperante Helena Silva Estagiária Isabel Lopes	Duração da história:	20 minutos
Titulo da história:	O movimento		

+

Greija de Observação									
Tópicos	Categorias de observação	Caraterísticas de reação/comportamento	Descrição da ação	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre	Observações
De que forma a inclusão de histórias e a sua apresentação como ferramenta pedagógica pode influenciar positivamente o envolvimento dos alunos?	Reações dos alunos	Expressões Faciais	Os alunos demonstraram surpresa.			x			Muitos alunos reagiram com expressão de espanto ao longo da narração, demonstrando uma resposta emocional.
			Os alunos demonstraram incompreensão.		x				Apesar de alguns alunos terem expressão dúvidas em certas partes da história, a maioria conseguiu compreender os principais conceitos apresentados demonstrando curiosidade nos esclarecimentos adicionais.
		Reações a ponto de climax	Os alunos riram-se ou divertiram-se com a história.				x		O ambiente da sala foi animado, com os alunos a reagirem a momentos inusitados da narrativa.
	Nível de interesse	Postura	Os alunos mostraram uma postura de interesse.				x		A maior parte dos alunos manteve uma postura atenta e envolvida, inclinando-se para a frente em certas partes da história.
		Olhar	Durante a história os alunos olharam para a cena.				x		Na maior parte das vezes, os alunos focaram-se na cena, mostrando que estavam imersos na apresentação e curiosos sobre o que aconteceria a seguir.

Avaliar a percepção dos alunos sobre a eficácia e relevância da abordagem do professor contador de histórias.	Interação dos alunos com a história e com o professor	Levantar a mão para perguntas ou respostas	Os alunos levantaram a mão para fazer perguntas ou para fazer comentários.			x			Muitos alunos quiseram participar ativamente na discussão.
		Participação em momentos interativos	Os alunos responderam a perguntas quando solicitado.				x		
	Conexões com a vida pessoal	Reações de reconhecimento	Os alunos fizeram comentários relacionados às suas próprias experiências ao ouvir a história.			x			
		Discussão em grupo	Os alunos fizeram conexões entre a narrativa e as suas vidas ou outros conhecimentos.			x			
Opinião sobre a estratégia pedagógica	Análise	Os alunos expressaram elogios sobre a narração, dando feedback sobre o que lhes agradou ou não.				x			
Compreensão da história	Demonstração de entendimento	Os alunos conseguiram identificar personagens, ações, conhecimentos da história de uma forma global.				x			Durante toda a Unidade de trabalho, os alunos fizeram referencia às personagens da história e aos conhecimentos transmitidos.

Identificação da Aula:			
Data:	18 fevereiro de 2025	Turma:	6ºF
Professor:	Cooperante Helena Silva Estagiária Isabel Lopes	Duração da história:	23 minutos
Título da história:	A Inês e a Arte Contemporânea		

Grelha de Observação									
Tópicos	Categorias de observação	Características de reação/comportamento	Descrição da ação	Nunca	Raramente	As vezes	Frequentemente	Sempre	Observações
	Os alunos demonstraram incompreensão.		x				Alguns alunos pareceram confusos sobre a ligação entre a história e os conhecimentos abordados.		
Reações a ponto de <u>climax</u>	Os alunos riram-se ou divertiram-se com a história.				x		Os alunos reagiram com risos em vários momentos.		
Nível de interesse	Postura	Os alunos mostraram uma postura de interesse.				x		A maioria dos alunos estava atenta, no entanto alguns distraíram-se ocasionalmente.	
	Olhar	Durante a história os alunos olharam para a cena.				x		A maioria dos alunos manteve o olhar na cena.	
Interação dos alunos com a história e com o professor	Levantar a mão para perguntas ou respostas	Os alunos levantaram a mão para fazer perguntas ou para fazer comentários.				x		Vários alunos mostraram-se proativos ao levantar mão, evidenciando vontade de participar.	
	Participação em momentos interativos	Os alunos responderam perguntas quando solicitado.					x	Quando incentivados, os alunos mostraram-se participativos e envolvidos nas discussões.	

Analisar a percepção dos alunos sobre a eficácia e relevância da abordagem do professor contador de histórias.	Conexões com a vida pessoal	Reações de reconhecimento	Os alunos fizeram comentários relacionados às suas próprias experiências ao ouvir a história.			x			
		Discussão em grupo	Os alunos fizeram conexões entre a narrativa e as suas vidas ou outros conhecimentos.			x			Na discussão em grupo muitos alunos articularam ideias sobre as histórias e a realidade.
	Opinião sobre a estratégia pedagógica	Análise	Os alunos expressaram elogios sobre a narração, dando feedback sobre o que lhes agradou ou não.				x		O feedback foi predominantemente positivo, com muitos alunos a elogiar a criatividade da abordagem.
	Compreensão da história	Demonstração de entendimento	Os alunos conseguiram identificar personagens, ações, conhecimentos da história de uma forma global.				x		A maioria dos alunos conseguiu identificar aspetos importantes da história, demonstrando uma boa compreensão.

Identificação da Aula:			
Data:	20/2/2025	Turma:	6ºF
Professor:	Cooperante Helene Silva Estagiária Isabel Lopes	Duração da história:	20
Conhecimento a abordar na história:	O movimento		

Grelha de Observação

Tópicos	Categorias de observação	Características de reação/comportamento	Descrição da ação	Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre	Observações
De que forma a inclusão de histórias e a sua apresentação como ferramenta pedagógica pode influenciar positivamente o empenhamento dos alunos?	Reações dos alunos	Expressões Faciais	Os alunos demonstraram surpresa.			X			Durante a narração, muitos alunos mostraram reações visíveis de surpresa, como levantar as sobrancelhas ou comentando entre si.
		Reações a ponto de climax	Os alunos demonstraram incompreensão.						Embora a maioria dos alunos tenha seguido a narrativa, alguns alunos pareceram confusos em determinados momentos. No entanto, pode observar que com a interação, essas dúvidas foram rapidamente dissipadas.
		Reações a ponto de climax	Os alunos riram-se ou divertiram-se com a história.				X		
	Nível de interesse	Postura	Os alunos mostraram uma postura de interesse.			X			
		Olhar	Durante a história os alunos olharam para a cena.			X			

	Interação dos alunos com a história e com o professor	Levantar a mão para perguntas ou respostas	Os alunos levantaram a mão para fazer perguntas ou para fazer comentários.			X			
		Participação em momentos interativos	Os alunos responderam a perguntas quando solicitado.				X		
Avaliar a percepção dos alunos sobre a eficácia e relevância da abordagem do professor com base em feedbacks.	Conexões com a vida pessoal	Reações de reconhecimento	Os alunos fizeram comentários relacionados às suas próprias experiências ao ouvir a história.			X			
		Discussão em grupo	Os alunos fizeram conexões entre a narrativa e as suas vidas ou outros conhecimentos.			X			
	Opinião sobre a estratégia pedagógica	Análise	Os alunos expressaram elogios sobre a narração, dando feedback sobre o que lhes agradou ou não.			X			
Investigar o desenvolvimento de competências de comunicação oral e escrita e a capacidade de trabalhar em grupo através de paratextos e narrativas apresentadas pelo professor com base em feedbacks.	Compreensão da história	Demonstração de entendimento	Os alunos conseguiram identificar personagens, ações, conhecimentos da história de uma forma global.				X		

## **Anexo 5 - Roteiro para Grupo Focal - Alunos**

### **Roteiro para grupo focal- Alunos**

- Objetivo da sessão: Explicar brevemente o propósito do grupo focal, que é explorar as percepções dos alunos sobre a eficácia da narração de histórias nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica.
- Regras de participação: Incentivar a participação ativa, respeitar as opiniões dos outros e reforçar que todas as contribuições são válidas.

### **Tópicos para Discussão**

Experiência com a Narração de Histórias (Investigar de que forma a inclusão de histórias e a sua apresentação como ferramenta pedagógica pode influenciar positivamente o envolvimento dos alunos nas disciplinas de educação Visual e Educação tecnológica)

1. Como foi a experiência de ouvir histórias nas aulas de Educação Visual e Educação Tecnológica?
  - O que mais gostaram? Porquê?
  - Qual foi a parte da história que mais vos surpreendeu? Porquê?
2. Houve momentos em que se sentiram particularmente envolvidos? Quais foram esses momentos? Ou desinteressados? Quais?
  - O que contribuiu para isso?

Contributo da narrativa para a Aprendizagem (Avaliar a percepção dos alunos sobre a eficácia e relevância da abordagem do professor contador de histórias nas práticas pedagógicas do ensino de Educação Visual e Educação Tecnológica)

3. As histórias ajudam a compreender os conhecimentos? Se sim, como?
  - No vosso ponto de vista, existem histórias que tornaram a aprendizagem mais fácil ou acessível? Porquê?
4. Consideram que as habilidades do professor em contar histórias influencia o vosso interesse e aprendizagem?

Motivação para explorar os conhecimentos (Investigar o desenvolvimento de competências técnicas e/ou artísticas e/ou sociais dos alunos através da participação ativa e imersão nas narrativas apresentadas pelo professor contador de histórias)

5. Como se sentiram durante a narração da história?
  - Sentiram-se motivados a explorar mais os conhecimentos?
  - Foram momentos inspiradores? Se sim, quais foram os momentos mais inspiradores e porquê?

### Sugestões e Melhorias

6. Que sugestões dariam para melhorar a utilização de histórias nas aulas?
  - Existem tipos de histórias que gostariam de ouvir? Quais?
7. Alguém gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre a importância das histórias nas aulas?

## **Anexo 6 - Roteiro para Grupo Focal- Professores**

### **Roteiro para grupo focal - Professores**

#### **Parte 1: Percepção sobre a Dinamização das Histórias**

1. Após assistirem à(s) dinamização da(s) história(s), como descreveriam a experiência sobre esta prática nas aulas?
2. Que vantagens ou benefícios podem apontar na dinâmica das histórias quando aplicadas aos alunos?

#### **Parte 2: Impacto nas Práticas Pedagógicas**

3. Como acreditam que a abordagem do professor como contador de histórias, que observaram, pode influenciar o envolvimento e a participação dos alunos nas aulas?

#### **Parte 3: Sugestões e Melhoria das Práticas (**

4. Que tipo de apoio ou formação consideram importante para melhorar a implementação de narrativas nas aulas?

#### **Encerramento**

5. Há alguma consideração ou experiência adicional que gostariam de compartilhar?

## **Anexo 7- Transcrições grupo focal**

### [Projeto Investigação Isabel Legoinha](#)

5D

1ª Pergunta

Como foi a experiência de ouvir histórias nas aulas de Educação Visual e Educação Tecnológica?

- O que mais gostaram? Porquê?

- Qual foi a parte da história que mais vos surpreendeu? Porquê?

Aluno 1- Eu gostei da história “A Inês e a Arte” porque aprendi coisas novas, passei a conhecer artes novas. E na história dos Movimentos, também fiquei a saber mais formas que podemos desenhar.

Aluno 2- Eu achei muito fixe, aprendi mais sobre o movimento e a arte contemporânea e eu gostei.

Aluno 3- Eu gostei, acho que é uma boa ideia, as histórias são interessantes e incentiva o aluno a ouvir a história e a aprender.

Aluno 4- Eu acho que as histórias são uma boa maneira de se aprender, pois até os mais desatentos, quando vêm que é uma história, ficam mais cativados a aprender a matéria, e ao ficarem mais bem-comportados, e a terem mais interesse nas atividades.

Aluno 5- Eu acho que é uma boa iniciativa, quando você contou as duas histórias. E os que não são tão bem-comportados, ficaram mais atentos na história, e ficamos a aprender novas coisas.

Aluno 6- Eu gostei das histórias, e é uma maneira de aprender que é fora do normal, e acho que as histórias ajudam os alunos a concentrarem -se mais, do que como se fosse a ensinar pelo quadro.

2ª Pergunta

Houve momentos em que se sentiram particularmente envolvidos? Quais foram esses momentos? Ou desinteressados? Quais?

- O que contribuiu para isso?

Houve momentos em que se sentiram particularmente envolvidos, na história, ou desinteressados? Porquê?

Aluno 1- Na primeira história, A Inês e a Arte, eu senti que estava lá no meio da história.

Aluno 2- Eu sentia que estava no museu, a ver as artes.

Aluno 3- Na história dos movimentos, eu sentia que estava a fazer os movimentos.

Aluno 4- Eu achei que na história da “Beatriz e os movimentos”, eu quando ela desenhava qualquer coisa a achar que não era nada, eu queria saber o que é que ela tinha desenhado, quando a professora disse que ela desenhava uma coisa incrível. Eu gostei muito disso.

Aluno 5- Eu gostei das duas histórias, mas a minha favorita foi a história do Movimento porque eu sentia-me como um colega da Beatriz, porque enquanto a professora estava a explicar-lhe, eu sentia que estava lá dentro, na sala.

Aluno 6- Eu gostei das duas histórias, mas acho que me senti mais envolvida na história da “Inês e a Arte” principalmente quando a Professora (Contadora da história) ligou as luzes do museu, eu senti-me muito envolvida nessa parte.

3ª Pergunta

As histórias ajudam a compreender os conhecimentos? Se sim, como?

- No vosso ponto de vista, existem histórias que tornaram a aprendizagem mais fácil ou acessível? Porquê?

Aluno 1- outra história qualquer tu podes aprender com essa história a ler melhor, a treinares a leitura e nestas histórias, os alunos ficaram a saber mais sobre Arte Contemporânea e os Movimentos.

Aluno 2 - vamos ter mais desenvolvimento na nossa linguagem, e aprendemos mais com a leitura, aprendemos várias coisas.

Aluno 3- eu acho que com as histórias é melhor do que explicar na sala de aula, porque mesmo que nas histórias, não tendo lá o quadro para escrever ou para desenhar, nós conseguimos entender só de ouvir.

Aluno 4- eu acho que é uma maneira mais eficaz de aprender porque, em vez de ser aborrecido, estar a olhar para o quadro, já não querer mais estar ali a ouvir. Na história cativamos a ouvir mais, cativa-nos a estar mais atentos, ficamos muito mais interessados na matéria, e quando vamos para casa até dissemos: "oh pai, hoje a professora contou uma história, e eu percebi muito melhor do que na aula".

Aluno 5- eu ia dizer a mesma coisa que os meus colegas, é que é uma maneira muito melhor do que estar a olhar para o quadro.

Aluno 6- acho que é uma maneira mais fácil de aprender e ajudamos a entender melhor a matéria.

#### 4ª Pergunta

Consideram que as habilidades do professor em contar histórias influencia o vosso interesse e aprendizagem?

Aluna 1- Há pessoas que leem normalmente, e há outras, como nesta, que parecia que era mesmo uma pessoa que estava a falar na história. Porque há pessoas que só leem normalmente, por exemplo. eu leio só como se fosse eu a ler, não como se fosse as personagens. E a professora leu, e parecia que era as personagens.

Aluno 2- Há pessoas que nem olham bem para o livro, só folheiam as páginas, mas há outras que quando estão a ler, sentem que são elas que criam, que são elas que são as professoras.

Aluno 3- Professora, quando você lia a história, você dizia "os alunos" é quando você dizia essa parte dos alunos, eu sentia que eu era uma parte desses alunos. Isso envolvia-me mais na história.

Aluno 4- sim, eu acho, porque há muitas pessoas que não leem expressivamente, só ficam a olhar para o livro a dizer "o João comeu bananas. então ele gosta de bananas" e a professora contou "o João comeu bananas, o João gosta de bananas?", mais expressivamente, e acho que isso cativou-me mais estar a ouvir a história, do que estar a ler só assim e ficar aborrecido.

Aluno 5- Normalmente as pessoas, por exemplo, se eu estiver num teste, eu não estou a ler expressivamente, estou a ler mais ou menos. Mas por exemplo, você, leu muito expressivamente, como se estivesse dentro da história. E eu acho que é um bom caminho.

Aluno 6- Eu acho que você leu expressivamente, e da forma como você leu, dava-me mais entusiasmo para saber mais sobre a história.

#### 5ª pergunta

Como se sentiram durante a narração da história?

- Sentiram-se motivados a explorar mais os conhecimentos?

- Foram momentos inspiradores? Se sim, quais foram os momentos mais inspiradores e porquê?

Aluno 1- Eu senti-me muito contente, porque pensou em nós e fez duas histórias maravilhosas.

Aluno 2- Eu senti-me feliz porque aprendi mais coisas que eu não sabia e gostei muito.

Aluno 3- Eu senti-me alegre e feliz, porque aprendemos mais coisas e ficámos a saber coisas diferentes do que já sabíamos antes.

Aluno 4- Eu senti-me importante quando eu vi a história, e senti-me alegre. Não fiquei cansado, como normalmente fico, quando estão a ler histórias sem expressividade, em que eu fico assim, quase a dormir. E aqui, eu não dormi e até estava com os olhos bem abertos.

Aluno 5- Eu senti-me feliz, porque a stora, acho que demorou muito tempo a preparar aquelas duas histórias só para nós. E porque nos ajudou a entender a matéria e não leu aborrecida, incentivou-nos a ouvir.

Aluno 6- Eu senti-me feliz, porque em vez de eu estar na sala, numa sala chata, eu sentia-me com mais energia, porque eu gostei da história e você fez só para mim e para os meus colegas, ainda me deixou mais feliz.

6ª pergunta

Que sugestões dariam para melhorar a utilização de histórias nas aulas?

- Existem tipos de histórias que gostariam de ouvir? Quais?

Aluno 1- Nada

Aluno 2- Nada

Aluno 3- Foi perfeito.

Aluno 4- Nada porque a história estava muito bonita, já não ouvia um professor a contar uma história assim.

Aluno 5- Eu acho que nada.

Aluno 6- Mais professores envolvidos a contar a história.

Aluno 4- colocar outra professora a explicar as coisas, na história.

Aluno 2- nada, porque a professora envolveu-nos lá na história e eu gostei disso.

Aluno 6- acrescentar os alunos como personagens.

6ºF

1ª Pergunta

Como foi a experiência de ouvir histórias nas aulas de Educação Visual e Educação Tecnológica?

- O que mais gostaram? Porquê?

- Qual foi a parte da história que mais vos surpreendeu? Porquê?

Aluno 1- Eu gostei muito das histórias, eram muito engraçadas, e também com essas histórias é uma maneira de aprender mais fácil.

Aluno 2- Eu achei divertido e gostei bastante da parte em que você pôs aquelas luzes e o som.

Aluno 3- Eu gostei das histórias, eu acho que foi uma forma mais divertida de aprender o que nós estávamos a dar. Eu gostei muito da parte em que a professora meteu a luz, também, meteu o som.

Aluno 4 – Eu achei diferente, e gostei muito, é uma forma mais fixe de aprender, e gostei da parte em que a professora meteu as luzes e os sons.

Aluno 5 – Foi uma experiência boa, diferente, nunca tínhamos feito isso. Uma maneira boa de aprender, e sim a parte das luzes foi divertida.

Aluno 6 – Eu gostei muito, foi divertido, uma forma boa de aprender coisas novas. E eu gostei muito.

2ª Pergunta

Houve momentos em que se sentiram particularmente envolvidos? Quais foram esses momentos? Ou desinteressados? Quais?

- O que contribuiu para isso?

Aluno 1- Eu gostei mais da parte da história do Movimento, em que a menina fez uns riscos quaisquer e ficou uma arte muito bonita. Usou movimentos retilíneos e os outros. E a professora colocou numa moldura prateada e colocou numa exposição da escola.

Aluno 2 – Na história da Inês, eu gostei bastante quando você espalhou os quadros pela biblioteca, senti-me bastante dentro da história e foi diferente.

Aluno 3 – Eu também gostei muito do momento em que a professora espalhou os quadros e as esculturas, porque permitiu-nos entrar dentro da história e passar o momento em que a Inês e a turma estavam a viver.

Aluno 4 – Eu senti-me bastante dentro da história quando a professora espalhou os quadros e ligou as luzes.

Aluno 5 – No momento, em que a professora espalhou os quadros, e no momento em que os alunos estavam a andar, eu senti que eu também estava lá a andar, e a ver as obras que estavam expostas.

Aluno 6 – Eu em cada momento da história, senti-me lá, porque dava-me a sensação que nós também estávamos a aprender com a professora. E gostei muito.

### 3ª Pergunta

As histórias ajudam a compreender os conhecimentos? Se sim, como?

- No vosso ponto de vista, existem histórias que tornaram a aprendizagem mais fácil ou acessível? Porquê?

Aluno 1 – Eu acho que sim, porque as histórias são um jeito mais fácil de nós aprendermos, e também um jeito divertido de nós vermos muitas coisas com elas.

Aluno 2 – O meu colega já disse o que eu queria dizer.

Aluno 3 – Eu acho que as histórias dão às crianças, e a nós, a oportunidade de percebermos melhor, porque capta mais a atenção. E torna a forma do aprender mais divertido.

Aluno 4 – Eu também concordo com o meu colega. Acho que as histórias são uma forma diferente de nós aprendermos as coisas. Acho que estar na sala a aprender e estar a ler uma história são formas muito diferentes de aprendizagem.

Aluno 5 – Acho que foi bastante interessante e ajuda bastante a aprender os conhecimentos que as professoras querem transmitir.

Aluno 6 – Eu concordo com todos. E acho que as histórias transmitem um novo conhecimento e uma forma de aprender divertida.

### 4ª Pergunta

Consideram que as habilidades do professor em contar histórias influencia o vosso interesse e aprendizagem?

Aluno 1 – Eu acho que sim, porque as histórias são uma coisa muito divertida, que captam a atenção das crianças. E os meninos que têm mais dúvidas conseguem tirar as suas dúvidas com as histórias.

Aluno 2 – Para mim influência, a forma como o professor conta, se ele fica a mexer as mãos, poemas dentro da história. Como você fez com os quadros, e com aqueles sons e luzes, influência bastante.

Aluno 3 – Eu acho que influência porque transmite aos alunos estar dentro da história e acaba por captar melhor a atenção deles.

Aluno 4 – Acho que sim influência, porque a forma expressiva com que a professora contou e ao meter os quadros e os sons e luzes, influenciou ainda mais.

Aluno 5 – Acho que muda o jeito dos professores contarem a história, se for de um jeito mais expressivo, a mexer as mãos, ou em pé, porque acho que ajuda mais a entender um jeito expressivo, do que estar só a ler as frases de um jeito menos expressivo. Acho que ajuda bastante uma leitura expressiva de uma história, quando a professora meteu as luzes, o som, os quadros, e meteu-nos dentro da história. Acho isso bastante bom,

Aluno 6 – As expressões que a professor fez, a forma como leu, quando havia um ponto mais importante, fazia um tom de voz diferente, para nós termos uma perspetiva melhor. E acho que foi bom.

### 5ª Pergunta

Como se sentiram durante a narração da história?

- Sentiram-se motivados a explorar mais os conhecimentos?
- Foram momentos inspiradores? Se sim, quais foram os momentos mais inspiradores e porquê?

Aluno 1 – eu senti-me surpreso, porque foi a primeira vez que eu estive a ouvir uma história na aula de educação tecnológica e educação visual.

Aluno 2 – Eu concordo com o meu colega, eu fiquei curioso, para saber o que era. Sobre o que é que as histórias iam falar, da forma que você ia contar.

Aluno 3 -Eu também fiquei um pouco surpreso porque nunca tinha ouvido uma história nas aulas de educação visual e educação tecnológica. E eu gostei muito das histórias, eu acho que transmitiram uma forma mais fácil de aprender, assim acho que todos conseguiram perceber bem o que é que a professora queria dizer, de uma forma mais divertida.

Aluno 4 – Eu fiquei surpresa porque foi a primeira vez que numa aula de Educação Visual e Educação Tecnológica nós fomos ler uma história, e quando vi para que é que as histórias serviam senti-me muito a par da matéria.

Aluno 5 – Quando a professora começou eu fiquei curiosa, e pensativa, porque não estava a entender para o que era e o que significavam. E a medida que a professora foi contando, eu já comecei a entender melhor.

Aluno 6 – Eu achei muito giro, eu senti-me envolvida, quando começou a fazer os movimentos na folha, ou a meter os quadros, foi uma forma de aprender.

#### 6ª Pergunta

Que sugestões dariam para melhorar a utilização de histórias nas aulas?

- Existem tipos de histórias que gostariam de ouvir? Quais?

Aluno 1- Eu acho que não quase nada para melhor, as histórias estão boas, o jeito de contar também é muito bom.

Aluno 2 – Eu concordo com o meu colega, mas seria bom se você desse a mesma emoção que meteu com as luzes e com os quadros.

Aluno 3 – Eu concordo com o meu colega, acho que foi tudo muito bom, e deve voltar a meter as luzes o som, nas próximas vezes deve também meter os elementos da história. Porque capta mais a nossa atenção, e também porque parece que estamos dentro da história.

Aluno 4 – Na minha opinião acho que não deve melhorar nada, porque está muito expressiva, foi muito fixe, da próxima vez que fosse contar histórias, gostava que mantivesse os sons, as luzes e os quadros, porque fez muito sentido dentro da história.

Aluno 5 – Concordo com tudo o que eles disseram e acho que não há grande coisa a melhorar, acho que a história teve tudo a ver com o jeito com que a professora teve expressivamente a contar a história. Teve uma leitura bem expressiva e as histórias eram divertidas. E das próximas vezes deve continuar.

Aluno 6 – Eu acho que deve usar exatamente os elementos, luzes, quadros, o tom de voz, ajuda a entender a história melhor. E ajuda os meninos a terem mais atenção. E acho que se continuar assim vai bem.

## Professores

### Parte 1: Perceção sobre a Dinamização das Histórias

1. Após assistirem à(s) dinamização da(s) história(s), como descreveriam a experiência sobre esta prática nas aulas?

2. Que vantagens ou benefícios podem apontar na dinâmica das histórias quando aplicadas aos alunos?

P1- A dinamização estas atividades em contexto de sala de aula pode ser uma experiência bastante enriquecedora e envolvente, dado que a utilização de recursos lúdicos e atividades interativas na leitura de uma história aos alunos, dá vida à narrativa,

estimulando o interesse e a participação ativa destes. Para além de proporcionar uma aprendizagem mais significativa, na minha opinião.

PE1- Eu também acho que acaba por ser muito enriquecedor, e a forma história como a história foi dinamizada, acho que captou a atenção dos alunos, foi possível observar isso, e também foi possível observar que eles ficaram muito mais entusiasmados e participativos, e eu acho que isso ajudou imenso a eles compreenderem melhor o conhecimento. Não foi só o facto, de tu estares a contar a história, foi toda a influência os objetos que se usaram, a tua maneira de projetar a voz, os teus movimentos, acho que tudo contribuiu para captar a atenção deles, e para os motivar também.,

PE2- Eu também acho que foi uma experiência muito enriquecedora para os alunos, notou-se que eles ficaram muito envolvidos, que perceberam tudo, tudo ajudou, a parte como tu dinamizas-te, como escreveste, a história estava acessível, estava adequada ao vocabulário deles, às experiências deles. A história era focada no aluno e eu acho que foi uma boa experiência.

PC- Eu continuo também a dizer que a interação entre os alunos e quem está a contar a história permite que os alunos estejam mais atentos. Tu também estiveste uma forma de narrar a história, de contar a história, que permitiu que os alunos interagissem contigo. E também, acho que este tipo de contar histórias, é uma de dar os conteúdos de forma diferente e que eles muitas vezes, ficam com os conteúdos muito bem estruturados e acho que eles nunca mais se vão esquecer destes conteúdos abordados nas histórias. Eu que é muito importante nós termos sempre este bocadinho, de contar histórias, numa aula.

## **Parte 2: Impacto nas Práticas Pedagógicas**

3. Como acreditam que a abordagem do professor como contador de histórias, que observaram, pode influenciar o envolvimento e a participação dos alunos nas aulas?

PE2- Eu senti que eles se lembravam logo, e referiam “foi como a Beatriz ou como a Inês fez” (personagens das histórias), conseguiram logo associar a isso ações. Eu acho que ajudou muito.

PC- E uma das coisas que eu acho é que eles também estiveram muito atentos à história, porque entravam personagens que fazem parte da aula, que era a professora, isto também é muito importante porque chama a atenção dos alunos e eles lembram-se mais facilmente.

P1- Eu acrescentaria que estimula a criatividade e da imaginação, porque ao ouvir uma história, os alunos desenvolvem a sua capacidade de imaginar cenários, personagens, enredos, enriquecendo a sua criatividade, e eu acho que isso é importante.

PE1- eu acho que eles ficaram a perceber melhor os conhecimentos através da história, e acho que ajudou a desenvolver a escuta ativa, para além da criatividade, isso também é uma mais valia.

PC- eu acho que as histórias vão despertar o interesse e a curiosidade dos alunos, tornando as aulas mais dinâmicas e cativantes. Essas histórias ajudam a contextualizar as informações, tornando os conceitos mais acessíveis e fáceis de memorizar.

P1- eu também acho que esta dinâmica de dar os conteúdos através de histórias que promove a expressão oral e escrita, aprimorando a capacidade dos alunos de comunicação, entre eles e o professor, e notou-se isso na participação deles. Refiro também a promoção da compreensão e da empatia, que acho serem aspetos importantes, porque ao explorar diferentes personagens e situações, os alunos aprendem a colocarem-se no lugar do outro, fortalecendo habilidades socio- emocionais e a compreensão de diferentes perspetivas. Além disso, tornam o processo de aprendizagem mais atrativo, incentivando a participação ativa e o interesse dos alunos.

## **Parte 3: Sugestões e Melhoria das Práticas (**

4. Que tipo de apoio ou formação consideram importante para melhorar a implementação de narrativas nas aulas?

PE1- Até como tu colocas a voz, projetas a voz, como gesticulavas, seria importante ter uma formação mais direcionada para essas questões.

PE2- Por exemplo, nas nossas aprendizagens essenciais de educação visual, fala lá daquelas ligações interdisciplinares, por exemplo com a arte performativa, eu acho que podia haver algum tipo de formação nessas áreas, seria pertinente. Também para as narrativas e também para o que é ser professor em geral.

PE1- isso ia ajudar imenso na parte que eu falei da expressão corporal e na colocação de voz.

P1- Devia haver formação em técnicas e formação de contadores de histórias, era mesmo muito importante, até para capacitar os professores a criarem narrativas, que conectem com os conteúdos, com experiências reais, com os interesses dos estudantes, para melhorar a aprendizagem. Outra coisa, que também disseram, o desenvolvimento da capacidade de comunicação, prepararemos docentes para uma linguagem clara, expressiva e adequada aos discentes, porque isso facilita a compreensão do conteúdo.

PC- Eu tive expressão dramática, e gostei muito, com o professor Fraga. E eu até acho que na nossa disciplina continua a não haver formação adequada para a disciplina e também neste especto que é tão importante. Porque é diferente os alunos ouvirem uma história, do que estarmos ali a despejar matéria. Notou, nas histórias que contaste, contou-se perfeitamente que eles aprenderam, eles fixaram determinados conceitos, por exemplo, o movimento é um conhecimento que se for dado normal, é difícil. E a falta de formação nas nossas áreas, porque há formação para francês, para português, há para tudo, mas para artes, é muito difícil, eu acho.

P1- eu também tive.

### **Encerramento**

5. Há alguma consideração ou experiência adicional que gostariam de partilhar?

PC- eu acho que tu estivestes bem, tiveste aqueles momentos que vesse mesmo que estavas dentro da história, e quando a pessoa que esta a contar está nessa função, deve ser muito expressivo, e tu também tiveste. Porque isso chama a atenção, capta os alunos. E acho que é muito importante.

PE1- eu acho que é importante a interação com os alunos, e tu fizeste muitas brincadeiras, mesmo para eles ficarem expetantes.

PC- eles até se tornam mais calmos e mais libertos.

PE1- outra coisa que eu quero mencionar, é que houve alunos, que às vezes não participam tanto, que não demonstram tanta motivação nas aulas, e com esta tua estratégia, ajudou imenso a que eles ficassem muito mais atentos, que participassem, que se envolvessem mais.

PC- E outra coisa, entre eles há mais dinâmica entre eles, e o diálogo entre eles, faz com que eles falem e a aula torna-se muito mais dinâmica. E se calhar, aqueles que não costumam participar tanto, neste tipo de abordassem eles participam.

P1- eu acho que foi bem conseguida, a apresentação que eu pude ver, assistir, que a estagiária que implementou já tem competências para o fazer e fê-lo muito bem, com uma linguagem clara, expressiva, envolvente. Acho que aprendi.

PE2- eu acho que correu super bem, estas à vontade, foste expressiva, a história nota-se que foi pensada ao pormenor, a parte da escrita, a parte dos pormenores de envolver os alunos com as ações de montar uma exposição, de trazer para a realidade deles.

**Anexo 8- Grelha de Categorização Grupo focal alunos e professores**

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Indicador</b>	<b>Frequência</b>
<b>Razões para o envolvimento e Motivação dos Alunos</b>	<b>Aumento da Curiosidade e Interesse</b>	<p>Aluno 2 (6º ano): "eu fiquei curioso, para saber o que era."</p> <p>Aluno 5 (6º ano): "Quando a professora começou eu fiquei curiosa, e pensativa, porque não estava a entender para o que era e o que significavam."</p> <p>Aluno 3 (5º ano): "incentiva o aluno a ouvir a história e a aprender."</p> <p>Aluno 4 (5º ano): "ficam mais cativados a aprender a matéria, e ao ficarem mais bem-comportados, e a terem mais interesse nas atividades."</p> <p>Aluno 4 (5º ano): "não dormi e até estava com os olhos bem abertos."</p> <p>Aluno 6 (5º ano): "as histórias ajudam os alunos a concentrarem-se mais, do que como se fosse a ensinar pelo quadro."</p> <p>Aluno 3 (6º ano): "capta mais a atenção."</p> <p>Aluno 1 (6º ano): "captam a atenção das crianças."</p> <p>Aluno 3 (6º ano): "acaba por captar melhor a atenção deles."</p> <p>Aluno 6 (6º ano): "ajuda os meninos a terem mais atenção."</p> <p>PE2- Eles se lembravam logo, e referiam 'foi como a Beatriz ou como a Inês fez'</p> <p>P1- Ao ouvir uma história, os alunos desenvolvem a sua</p>	17

		<p>capacidade de imaginar cenários, personagens.</p> <p>PC- s histórias estimulam a criatividade e a curiosidade dos alunos.</p> <p>P1- Explorar diferentes personagens e situações... fortalece habilidades socio emocionais.</p> <p>P1- Os alunos aprendem a se colocar no lugar do outro.</p> <p>PE1- Com esta tua estratégia, ajudou imenso a que eles ficassem muito mais atentos.</p> <p>PC- Houve alunos que, às vezes, não participam tanto... com esta tua estratégia, estavam mais envolvidos.</p>	
	<p><b>Sensação de Imersão e Participação Ativa</b></p>	<p>Aluno 1 (5º ano): "eu senti que estava lá no meio da história."</p> <p>Aluno 2 (5º ano): "Eu sentia que estava no museu, a ver as artes."</p> <p>Aluno 3 (5º ano): "Na história dos movimentos, eu sentia que estava a fazer os movimentos."</p> <p>Aluno 5 (5º ano): "sentia-me como um colega da Beatriz, porque enquanto a professora estava a explicar-lhe, eu sentia que estava lá dentro, na sala."</p> <p>Aluno 6 (5º ano): "senti-me muito envolvida nessa parte."</p> <p>Aluno 2 (6º ano): "senti-me bastante dentro da história."</p> <p>Aluno 3 (6º ano): "permitiu-nos entrar dentro da história e passar o momento em que a</p>	<p>28</p>

		<p>Inês e a turma estavam a viver."</p> <p>Aluno 4 (6º ano): "senti-me bastante dentro da história."</p> <p>Aluno 5 (6º ano): "eu senti que eu também estava lá a andar, e a ver as obras que estavam expostas."</p> <p>Aluno 6 (6º ano): "em cada momento da história, senti-me lá, porque dava-me a sensação que nós também estávamos a aprender com a professora."</p> <p>Aluno 2 (6º ano): "poemos dentro da história."</p> <p>Aluno 3 (6º ano): "transmite aos alunos estar dentro da história."</p> <p>Aluno 5 (6º ano): "meteu-nos dentro da história."</p> <p>Aluno 6 (6º ano): "senti-me envolvida, quando começou a fazer os movimentos na folha, ou a meter os quadros."</p> <p>Aluno 3 (5º ano): "quando você dizia essa parte dos alunos, eu sentia que eu era uma parte desses alunos."</p> <p>Aluno 1 (5º ano): "Eu senti-me muito contente, porque pensou em nós e fez duas histórias maravilhosas."</p> <p>Aluno 2 (5º ano): "Eu senti-me feliz porque aprendi mais coisas que eu não sabia e gostei muito."</p> <p>Aluno 3 (5º ano): "Eu senti-me alegre e feliz, porque aprendemos mais coisas e ficámos a saber coisas diferentes do que já sabíamos antes."</p>	
--	--	--	--

		<p>Aluno 4 (5º ano): "Eu senti-me importante quando eu vi a história, e senti-me alegre."</p> <p>Aluno 5 (5º ano): "Eu senti-me feliz, porque a stora, acho que demorou muito tempo a preparar aquelas duas histórias só para nós. E porque nós ajudou a entender a matéria e não leu aborrecida, incentivou-nos a ouvir."</p> <p>Aluno 6 (5º ano): "Eu senti-me feliz, porque em vez de eu estar na sala, numa sala chata, eu sentia-me com mais energia, porque eu gostei da história e você fez só para mim e para os meus colegas, ainda me deixou mais feliz."</p> <p>Aluno 1 (6º ano): "eu senti-me surpreso, porque foi a primeira vez que eu estive a ouvir uma história na aula de educação tecnológica e educação visual."</p> <p>Aluno 3 (6º ano): "Eu também fiquei um pouco surpreso porque nunca tinha ouvido uma história nas aulas de educação visual e educação tecnológica."</p> <p>Aluno 4 (6º ano): "Eu fiquei surpresa porque foi a primeira vez que numa aula de Educação Visual e Educação Tecnológica nós fomos ler uma história."</p> <p>PC- Essas histórias ajudam a contextualizar as informações, tornando os conceitos mais acessíveis. P1- Essa dinâmica de dar os conteúdos através de histórias promove a expressão oral e escrita.</p> <p>PC- Entre eles há mais dinâmica... a aula torna-se muito mais dinâmica.</p>	
--	--	--	--

		PC- Os alunos tornam-se mais calmos e mais libertos.	
<b>Aspetos relativos à relevância da estratégia de ensino aprendizagem do Professor Contador de Histórias</b>	<b>Facilitação para a Compreensão e Aprendizagem</b>	<p>Aluno 1 (5º ano): "aprendi coisas novas, passei a conhecer artes novas."</p> <p>Aluno 2 (5º ano): "aprendi mais sobre o movimento e a arte contemporânea."</p> <p>Aluno 5 (5º ano): "ficamos a aprender novas coisas."</p> <p>Aluno 1 (5º ano): "alunos ficaram a saber mais sobre Arte Contemporânea e os Movimentos."</p> <p>Aluno 2 (5º ano): "aprendemos várias coisas."</p> <p>Aluno 2 (6º ano): "um jeito mais fácil de nós aprendermos."</p> <p>Aluno 5 (6º ano): "ajuda bastante a aprender os conhecimentos que as professoras querem transmitir."</p> <p>Aluno 6 (6º ano): "as histórias transmitem um novo conhecimento e uma forma de aprender divertida."</p> <p>Aluno 1 (6º ano): "uma maneira de aprender mais fácil."</p> <p>Aluno 3 (6º ano): "uma forma mais divertida de aprender o que nós estávamos a dar."</p> <p>Aluno 4 (6º ano): "é uma forma mais fixe de aprender."</p> <p>Aluno 5 (6º ano): "Uma maneira boa de aprender."</p> <p>Aluno 6 (6º ano): "uma forma boa de aprender coisas novas."</p>	23

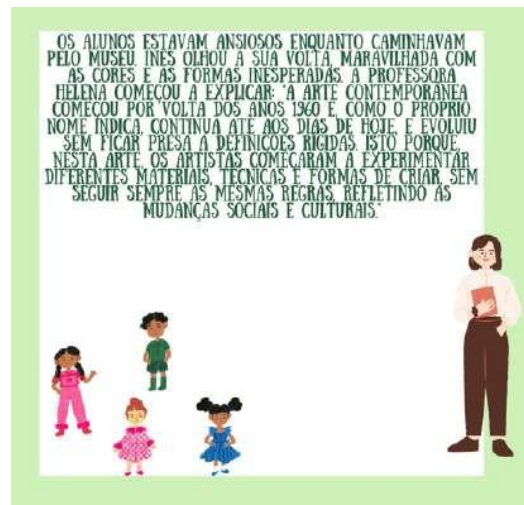
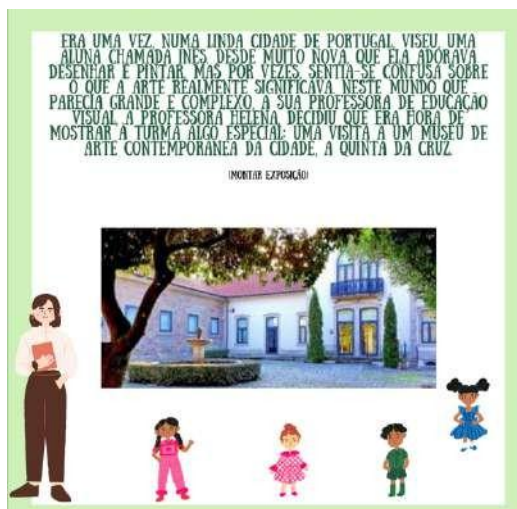
		<p>Aluno 3 (5º ano): "com as histórias é melhor do que explicar na sala de aula."</p> <p>Aluno 4 (5º ano): "é uma maneira mais eficaz de aprender."</p> <p>Aluno 5 (5º ano): "é uma maneira muito melhor do que estar a olhar para o quadro."</p> <p>Aluno 6 (5º ano): "é uma maneira mais fácil de aprender e ajudamos a entender melhor a matéria."</p> <p>Aluno 3 (6º ano): "transmitiram uma forma mais fácil de aprender."</p> <p>Aluno 4 (6º ano): "quando vi para que é que as histórias serviam senti-me muito a par da matéria."</p> <p>Aluno 5 (6º ano): "à medida que a professora foi contando, eu já comecei a entender melhor."</p> <p>Aluno 6 (6º ano): "foi uma forma de aprender."</p> <p>Aluno 1 (5º ano): "tu podes aprender com essa história a ler melhor, a treinares a leitura."</p> <p>Aluno 2 (5º ano): "vamos ter mais desenvolvimento na nossa linguagem, e aprendemos mais com a leitura."</p>	
	<p><b>Impacto no envolvimento dos alunos, perante a performance do Professor na Narração</b></p>	<p>P1- A dinamização destas atividades em contexto de sala de aula pode ser uma experiência bastante enriquecedora e envolvente.</p> <p>PE1- A forma como a história foi dinamizada... captou a atenção dos alunos.</p>	4

		<p>PE2- Notou-se que eles ficaram muito envolvidos, que perceberam tudo.</p> <p>PE2- A história estava acessível, estava adequada ao vocabulário deles.</p>	
	<b>Diferenciação e Inovação Pedagógica, nas estratégias pedagógicas.</b>	<p>Aluno 6 (5º ano): "é uma maneira de aprender que é fora do normal."</p> <p>Aluno 4 (6º ano): "Eu achei diferente, e gostei muito."</p> <p>Aluno 5 (6º ano): "Foi uma experiência boa, diferente, nunca tínhamos feito isso."</p> <p>Aluno 4 (6º ano): "estar na sala a aprender e estar a ler uma história são formas muito diferentes de aprendizagem."</p> <p>Aluno 1 (6º ano): "foi a primeira vez que eu estive a ouvir uma história na aula de educação tecnológica e educação visual."</p> <p>Aluno 3 (6º ano): "nunca tinha ouvido uma história nas aulas de educação visual e educação tecnológica."</p> <p>Aluno 4 (6º ano): "foi a primeira vez que numa aula de Educação Visual e Educação Tecnológica nós fomos ler uma história."</p>	7
Importância da formação e capacitação de Professores	Técnicas narrativas	<p>PE1- seria importante ter uma formação mais direcionada para essas questões.</p> <p>P1- Devia haver formação em técnicas e formação de contadores de histórias, era mesmo muito importante.</p>	2
	Desenvolvimento da comunicação	P1- Preparar os docentes para uma linguagem clara,	2

		expressiva e adequada aos discentes.  PC- A falta de formação nas nossas áreas é muito difícil.	
Reações dos alunos durante a apresentação da história	Expressões Faciais: surpresa e incompreensão.	Os alunos demonstraram surpresa.  Os alunos demonstraram incompreensão.	
	Reações a ponto de clímax: riso	Os alunos riram-se ou divertiram-se com a história.	
Nível de interesse Interação dos alunos com a história e com o professor	Postura/ olhar	Os alunos mostraram uma postura de interesse.  Durante a história os alunos olharam para a cena.	
	Levantar a mão para participar	Os alunos levantaram a mão para fazer perguntas ou para fazer comentários.	
	Participação em momentos interativos	Os alunos fizeram comentários relacionados às suas próprias experiências ao ouvir a história.	
	Reações de reconhecimento com a vida de outras pessoas	Os alunos fizeram conexões entre a narrativa e as suas vidas ou outros conhecimentos.	
	Sugestões de Melhoria	Aluno 2 (6º ano): "seria bom se você desse a mesma emoção que meteu com as luzes e com os quadros."  Aluno 3 (6º ano): "deve voltar a meter as luzes o som, nas próximas vezes deve também meter os elementos da história."  Aluno 4 (6º ano): "gostava que mantivesse os sons, as luzes e os quadros, porque fez	

		<p>muito sentido dentro da história."</p> <p>Aluno 5 (6º ano): "das próximas vezes deve continuar."</p> <p>Aluno 6 (6º ano): "deve usar exatamente os elementos, luzes, quadros, o tom de voz."</p> <p>Aluno 6 (5º ano): "Mais professores envolvidos a contar a história."</p> <p>Aluno 4 (5º ano): "colocar outra professora a explicar as coisas, na história."</p> <p>Aluno 6 (5º ano): "acrescentar os alunos como personagens."</p> <p>Aluno 3 (6º ano): "porque capta mais a nossa atenção, e também porque parece que estamos dentro da história." (Refere-se a manter os elementos)</p>	
--	--	--	--

## Anexo 9– História de Educação Visual



INÊS OUVIU ATENTAMENTE, MAS CONTINUAVA INTRIGADA



“ENTÃO, ANTES DISTO, COMO ERA A ARTE?”

A PROFESSORA SORRIU E EXPLICOU: “ATE AO INICIO DO SÉCULO XX, A ARTE ERA SOBRETUDO PINTURA E ESCULTURA E MUITAS VEZES TENTAVA REPRESENTAR A REALIDADE. MAS, COM A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL O MUNDO MERGULHOU NO CAOS E NA IRRACIONALIDADE E ALGUNS ARTISTAS SENTIRAM QUE PRECISAVAM DE DESAFIAR AS REGRAS TRADICIONAIS DA ARTE COMO FORMA DE PROTESTO. UM DESSES ARTISTAS FOI MARCEL DUCHAMP, QUE EM 1917, CRIOU UMA OBRA CHAMADA ‘A FONTE’.”



OS ALUNOS ABANARAM A CABECA CURIOSOS.

E A PROFESSORA CONTINUOU: “ERA UM URINOLÍO UM OBJETO COMUM, QUE ELE COLOCOU NUMA POSIÇÃO DIFERENTE DO HABITUAL. NUMA EXPOSIÇÃO DE ARTE, ASSINOU E CHAMOU DE ARTE. O QUE DUCHAMP QUERIA MOSTRAR É QUE A ARTE NÃO PRECISAVA DE SER APENAS BELA, REPRESENTAR ALGO REALISTA OU NECESSITAR DE QUALIDADE TÉCNICA. PODIA SER UMA IDEIA, UM CONCEITO. ESTE GESTO FOI REVOLUCIONÁRIO E INSPIROU MUITOS ARTISTAS MAIS TARDE, AJUDANDO A CRIAR UMA NOVA MANEIRA DE PENSAR SOBRE A ARTE.”

OS ALUNOS TROCARAM OLHARES DE SURPRESA. INÊS FRANZIU A TESTA: “ENTÃO, A ARTE PODE SER QUALQUER COISA?”



“NEM TUDO O QUE EXISTE É ARTE, MAS A ARTE PODE SER MUITO MAIS DO QUE IMAGINAMOS”, DISSE A PROFESSORA. HOJE, OS ARTISTAS EXPLORAM NOVOS MATERIAIS, TÉCNICAS E SUPORTES, UTILIZAM OBJETOS INESPERADOS E, MUITAS VEZES, DÃO MAIS IMPORTÂNCIA À IDEIA E À MENSAGEM POR TRÁS DA OBRA DO QUE À SUA EXECUÇÃO TÉCNICA.”



INÊS REFLETIU SOBRE ESTAS PALAVRAS ENQUANTO CONTINUAVA A VISITA. PAROU DIANTE DE UMA OBRA FEITA DE OBJETOS DE PLÁSTICO E PERGUNTOU: “O QUE SERIA QUE O ARTISTA QUIS DIZER COM ISTO?”



INTERAÇÃO COM A OBRA DE ANDRÉAS R. THE WORLD'S MOST DANGEROUS PREDATOR - PLASTIC 2020

INÊS QUE CONTEMPLAVA UMA OBRA FEITA DE OBJETOS DE PLÁSTICO PERGUNTOU: “O QUE SERIA QUE O ARTISTA QUIS DIZER COM ISTO?”

A PROFESSORA HELENA SORRIU E RESPONDEU: “ESTA OBRA É UMA MANEIRA DE ALERTAR SOBRE A POLUIÇÃO DOS OCEANOS. O ARTISTA UTILIZOU LIXO PARA NOS MOSTRAR QUE PRECISAMOS DE CUIDAR DO NOSSO PLANETA.”

INTRIGADA, A INÊS COMENTOU: “ENTÃO, A ARTE PODE INFLUENCIAR A FORMA COMO PENSAMOS SOBRE O AMBIENTE?”

“EXATAMENTE, INÊS. DISSE A PROFESSORA. ‘A ARTE PODE PROVOCAR MUDANÇAS NA SOCIEDADE E FAZER-NOS REFLETIR SOBRE O QUE É IMPORTANTE.’”

NO PASSAREM PARA UMA SALA ONDE UM ARTISTA HAVIA CRIADO UMA IMPRESSIONANTE INSTALAÇÃO. A INÊS FECHOU OS OLHOS E DEIXOU-SE ENVOLVER PELOS SONS DA NATUREZA. E, COMO SE ESTIVÉSSEMOS NA FLORESTA, NÃO E, PROFESSORA? EXCLAMOU.

INESTE MOMENTO HOUVO SOM E LUZES DE CORES VARIADAS



“É VERDADE, VE COMO A TECNOLOGIA TRANSFORMA A FORMA COMO SENTIMOS A ARTE?” RESPONDEU A PROFESSORA HELENA. “MAS HÁ ALGO AINDA MAIS INTERESSANTE NA ARTE CONTEMPORÂNEA: A PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO. ANTES, NOS MUSEUS, AS PESSOAS APENAS OBSERVAVAM AS OBRAS DE ARTE. HOJE, MUITAS CRIANÇAS SO FAZEM SENTIDO QUANDO O PÚBLICO INTERAGE COM ELAS. NESTA INSTALAÇÃO, POR EXEMPLO, OS SONS E O AMBIENTE SO SE COMPLETAM QUANDO CADA UM DE NÓS SE ENVOLVE E SENTE A EXPERIÊNCIA. A ARTE CONTEMPORÂNEA PRECISA DO PÚBLICO PARA EXISTIR, SEJA PARA SENTIR A OBRA, COMO PARA INTERPRETAR E CRIAR SENTIDO NA MENSAGEM DA OBRA.”



A INÊS DIRIGIU-SE A UMA PAREDE COLORIDA COBERTA DE GRAFITTI. “ISTO É ARTE URBANA, CORRETO?” QUESTIONOU. “SIM, INÊS. É UMA FORMA DE EXPRESSÃO QUE APARECE NAS RUAS E TRAZ MENSAGENS SOBRE A SOCIEDADE. ESTES ARTISTAS USAM OS MUROS E O ESPAÇO PÚBLICO PARA FALAR DO QUE REALMENTE IMPORTA.” EXPLICOU A PROFESSORA. “AS OBRAS DE ARTE DEIXAM DE ESTAR RESTRITAS A MUSEUS E PASSAMOS A ENCONTRAR ARTE, ALÉM DOS MUSEUS, EM ESPAÇOS PÚBLICOS E GALERIAS.”

INTERAÇÃO COM A OBRA DE BANIST, BALLOON, BALLOON GIRL 2022



A IDEIA DE CRIAR ALGO ESPECIAL COMEÇOU A SURTIR NA MENTE DA INÊS. DESDE PEQUENA INÊS SEMPRE SE PREOCUPOU COM O PLANETA E A PRESERVAÇÃO DA NATUREZA. GOSTAVA DE RECOLHER FOLHAS CIDAS, OBSERVAR OS PASSAROS E APRENDER SOBRE COMO PROTEGER O AMBIENTE. PARA ELA, O AMOR ESTAVA LIGADO AQUELO QUE MÃES VALORIZAVA: A NATUREZA. INSPIRADA PELA VISITA AO MUSEU, DECIDIU QUE LA CRIAR ALGO ESPECIAL. EM CASA, JUNTOU FOLHAS FIORES SECAS E PEQUENOS OBJETOS DO JARDIM, E FEZ UM CORAÇÃO QUE SIMBOUZAVA O AMOR PELA NATUREZA.



NO DIA SEQUINTE, LEVOU A SUA OBRA PARA A ESCOLA E PARTILHOU-A COM OS COLEGAS. "O QUE É PARA VÓS O AMOR?" PERGUNTOU. ESTE CORAÇÃO REPRESENTA A BELEZA DA NATUREZA E A IMPORTÂNCIA DE A PROTEGER. PARA ELA, ERA O AMOR PELA NATUREZA. PARA OUTROS, PODERIA SER A FAMÍLIA, A AMIZADE, UM SONHO OU UMA MEMÓRIA ESPECIAL. A ARTE CONTEMPORÂNEA ENSINOU-LHE QUE NÃO EXISTIA UMA ÚNICA RESPOSTA, MAS SIM MÚLTIPLAS FORMAS DE EXPRESSAR SENTIMENTOS E IDEIAS.

A PROFESSORA HELENA SORRUI SÁTISFEITA. INÊS TINHA COMPREENDIDO A ESSÊNCIA DA ARTE CONTEMPORÂNEA: QUESTIONAR, EXPERIMENTAR E DAR SIGNIFICADO PESSOAL. AQUELO QUE CRIAVA ARTISTAS, A ARTE NÃO ERA APENAS AQUELO QUE SE VIA, MAS TAMBÉM AQUELO QUE SE SENTIA E SE PARTILHAVA.



A PROFESSORA HELENA SORRUI E DISSE: É UMA IDEIA LINDA, INÊS. QUE TAL CRIARMOS UM MURAL NA ESCOLA ONDE TODOS POSSAM EXPRESSAR O QUE SENTEM? QUAL A REPRESENTAÇÃO DO AMOR PARA CADA UM? ISSAM TAL COMO NA ARTE CONTEMPORÂNEA, PODEREMOS VER DIFERENTES PERSPETIVAS E EXPERIMENTAÇÕES SOBRE O MESMO TEMA.

A INÊS ANIMADA RESPONDEU: "SIM, PODEMOS INSPIRAR-NOS NA ARTE CONTEMPORÂNEA E NOS SEUS ARTISTAS, E APLICAR AS SUAS TÉCNICAS E PENSAMENTOS / CONCEITOS QUE APRENDEMOS".

OS ALUNOS COMEÇARAM A TRABALHAR NO MURAL AO AR LIVRE. USARAM DIFERENTES TÉCNICAS: PINTURAS, COLÁGENS, TRANSFORMAÇÃO DE OBJETOS E MATERIAIS. A INÊS OBSERVOU A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO E PENSOU: A ARTE, REALMENTE UNE AS PESSOAS E ABRE NOVOS CAMINHOS PARA A CRIATIVIDADE.



O DIA DA INAUGURAÇÃO DO MURAL CHEGOU E A INÊS SENTIU-SE NERVOSA, MAS TAMBÉM ORGULHOSA. AO LADO DOS SEUS COLEGAS, APRESENTOU A OBRA À ESCOLA INTEIRA. A PROFESSORA HELENA, AO VER O ENTUSIASMO DOS ALUNOS, DISSE: "VÓS CONSEGUIMOS ALGO INCRÍVEL. USAMOS A ARTE PARA ESTIMULAR A CRIATIVIDADE E EXPLORAR NOVAS FORMAS DE EXPRESSÃO. ESTA OBRA INSPIRA-NOS A VER A ARTE COMO UM ESPAÇO DE LIBERDADE E IMAGINAÇÃO."



A INÊS, RADIANTE, RESPONDEU: "ESPERAMOS QUE SIM, PROFESSORA".

A EXPERIÊNCIA NO MUSEU E A CRIAÇÃO DO MURAL TRANSFORMARAM A INÊS. E AO OLHAR PARA O MURAL QUE TINHAM FEITO JUNTOS, ELA DISSE: "QUERO SER UMA ARTISTA. PROFESSORA, QUERO INSPIRAR OS OUTROS, A EXPLORAR A SUA CRIATIVIDADE, A EXPERIMENTAR DIFERENTES SUPORTES E TÉCNICAS E A ABRACAR A DIVERSIDADE DA POSSIBILIDADE DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA."

"ISSO É MARAVILHOSO, INÊS! A ARTE É UMA FERRAMENTA PARA A MUDANÇA", CONCLUIU A PROFESSORA HELENA, COM UM SORRISO NO ROSTO.

VITÓRIA, VITÓRIA, ACABOU A NOSSA HISTÓRIA.

## Anexo 10 - História de Educação Tecnológica

História desenvolvida no âmbito do Projeto de Investigação "O Professor contador de histórias: uma proposta pedagógica na lecionação de EV e ET."

# O movimento



Era uma vez uma menina chamada Beatriz, que frequentava o 5.º ano numa escola cheia de aventuras. A Beatriz era uma aluna tranquila, mas havia um problema: quando a professora de Educação Tecnológica pediu para fazer um desenho sobre algo que ela gostasse, a Beatriz sentiu-se perdida.

Olhou para a folha em branco e pensou:

"Não sei fazer nada que goste. Não consigo!"

A professora, sempre atenta, percebeu a tristeza de Beatriz e insistiu: "Beatriz, tenta. Não precisa de ser perfeito, só tem de ser teu!"

Com um suspiro, Beatriz pegou num lápis e começou a fazer uns "riscos" desordenados na folha. *(pego numa folha A3 e faço uns riscos)* "Isto não é nada", murmurou, amuada. Mas a professora, ao ver o que Beatriz tinha feito, exclamou: "Maravilhoso! Este desenho é muito especial! Assina-o, Beatriz!" *(assina a folha).*



Ainda sem compreender a razão de tanto entusiasmo, Beatriz assinou a sua "riscalhada". No dia seguinte, ficou em estado de choque ao entrar na sala de aula. O seu desenho estava emoldurado numa moldura dourada, em cima da secretária da professoral. *(meto uma moldura na folha).*



A professora sorriu e começou a explicar à turma: "Neste desenho estão representados vários movimentos que observamos no nosso dia a dia. nem nos apercebemos, a Beatriz conseguiu captá-los no seu desenho. Vamos explorar juntos!" *(vou fazendo o que a ação diz, aponto para o desenho da Ana e tento exemplificar com o ioiô)*

A professora apontou para uma linha reta que Beatriz tinha desenhado. "Isto pode representar um carro que se move em linha reta na estrada. E, assim como um ioiô que sobe e desce, esse é um movimento retilíneo."

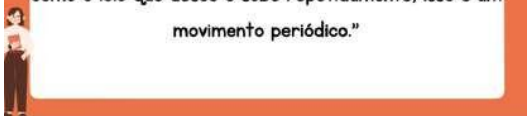


A professora referiu uma linha que parecia mover-se de um lado para o outro. "Vêm esta parte? É como o movimento de um pêndulo de um relógio e também como o meu ioiô quando eu o balanço: vai e vem sem parar." O movimento oscilatório.



Ao mostrar uma curva bonita que Beatriz havia feito, a professora disse: "Isto representa uma bicicleta a fazer uma curva. E se pensarmos no ioiô a fazer círculos enquanto abana, temos o movimento curvilíneo."

A professora explicou também, o que era um movimento que se repetia em intervalos regulares. "Pensem na roda de uma bicicleta que roda sempre, a cada volta, vemos sempre o mesmo padrão! Assim como o ioiô que desce e sobe repetidamente, isso é um movimento periódico."



A professora continuou: "Quando algo se move a uma velocidade constante, como um comboio que corre em linha reta sem parar, isso é um movimento uniforme. O ioiô também pode ter esse movimento quando se mantém uma velocidade constante ao puxá-lo."

Para o movimento acelerado, a professora disse: "Se um carro acelera ao sair de um semáforo, ele está a aumentar a sua velocidade—isso é um movimento acelerado! E o ioiô acelera quando o lançamos para baixo e ele rapidamente sobe!"



A Beatriz ficou fascinada e sentiu-se especial. E pensou: "eu consigo fazer um desenho ainda melhor do que aquele". Meteu mãos à obra e com um sorriso no rosto, começou a trabalhar ainda mais nos seus desenhos, agora cheios de vida, mostrando todos aqueles movimentos e associando-os a objetos do seu quotidiano. Nuns desenhos fez o movimento retilíneo, quando desenhava a luz de um farol, ou o movimento oscilatório quando desenhava um menino a andar no baloiço, ou até o movimento curvilíneo, quando desenhava a roda gigante da feira popular. E quando os colegas da Ana olhavam para os seus desenhos parecia mesmo, que os desenhos tinham movimento.



A sua nova paixão pelos diferentes movimentos fez com que os seus trabalhos brilhassem! A escola decidiu fazer uma exposição dedicada às suas obras. Todos os alunos estavam a elogiar os trabalhos da Beatriz, e ela estava tão entusiasmada que não conseguia parar de sorrir.



Durante a exposição, Beatriz reparou que um menino a observava com atenção. Ele parecia envergonhado e, finalmente, aproximou-se e disse: "Gostava de saber desenhar como tu, mas não sei."

A Beatriz sorriu com ternura e respondeu: "Tu consegues! Pega numa folha branca e experimenta! O mais importante é que te divirtas a sentir o movimento das coisas à tua volta, como o loiô a dançar nas tuas mãos."



E assim, aquele dia mágico transformou a vida de Beatriz. Através dos seus desenhos, ela tinha descoberto a magia do movimento, e a alegria de inspirar os outros a expressarem-se. Beatriz aprendeu que, às vezes, tudo o que precisamos é de dar o primeiro passo e deixar que a criatividade flua, como um pássaro a voar livre no céu.

E foi assim que Beatriz se tornou uma aluna, cheia de ideias e paixão, e nunca mais olhou para uma folha em branco da mesma maneira. E, claro, todos sabiam que o movimento estava em cada risco, cada curva e cada sorriso.

